

Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Organizador

MUITOS POR UM

—*—

DE PREFÁCIO A POSFÁCIO



MUITOS POR UM

DE PREFÁCIO A POSFÁCIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Reitor

José Jackson Coelho Sampaio

Vice-Reitor

Hidelbrando dos Santos Soares

Editora da UECE

Erasmio Miessa Ruiz

Conselho Editorial

Antônio Luciano Pontes
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso
Francisco Horácio da Silva Frota
Francisco Josénio Camelo Parente
Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes
Liduína Farias Almeida da Costa
Lucili Grangeiro Cortez
Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos
Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Marcony Silva Cunha
Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge
Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

Conselho Consultivo

Antônio Torres Montenegro (UFPE)
Eliane P. Zamith Brito (FGV)
Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP)
Manuel Domingos Neto (UFF)
Maria do Socorro Silva Aragão (UFC)
Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR)
Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ)
Túlio Batista Franco (UFF)

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

MUITOS POR UM

DE PREFÁCIO A POSFÁCIO

1ª Edição

Fortaleza - CE

2015



MUITOS POR UM: DE PREFÁCIO A POSFÁCIO

© 2015 *Copyright by* Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Paranajana, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60740-000 – Tel: (085) 3101-9893. FAX: (085) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Coordenação Editorial

Erasmus Miessa Ruiz

Diagramação e Capa

Narcelio de Sousa Lopes

Imagem da Capa

Pela Janela - *Ved Vinduet* (1881) - Hans Olaf Heyerdahl
Oslo - *Nasjonalgalleriet* - (Painel a óleo - 46 x 38 cm)

Revisão de Texto

Marcelo Gurgel

Ficha Catalográfica

Larisse Macêdo de Almeida CRB 3 / 1276

M922 Muitos por um: de prefácio a posfácio / Marcelo Gurgel Carlos da Silva
(Org.). Fortaleza: Editora da UECE, 2015.
186p. il.
ISBN: 978-85-7826-314-0

1. Livros. 2 Escritos I. Marcelo Gurgel Carlos da Silva.

808.88

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem autorização expressa do autor.

ORGANIZADOR

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Doutor e mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP.

Pós-Doutor em Economia da Saúde pela Universidade de Barcelona-Espanha.

Professor titular de Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Professor do Doutorado em Saúde Coletiva AA UECE/UFC/Unifor.

Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Saúde Coletiva da UECE.

Fundador e ex-coordenador do Mestrado Acadêmico em Saúde Pública e do Curso de Medicina da UECE.

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Câncer do Ceará.

Médico aposentado da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará.

Membro titular da Academia Cearense de Medicina.

Membro titular da Academia Brasileira de Médicos Escritores.

Sócio da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Ceará.

Sócio do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Membro da Sociedade Médica São Lucas.

AUTORES

Adib Domingos Jatene

Cirurgião Cardiovascular. Professor titular da USP. Ex-Secretário da Saúde de São Paulo e ex-Ministro da Saúde. Falecido em 14/11/2014.

Aloísio Lorscheider

Frade franciscano. Filósofo. Teólogo. Doutor. Ex-presidente da CNBB. Ex-arcebispo de Fortaleza e de Aparecida. Cardeal da Igreja Católica. Falecido em 23/12/2007.

Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg

Pneumologista. Historiadora. Mestre em História. Membro efetivo da Academia Cearense de Medicina. Escritora. Sócia da Sobrames/CE. Administra três blogs.

Anastácio de Queiroz Sousa

Infectologista. Doutor. Professor associado da UFC. Coordenador do Núcleo de Medicina Tropical da UFC. Ex-Secretário de Saúde do Estado do Ceará.

Artur Eduardo Benevides

Poeta e escritor. Príncipe dos poetas cearenses. Professor aposentado da UFC. Ex-Presidente da Academia Cearense de Letras. Falecido em 21/09/2014.

Brendan Coleman Mc Donald

Padre Redentorista. Assessor da CNBB - Região Nordeste-2. Psicólogo. Teólogo. Doutor. Professor titular aposentado da UFC. Escritor.

Carlos Augusto Pereira Viana

Jornalista e escritor. Crítico literário. Mestre em Letras. Professor adjunto da UECE. Imortal da Academia Cearense de Letras.

Carlos Mauro Cabral Benevides

Advogado. Deputado federal e ex-Senador da República. Escritor. Orador. Imortal da Academia Cearense de Letras e Cearense de Retórica e sócio do Instituto do Ceará.

Celina Côrte Pinheiro

Médica ortopedista e traumatologista. Escritora. Colaboradora de jornais locais. Imortal da Academia de Letras dos Municípios. Presidente da Sobrames/CE.

Cid Sabóia de Carvalho

Advogado. Radialista. Professor. Ex-Senador da República. Escritor. Orador. Imortal das Academias Cearense de Letras e Cearense de Retórica e sócio do Instituto do Ceará.

Dalgimar Beserra de Menezes

Patologista. Livre docente. Professor aposentado da UFC. Escritor. Sócio da Sobrames/CE.

Elsie Studart Gurgel de Oliveira

Professora. Escritora. Memorialista, cronista e contista. Técnica em Assuntos Educacionais. Falecida em 25/07/2013.

Epifânio Menezes de Oliveira

Médico Veterinário. Professor aposentado da UECE. Ex-Presidente da Academia Cearense de Medicina Veterinária.

Fernando José Pires de Sousa

Estatístico. Doutor e pós-doctor. Professor Associado da UFC. Dirigente da Associação Brasileira de Economia da Saúde (ABRES).

Francisco de Assis Moura Araripe

Administrador. Mestre. Ex-Diretor do Centro de Estudos Sociais Aplicados, ex-Vice-Reitor e Ex-Reitor da UECE. Professor aposentado da UECE.

Francisco Einstein do Nascimento

Tenente Coronel Farmacêutico do Exército Brasileiro. Formação de Oficial Farmacêutico da Escola de Saúde do Exército. Detentor de várias condecorações.

Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves

Reumatologista. Professor aposentado da UFC. Membro efetivo da Academia Cearense de Medicina. Sócio da Sobrames/CE. Ex-Secretário de Saúde do Estado do Ceará.

Gilmar de Carvalho

Jornalista e teatrólogo. Doutor. Professor aposentado da UFC. Escritor. Especialista em cultura popular.

Giselda Medeiros

Professora. Poeta e escritora. Crítica literária. Princesa dos poetas cearenses. Imortal da Academia Cearense de Letras

Ivan de Castro Alves

Empresário e escritor. Sócio e benemérito do Instituto do Câncer do Ceará (ICC). Voluntário masculino da Rede Feminina do ICC.

José Jackson Coelho Sampaio

Médico-sanitarista. Doutor. Professor Titular, ex-Diretor do Centro de Ciências da Saúde, ex-Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa e atual Reitor da UECE.

José Maria Barros Pinho

Professor. Poeta e escritor. Político. Imortal da Academia Cearense de Letras. Falecido em 28/04/2012.

José Murilo Martins

Hematologista. Professor titular aposentado da UFC. Imortal da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense de Medicina e sócio do Instituto do Ceará. Escritor.

Lúcio Gonçalo Alcântara

Infectologista. Professor aposentado da UFC. Político. Ex-Governador do Ceará. Imortal da Academia Cearense de Letras e sócio do Instituto do Ceará. Escritor.

Manassés Claudino Fonteles

Farmacologista. PhD. Pós-doctor. Professor titular aposentado da UFC. Professor titular e ex-Reitor da UECE. Pesquisador do CNPq. É da Academia Nacional de Medicina.

Manfredo Thomaz Ramos

Monsenhor. Teólogo. Filósofo. Doutor. Ex-Diretor da Faculdade Católica de Fortaleza. Imortal da Academia Cearense de Letras.

Manoel Dias da Fonseca Neto

Médico sanitaria e epidemiologista. Mestre. Ex-Coordenador de Promoção e Proteção à Saúde-SESA. Ex-Secretário da Saúde de Fortaleza. Escritor. Sócio da Sobrames/CE.

Márcia Gurgel Carlos Adeodato

Jornalista e assessora de comunicação aposentada. Especialista em Comunicação. Ex-ombudsman de O Povo.

Maurício Gomes Pereira

Médico epidemiologista. PhD. Consultor do Ministério da Saúde. Professor Emérito da Universidade de Brasília

Paula Frassinetti Castelo Branco Camurça Fernandes

Nefrologista. Doutora. Médica do Hospital Universitário da UFC. Pesquisadora. Professora adjunta do Curso de Medicina da UECE.

Paulo Cesar Alves Carneiro

Cirurgião oncológico. Doutor e livre docente. Professor da Faculdade de Medicina da UFRJ. Imortal da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro e da ABRAMES.

Paulo Evaristo Arns

Frade franciscano. Filósofo. Teólogo. Doutor. Ex-presidente da CNBB. Ex-arcebispo de São Paulo. Cardeal emérito da Igreja Católica. Paladino dos direitos humanos no Brasil.

Paulo Gurgel Carlos da Silva

Pneumologista. Escritor. Fundador e ex-presidente da Sobrames/CE. Administra cinco blogs.

Pedro Henrique Saraiva Leão

Proctologista. Professor aposentado da UFC. Escritor e poeta. Imortal da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense de Medicina.

Pedro Sisnando Leite

Economista. Vice-presidente do Instituto do Ceará. Professor Titular de Economia (aposentado) do CAEN/UFC. Técnico e consultor aposentado do BNB.

Thereza Maria Magalhães Moreira

Enfermeira e Advogada. Doutora e pós-doctor. Professora da UECE e Pesquisadora do CNPq.

Viliberto Cavalcante Porto

Anatomista. Professor titular aposentado da UFC. Educador médico. Consultor educacional da UECE. Imortal da Academia Cearense de Medicina.

Apresentação

Em 1982, aos 29 anos, publicamos o nosso primeiro livro. Esse foi o ponto de partida de uma série que nos levou a alcançar a marca de oitenta livros publicados em 2014, quando contávamos com 61 anos de idade.

Em 2002, vinte anos decorridos do feito original, quando chegamos ao trigésimo livro, lançamos *Via Literarum*, que, do seu apresentador Artur Eduardo Benevides, mereceu as seguintes palavras: “... repete em seu livro, como uma luminosa legenda, as palavras de Tchekhov, o grande mestre de conto russo: ‘a medicina é minha esposa; a literatura, minha amante’. E esse binômio encontra realmente grande significação em sua vida.”

A partir dessa obra, em que reunimos trinta textos de diferentes gêneros literários, rompemos uma prática que estava vinculada à produção técnica e científica, passando a escrever temas literários que foram escoados em livros, contudo sem comprometer a produção intelectual requerida de professores e pesquisadores participantes de programa de pós-graduação.

A maior parte de nossos livros contém a manifestação de autores convidados a se expressar em prefácio, apresentação, orelhas, quarta capa e/ou posfácio. Esses convites foram sempre efetuados de modo comedido e afeitos a *expertise* de cada colaborador, tendo em mente a contribuição que agregasse valor à obra, bem como favorecendo à decisão do leitor em acessar o seu conteúdo.

Como tributo a esses gentis colaboradores, que foram tão generosos em suas apreciações para com a nossa produção, deliberamos reunir nesta coletânea quarenta contribuições, observando a seguinte composição quantitativa: prefácio (28), apresentação (2), orelhas (5), quarta capa (2) e posfácio (2).

Elas se referem a 39 livros nossos, selecionados entre os publicados entre 2002 e 2015, sendo redigidas por 37 autores, já que um dos autores, o magnífico Reitor Jackson Sampaio assina quatro trabalhos.

Enfim, como organizador deste livro, ao coligir tais peças escritas no presente volume, tem-se, indiretamente, uma visão de nossa produção intelectual, configurando, também, um retorno que se presta ao cidadão comum da parte de um servidor público.

Prof. Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Médico, economista e professor universitário

Prefácio

SUMÁRIO

Apresentação.....	
<i>Marcelo Gurgel Carlos da Silva</i>	
PREFÁCIO	
<u><i>Prof. Erasmo Miessa Ruiz</i></u>	
1 “Via Literarum”	
<i>Artur Eduardo Benevides</i>	
2 “Construção do saber em saúde coletiva”	
<i>José Jackson Coelho Sampaio</i>	
3 “Frei Lauro Schwarte e os anos iluminados do Otávio Bonfim”	
<i>Aloísio, Cardeal Lorscheider</i>	
4 “Teias teóricas e metodológicas da saúde coletiva”	
<i>José Jackson Coelho Sampaio</i>	
5 “Educação Médica no Ceará”	
<i>Anastácio de Queiroz Sousa</i>	
6 “Qualidade do Programa Saúde da Família no Ceará: uma avaliação multidimensional”	
<i>José Jackson Coelho Sampaio</i>	
7 “Dom Aloísio Lorscheider: doutor <i>honoris causa</i> da UECE”	
<i>Paulo Evaristo, Cardeal Arns</i>	
8 “Observatório Médico: crônicas e ensaios do cotidiano”	
<i>Viliberto Cavalcante Porto</i>	

- 9 “Medicina da UFC 1977-2007: 30 anos da Turma Prof. José Carlos Ribeiro”
Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves
- 10 “Dos Canaviais aos Tribunais: a vida de Luiz Carlos da Silva”
Márcia Gurgel Carlos Adeodato
- 11 “Otávio Bonfim, das Dores e dos Amores: sob o olhar de uma família”
Paulo Gurgel Carlos da Silva
- 12 “Em Louvor: aos homens e às suas ideias”
Lúcio Alcântara
- 13 “Curso de Medicina da UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008)”
Francisco de Assis Moura Araripe
- 14 “Curso de Medicina da UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008)”
José Jackson Coelho Sampaio
- 15 “Smile: tributo à memória do Prof. Eilson Goes”
Dalgimar Beserra de Meneses
- 16 “Glossário de gestão em saúde: terminologia para uso na gestão”
Manoel Dias da Fonseca Neto
- 17 “I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: textos e contextos”
Mons. Manfredo Thomaz Ramos
- 18 “Falando com arte”
Carlos Mauro Cabral Benevides

- 19 “Tempos de guerra e de paz: ensaios da vida”
Carlos Augusto Viana
- 20 “Revelações de um *maquisard*”
Gilmar de Carvalho
- 21 “Contando causos: de médicos e de mestres”
Pedro Henrique Saraiva Leão
- 22 “Embates & combates: por boas e intrigantes causas”
José Maria Barros Pinho
- 23 “Portal de Memórias: Paulo Gurgel, um médico de letras”
Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg
- 24 “Temas de economia da saúde III”
Fernando José Pires de Sousa
- 25 “Vivências de um economista da saúde”
Pedro Sisnando Leite
- 26 “Haroldo Juaçaba: tempo, espaço, ação”
Ivan de Castro Alves
- 27 “Refazendo o caminho: passado e presente de uma família” ..
Epifânio Menezes de Oliveira
- 28 “Medicina, meu humor”
José Murilo Martins
- 29 “Medicina da UFC 1977-2012: jubileu de coral da Turma Prof.
José Carlos Ribeiro”
Elsie Studart Gurgel de Oliveira
- 30 “Fortaleza: de encantos e (des)encantos”
Cid Sabóia de Carvalho

- 31 “Medicina na Uece: a década que levou ao máximo”
Adib Domingos Jatene
- 32 “Medicina na Uece: a década que levou ao máximo”
Manassés Claudino Fonteles
- 33 “Estórias esculapianas”
Giselda Medeiros
- 34 “Hipertensão arterial: nós críticos epidemiologia e cuidados clínicos”
Paula Frassinetti Castelo Branco Camurça Fernandes
- 35 “Ideias circulantes”
Thereza Maria Magalhães Moreira
- 36 “Meia-volta, volver!”
Francisco Einstein do Nascimento
- 37 “Religio”
Pe. Brendan Coleman McDonald
- 38 “Saúde Pública: 500 questões comentadas para provas e concursos”
Mauricio Gomes Pereira
- 39 “Palavras em lançamentos de livros”
Paulo Cesar Alves Carneiro
- 40 “Ordinário, marche!”
Celina Côrte Pinheiro

1 VIA LITERARUM: incursões despretensiosas no mundo das letras

Artur Eduardo Benevides

Presidente da Academia Cearense de Letras

Via Literarum



INCURSÕES DESPRETENSIOSAS
NO MUNDO DAS LETRAS

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA é umas das inteligências mais operosas e brilhantes que conheço, destacando-se através de seu profundo interesse pela ciência e pela literatura, setores em que vem demonstrando, com a maior largueza, os seus conhecimentos e invejável talento.

Médico e economista, é pós-doutor em economia da saúde, com mestrado em outras áreas do saber, sendo professor titular da UECE, onde ministra inúmeras disciplinas ligadas à saúde, além de orientar alunos em monografias e dissertações diversas. Membro da Sociedade Brasileira de Cancerologia e da Associação Nacional de Medicina no Trabalho, é pesquisador credenciado pelo Conselho Nacional de Pesquisa, integra outras entidades de prestígio e se dedica totalmente aos estudos, já tendo publicado vinte e nove livros, obtendo expressivos prêmios por seus excelentes trabalhos.

Ele repete em seu livro, como uma luminosa legenda, as palavras de Tchekhov, o grande mestre de conto russo: “a medicina é minha esposa; a literatura, minha amante”. E esse binômio encontra realmente grande significação em sua vida.

E por ter esse espírito amplo e dinâmico, no difícil e exigente terreno da cultura, tem dado largos passos em sua caminhada científica e literária, como se vê claramente em seu novo livro – VIA LITERARUM – com muitas crônicas por vezes deliciosas, por vezes profundas, revelando a sua extraordinária percepção do ser e do mundo.

Tive a honra de conhecer, de perto, o seu inesquecível pai, Luiz Carlos da Silva, meu colega de turma, na

Faculdade de Direito, e de quem guardo uma grande saudade, por sua dignidade, espírito fraternal e amor aos estudos.

O filho ilustre – Marcelo Gurgel – segue-lhe os passos e honra a memória daquele que, com simplicidade dos sábios, soube engrandecer a vida.

VIA LITERARUM possui páginas com assuntos e temas para todos os gostos. É livro fadado ao sucesso e tenho certeza de que, com ele, Marcelo demonstra sua rica visão do mundo, merecendo elogios.

Que siga em frente, com seu indiscutível talento e capacidade de criar. Muitas de suas crônicas, pela boa qualidade do conteúdo, merecem releitura.

Ele é um escritor na melhor acepção da palavra. Um incansável servidor da cultura cearense, com seu incessante e valioso trabalho intelectual.

Gostei do livro. Parabéns!

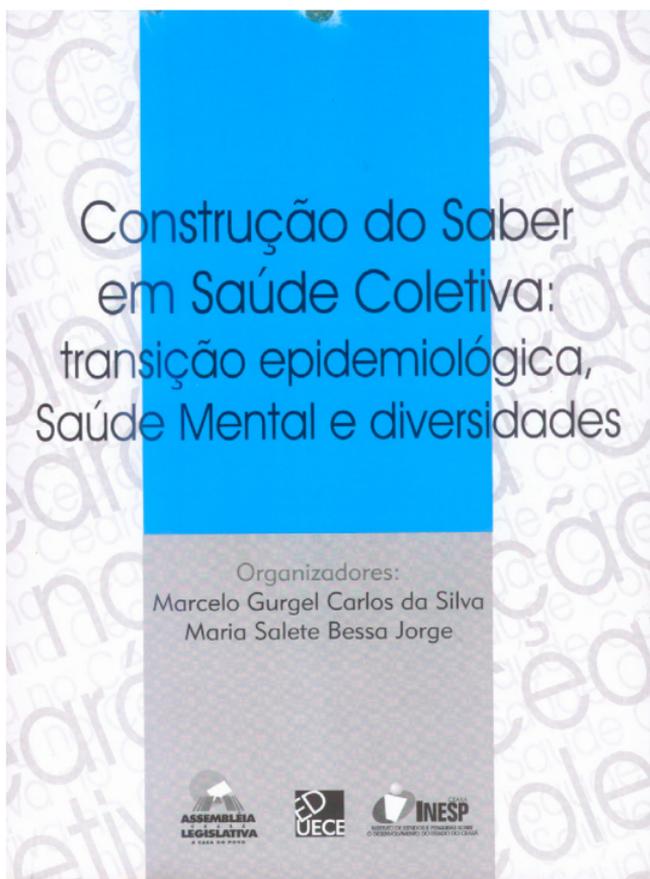
**Apresentação In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Via Literarum: incursões despreziosas no mundo das letras. Fortaleza: Expressão, 2002. 170p.*

Nota: Apresentação disposta nas orelhas do livro. O escritor usou uma versão mais longa no discurso de apresentação da obra.

2 CONSTRUÇÃO DO SABER EM SAÚDE COLETIVA

José Jackson Coelho Sampaio

*Professor Titular em Saúde Pública e Pró-Reitor de Pós-
Graduação e Pesquisa/UECE*



O livro que apresentamos ao público leitor, estudantes de graduação e de pós-graduação, professores e pesquisadores, trabalhadores e administradores do campo da saúde pública, é o 10º de uma série exigente e plena de êxito, a Coleção Saúde Coletiva no Ceará, fruto de parceria entre a Universidade Estadual do Ceará-UECE, por interesse direto de seu Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública-CMASP, além da mediação da Editora da UECE, e a Assembléia Legislativa do Estado do Ceará-ALEC, por interesse direto de seu Instituto de Estudo e Pesquisa sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará-INESP.

O campo da Saúde Pública, hoje, inclui saberes técnicos específicos, como a Epidemiologia, assim como todos aqueles, mas práticos ou mais teóricos, descritivos ou explicativos, que possam oferecer conhecimento crítico e níveis analíticos adequados a objetos históricos multiterminados, como o são o processo saúde/doença na sociedade e as políticas públicas de saúde. Deste modo são arregimentadas a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Comunicação, a Educação, a Ciência Política, a Demografia, o Planejamento e a Administração, por um lado, e a Biologia, a Fisiologia, a Genética e a Etiologia, por outro lado. O presente livro traduz esta diversidade, apontando-a até no subtítulo.

Na Parti I, a transição epidemiológica é tratada em seus impactos na transição em saúde, nos indicadores de saúde e nas políticas mundiais de saúde, acrescentando-se um estudo de caso que tem por objeto a mortalidade em

Fortaleza, Ceará, nos 20 anos que vão de 1978 a 1998.

Na Parte II, emerge uma das grandes preocupações do CMASP que é o dimensionamento da Saúde Mental Coletiva, tanto no campo teórico, da relação entre saberes e práticas; como no campo profissional, das contribuições da Enfermagem e da Terapia Ocupacional, por exemplo: no campo dos problemas emergentes, destaque para o trágico desempenho social do alcoolismo entre adolescentes; até os temas ligados às políticas de saúde mental, destaque para a implantação geral da reforma psiquiátrica no Ceará e no desenvolvimento das ações de saúde mental no âmbito da atenção primária.

Finalmente, na Parte III, demonstram, a rigor, a extraordinária diversidade alcançada pela saúde pública, a tematização crítica das questões de saúde bucal, de saúde do trabalhador, de sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, do diagnóstico precoce de câncer, da avaliação de programas assistenciais e de formação, da violência urbana e do controle social via participação popular nos conselhos de saúde.

Os 14 capítulos originais envolvem 24 autores, dos quais dois são colaboradores externos ao programa de mestrado, 15 são alunos e ex-alunos e sete são professores pesquisadores. Exceto por cinco capítulos, de autoria exclusiva de professor pesquisador, os outros nove praticam a parceria orientador/orientando, em tudo enriquecedora da vida acadêmica e do desempenho do programa.

Este livro se destina a profissionais de saúde, individual e coletiva; a planejadores, gestores e gerentes de

sistemas e serviços de saúde; a políticos, pesquisadores e interessados em geral. Nada é melhor que trabalhar, refletir criticamente sobre o próprio trabalho, publicar e aperfeiçoar, continuamente, nossos saberes e práticas. Sejam todos bem-vindos ao uso destes textos consistentes e bem escritos.

** Apresentação In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; JORGE, Maria Salete Bessa (org.). Construção do saber em saúde coletiva: transição epidemiológica, saúde mental e diversidades. Fortaleza: Ed. INESP/ EdUECE, 2002. 400p.*

3 FREI LAURO SCHWARTE E OS ANOS ILUMINADOS DO OTÁVIO BONFIM

Aloísio, Cardeal Lorscheider

Arcebispo Emérito de Aparecida



*Frei Lauro
Schwarte*

e os anos iluminados
do Otávio Bonfim

ORGANIZADORES
MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA
ELSIE STUDART GURGEL DE OLIVEIRA

Quando em agosto de 1973 cheguei a Fortaleza, era vigário cooperador na igreja das Dores, no Otávio Bonfim, o Frei Lauro Schwarte. A sua especialidade era trabalhar com a juventude. O convento franciscano de Otávio Bonfim regorritava de jovens. O Pe. Lauro, alto forte, sizado, atraía a juventude. Desdobrava-se para ajudar os jovens num bairro nada rico, onde os jovens muitas vezes nem lugar tinham para os seus estudos. Ora, Frei Lauro, com a licença do Superior do Convento e pároco da paróquia, acolhia os jovens, orientava-os, fornecendo-lhes também o ponto ideal para se prepararem bem para a vida.

Quando o Frei Lauro foi transferido, não me lembro mais para onde, criou-se um vazio. Eu, como Arcebispo, senti esta transferência. Embora outros frades continuassem o trabalho de Frei Lauro, não eram mais Frei Lauro. As pessoas têm um carisma especial. É difícil comunicar aos outros este carisma. A pessoa não estando mais presente, a obra perde, de alguma forma, o seu elan.

Não consegui acompanhar toda a vida de Frei Lauro. Apenas sei que ele fez o bem por onde passou. A homenagem que lhe está sendo prestada através do livro do Dr. Marcelo Gurgel é justa. Focalizar personalidades faz bem, sobretudo, para a nossa juventude atual, que tanto sofre com impactos negativos que lhe vêm de pessoas frustradas na vida.

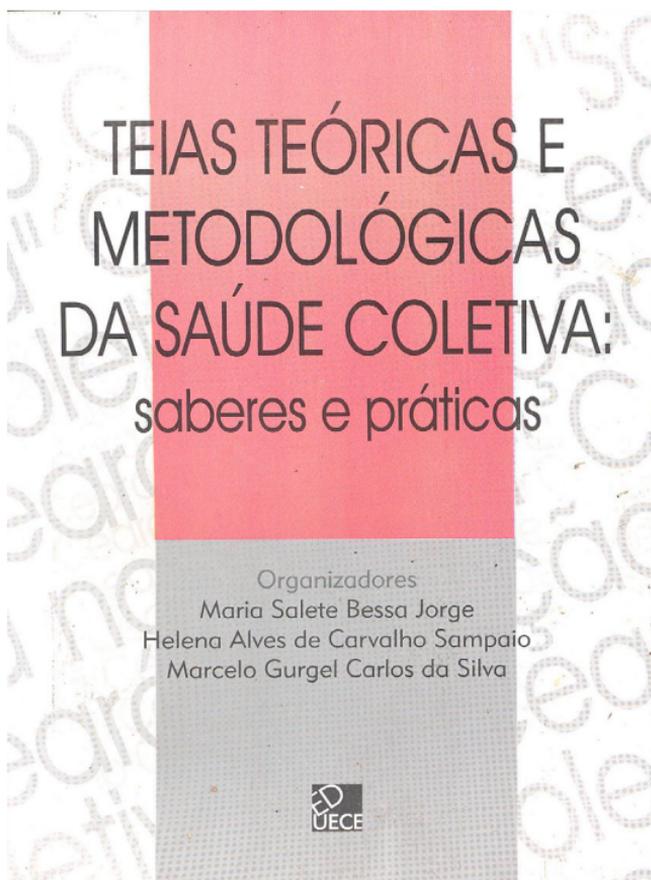
Hoje, embora a vida seja bastante diferente do passado e vivida :muito superficialmente, é possível, inspirando-se em personalidades como Frei Lauro, enfrentar a situação e ter boa influência no ambiente. O mundo necessita hoje espelhar-se em pessoas de valor.

Orelha In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; OLIVEIRA, Elsie Studart Gurgel de (org.). Frei Lauro Schwarte e os anos iluminados do Otávio Bonfim. Fortaleza: Expressão, 2004. 164p.

4 TEIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA SAÚDE COLETIVA: saberes e práticas

José Jackson Coelho Sampaio

Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UECE



Dando continuidade à Série Saúde Coletiva no Ceará, o Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, do Centro de Ciências da Universidade Estadual do Ceará, oferece um novo livro, cada vez mais aprimorado a atividade articulada de ensino e pesquisa, focada na formação de Mestres em Saúde Pública.

São 12 capítulos, distribuídos em seis seções, todos apresentando a co-autoria orientador/mestrando e todos extraídos dos elementos contextualizadores de dissertações. A coordenadora do curso tomou a sábia decisão de propor aos pesquisadores e aos alunos que, simultaneamente com a preparação do relatório final de pesquisa para fins de defesa, preparassem dos textos: um, em forma de artigo, com elementos originais do trabalho, seus resultados, discussões e considerações finais; outro, em forma de capítulo de livro, com introdução, levantamento de literatura, debate teórico geral e contextualização histórica.

Este 13º número da Série traduz, de modo exemplar, o esforço. Saúde Bucal Coletiva, Saúde Mental Coletiva, Nutrição em Saúde Coletiva, Saúde e Trabalho, Aproximações Metodológicas e Saberes e Práticas em Saúde encontram-se muito bem representados. A redação é competente, a linguagem é comunicativa, a estrutura dos textos é adequada, os temas são importantes e as lógicas de superação dos problemas encontrados são muito maduras.

Pesquisadores, estudantes, trabalhadores, gestores, sindicalistas e políticos encontrarão aqui inúmeras possibilidades de apropriação. Afinal de contas, estes são objeti-

vos de uma pós-graduação pública, gratuita, de qualidade, vinculada à formação acadêmica, sem perder de vista os serviços e as práticas: auxiliar na produção de um conhecimento autônomo e adequado à nossa realidade, oferecer parâmetros críticos aos cidadãos usuários, individualmente, e àqueles organizadores em torno dos dispositivos de controle social. A mesa ágape está posta. Sirvam-se.

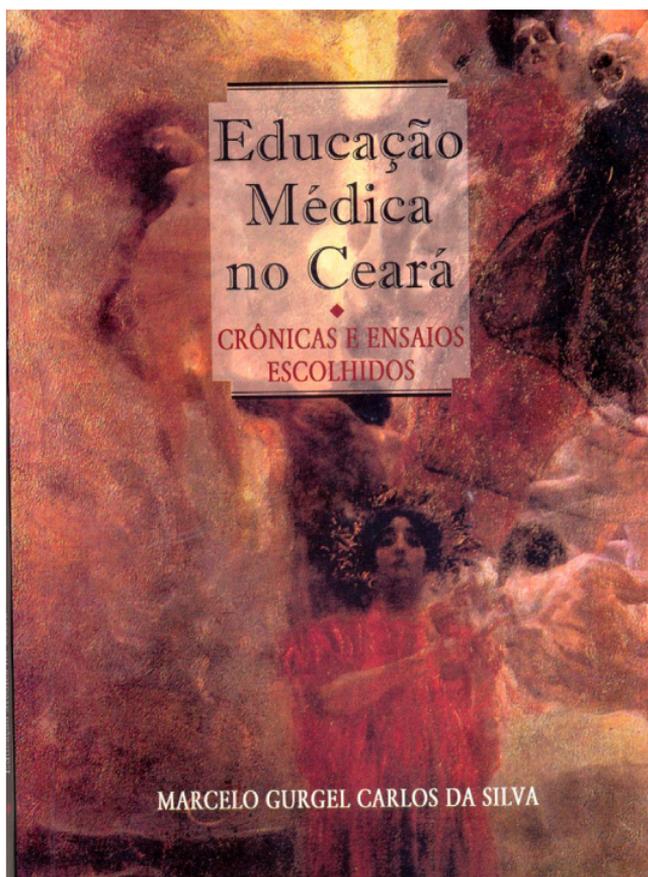
**Apresentação In: JORGE, Maria Salete Bessa; SAMPAIO, Helena Alves Carvalho; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). Teias teóricas e metodológicas da saúde coletiva: saberes e práticas. Fortaleza: EdUECE, 2004. 251p.*

5 EDUCAÇÃO MÉDICA NO CEARÁ

Anastácio de Queiroz Sousa

Coordenador do Núcleo de Medicina Tropical da UFC

Ex-Secretário de Saúde do Estado do Ceará



Educação Médica no Ceará, do Prof. Marcelo Gurgel, é, indiscutivelmente, um trabalho consistente, detalhado, rico em informações relevantes sobre o ensino médico neste Estado, tendo tudo para preencher uma lacuna que dificilmente seria ocupada por outro autor.

O livro é fruto da dedicação do Prof. Marcelo, das suas qualidades como escritor, da habilidade que tem para trabalhar informações e, sobretudo, resulta do seu interesse pelo ensino e da sua vontade de dividir conhecimentos com outras pessoas.

Educação Médica no Ceará está sendo disponibilizado em um momento bastante oportuno, pelo surgimento de novos cursos médicos e pela perspectiva da criação de outros, no âmbito estadual.

Nesta sua obra, o Professor Marcelo Gurgel faz uma reflexão sobre os mais diferentes aspectos do ensino médico, no Ceará: como e porque surgiram os cursos de medicina, a viabilidade desses cursos, o esforço dos alunos para obtenção de êxito nos exames vestibulares, bem como as facilidades daqueles que, sem esforço pessoal e sem qualificação, valendo-se apenas de uma ação na justiça, conseguem, de modo injusto e não ético, uma vaga nos cursos médicos, passando por cima do mais básico princípio constitucional: o de que todos são iguais perante a lei.

É importante ressaltar, neste livro, a rica discussão que promove acerca dos vários aspectos da residência médica, bem como das suas implicações, nessa área de pós-graduação, com a criação dos novos cursos de medicina.

Em resumo, a leitura da obra é muito agradável e, apesar de ter começo, meio e fim, é possível ler os seus capítulos, em separado, com uma compreensão bem clara de cada tema.

Por suas qualidades, *Educação Médica no Ceará* deve ser lido e relido por quantos forem interessados nessa importante área da educação.

* *Orelhas In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Educação médica no Ceará: crônicas e ensaios escolhidos. Fortaleza: Expressão, 2005. 150p.*

6 QUALIDADE DO PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA NO CEARÁ: uma avaliação multidimensional

José Jackson Coelho Sampaio

Professor Titular em Saúde Pública e Diretor do CCS-UECE

Mauro Serapioni

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

QUALIDADE DO PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA NO CEARÁ

— 2005 —

uma avaliação multidimensional



Ed
UECE

O livro que Mauro Serapioni e Marcelo Gurgel Carlos da Silva, professores do Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública-CMASP da Universidade Estadual do Ceará-UECE, oferecem a estudantes, pesquisadores, gestores e trabalhadores do campo da saúde coletiva, demonstra, com consistência e rigor, a importância transcendente da avaliação permanente, processual, das políticas públicas em saúde.

Há um momento histórico, seguido de um momento teórico e, por fim de um momento empírico, com relato de experiências, que retro-alimenta a teoria, no caminho histórico da saúde coletiva no Ceará. Sobretudo fala da atenção primária de saúde, entendida como porta de entrada do sistema de saúde e instância resolutive por si, pela estratégia saúde da família, que envolve promoção, prevenção, educação e vigilâncias.

Ninguém mais, - seja pertinente à iniciativa privada ou estatal, de natureza pública ou liberal; seja pertinente às várias orientações político-partidárias ou político-ideológicas; seja pertinente às várias escolas teóricas, estruturalistas, funcionalistas ou historicistas, de orientação positivista ou dialética, - nega ou restringe a necessidade da avaliação como parte dos processos técnicos e políticos do planejamento e da gestão. Avaliar está bem entranhado na consciência de quem pratica política pública, mas existem os tempos de Governo, os tempos do Estado, os tempos das necessidades sociais buscando satisfação e os tempos das visões de mundo que orientam as escolhas, daí decorrer grande diversidade de modelos, de procedimentos e de ferramentas.

O sentido mais geral de avaliação implica na realização de um julgamento de valor a respeito do resultado de uma intervenção, ou de qualquer um dos componentes de uma intervenção, com o objetivo de apoiar novas tomadas de decisão, juízo este baseado em lógica normativa ou em lógica científica. O planejamento, como prática permanente do Estado, a partir da Revolução Soviética, e a adesão a soluções setoriais desta racionalidade global, por parte dos países ocidentais, a partir do fim da II Guerra Mundial, colocaram a avaliação no centro das necessidades. O Estado foca a eficácia dos gastos públicos, buscando o ótimo dos investimentos em educação, geração de empregos, saúde.

Nos anos de 1970, os ciclos de inflação/deflação, estagnação/crescimento e estagnação/inflação, associados a grandes movimentos políticos reivindicando cidades saudáveis e população com melhor qualidade de vida, torna-se imperativo avaliar o papel do poder público no financiamento das ações sanitárias e dos serviços de saúde, tanto nas economias centrais, avançadas, como nas periféricas, dependentes, associadas ou marginais. Mas a complexidade dos problemas de saúde, devido às grandes zonas de incerteza que existem nas relações entre os problemas de saúde e as intervenções susceptíveis de resolvê-los, entre as potencialidades das tecnologias médicas e as expectativas crescentes das populações, torna as decisões particularmente difíceis, tensas, ambíguas.

Primeiramente houve a pretensão de medir resultados, depois de descrever como as intervenções podem atingir seus resultados, em seguida de como julgar os re-

sultados à luz de objetivos, metas e investimentos. Hoje sabemos que a avaliação também constitui um processo político de negociação entre os atores envolvidos na intervenção, sobre o necessário, o percebido e o esperado. Deste modo a avaliação pode fornecer informação para melhorar uma intervenção em seu decorrer, pode determinar os efeitos de uma intervenção para decidir se ela será mantida total ou parcialmente, pode contribuir para o progresso dos conhecimentos e da elaboração teórica. E os atores terão interesses em concordância, contraditórios e até antagônicos, daí a essência política da avaliação, com as fragilidades e subjetividades daí decorrentes.

Os autores contam esta história no caso Ceará, explicitam os elementos da avaliação normativa (estrutura, processo, resultado, norma) e da pesquisa avaliativa (estratégia, intervenção, implantação, produtividade, efeito, rendimentos, fundamentos teóricos, pertinência, atores envolvidos, contradições a serem enfrentadas), identificam os principais autores que orientam os debates e explicitam nossas experiências, superando a dicotomia quantidade/qualidade. No final das contas, quantidade é a dimensão mensurável do real e qualidade é a dimensão não mensurável do real (valores, sentidos) e é impossível entender o real sem articular estas dimensões.

Avalia-se, aqui, a experiência real do programa saúde da família como estratégia de atenção primária. Estamos atingindo a complexidade da estratégia ou, no máximo, instalamos a atenção básica, a porta de entrada no sistema de saúde, ambos inexistentes até há pouco tempo? A

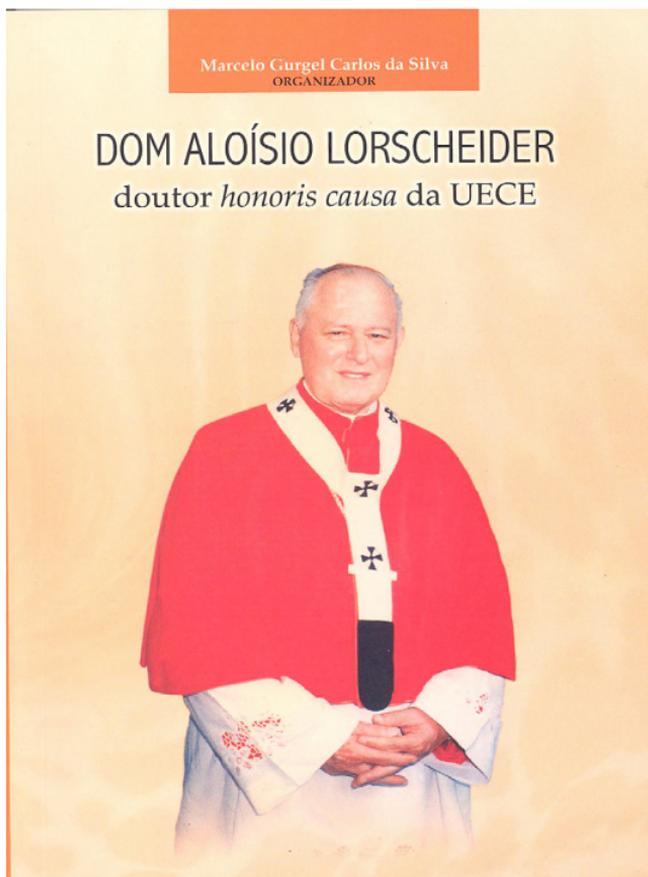
segunda alternativa já constitui um sucesso assombroso, dado os tenros 15 anos de SUS em país continental, profundamente desigual, pleno de iniquidades e dívidas sociais históricas, com grande população total e grande população de miseráveis.

Parabéns aos autores pela qualidade do texto e pelos fundamentos científicos arregimentados para produzi-lo.

** Prefácio In: SERAPIONI, Mauro; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Qualidade do Programa Saúde da Família no Ceará: uma avaliação multidimensional. Fortaleza: Edições UECE, 2006. 98p.*

7 DOM ALOÍSIO LORSCHIEDER: doutor *honoris causa* da UECE

Paulo Evaristo, Cardeal Arns
Arcebispo Emérito de São Paulo



Conheço Dom Aloísio Lorscheider há 50 anos, quando ambos éramos responsáveis, na Ordem Franciscana a que pertencemos, pela formação de novos padres, cada um na respectiva Província da Ordem no Sul do Brasil. Naquela época, durante o período de férias escolares, fui designado para ministrar cursos de aperfeiçoamento para Professores, organizados pelo Ministério da Educação fora de Petrópolis. Pedi então a Frei Aloísio que cuidasse dos meus estudantes – que eram numerosos – durante minha ausência. No retorno à casa, meus seminaristas, que eram muito vivos e interessados, contaram-me que propuseram ao novo Professor toda sorte de questões sobre a Teologia, em geral, mas especialmente sobre Deus e Nossa Senhora, assim como sobre a convivência com seus futuros paroquianos, após a ordenação. A clareza, a profundidade e a simplicidade de Frei Aloísio marcaram, para sempre, todos esses jovens teólogos, que tiveram a graça de passar por duas vezes o período das férias com ele.

Durante meus estudos na França, tive a sorte de passar dez dias em Roma, em companhia dos padres novos da Ordem Franciscana confiados a Frei Aloísio. Todos eles tinham palavras de louvor a respeito do notável Frei, que nunca perdia a amabilidade e a calma, mesmo quando devia mostrar alguma falta, algum erro ou deficiência em seus estudantes que, então, eram provenientes de todos os países do mundo.

Logo depois que – já então Bispo – Dom Aloísio foi transferido de sua primeira jurisdição, para Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, tive a graça de passar uns dias na-

quela Diocese gaúcha e sentir o imenso benefício que um santo pode operar em pouco tempo!

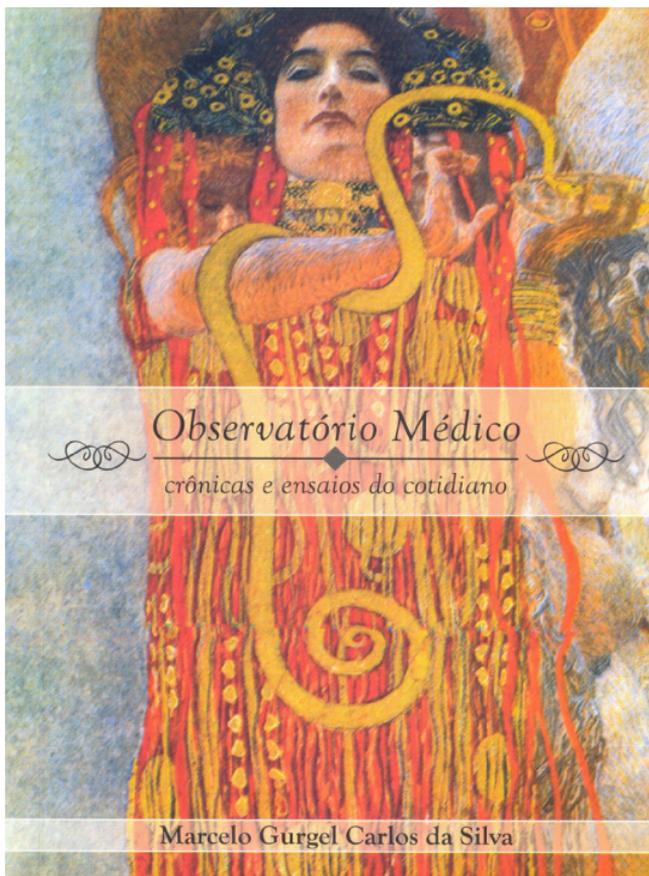
Acompanhei Dom Aloísio quando ele recebeu o chapéu cardinalício em Roma, sendo então Arcebispo de Fortaleza. E me alegrei com todos os demais Bispos do Brasil, quando foi eleito Presidente da Conferência Episcopal, a nossa CNBB. Estávamos em um período especialmente difícil no Brasil, e Dom Aloísio soube aplicar os seus dons em todos os encontros com as autoridades, que não tratavam bem a Igreja Católica. Jamais poderemos agradecer a organização e a orientação pastoral que ele, com seu primo Dom Ivo Lorscheiter, levaram a bom termo. Com eles na direção, a CNBB tornou-se ponto de referência para Bispos, Presbíteros, Religiosos, Leigos e pessoas de boa vontade.

O Cardeal Dom Aloísio Lorscheider foi e continua sendo apóstolo da justiça, da paz e da solidariedade humana tanto no Ceará, quanto no Brasil inteiro e, quem sabe, também no mundo.

** Depoimento para a quarta capa In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Dom Aloísio Lorscheider: doutor honoris causa da UECE. Fortaleza: EdUECE/LCR, 2005. 128p.*

8 OBSERVATÓRIO MÉDICO

Viliberto Cavalcante Porto
Da Academia Cearense de Medicina



À GUIA DE PREFÁCIO

Sensibilizou-me profundamente. o Prof. Marcelo Gurgel, ao me distinguir com a incumbência de encaminhar a seus leitores mais um livro de sua já tão significativa produção literária.

De índole e espírito irrequietos, imaginação fértil e inteligência brilhante, não se conforma, não se detém face a obstáculos ou dificuldades. Tudo vence para expandir seus espaços, como que a libertar-se e alçar novos vôos. Os beneficiados somos nós. De início surpreendia-nos sua rápida e intensa produtividade. Atualmente, a cada lançamento, ficamos nós, seus fiéis leitores, aguardando expectantes o próximo. E, esta nova criação de sua mente fértil mais uma vez nos surpreende.

Ao tentar colher um flash do conjunto de “crônicas e ensaios do cotidiano” (médico), que compõem o “Observatório Médico”, acudiu-me a sensação de uma revoada de pombos, alevantados de uma praça que atravessamos, os quais, embora dispersos em rápidos zigzagues, mantêm a coesão do bando.

Os primeiros quatro trabalhos colecionados enfocam aspectos médicos e sociais de endemias prevalentes na comunidade brasileira e local, importantes como determinantes de saúde individual e coletiva.

Seguem-se estudos referentes a: problemas na declaração de óbito, em Fortaleza; registro no Ceará com controle de qualidade e conceitos e definições, do Câncer; formação de cancerologistas no Brasil e a notícia da ins-

talação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Câncer/ICC, traduzindo a seriedade de seus trabalhos de investigação científica.

Encontram-se, ainda, temas que prendem a atenção abordando: Saúde Ocupacional; Educação Médica incluindo novos cursos de medicina, Residência Médica, qualidade de médicos; seguro médico versus Código de Hamurabi; entidades médicas; uma nota alusiva ao injusto olvido do juramento de Hipócrates, assim como da Faculdade de Medicina do Ceará e de seus fundadores, pelos formandos atuais.

Encera a coletânea com o merecido reconhecimento pela relevante contribuição dos “escritores médicos” e “médicos escritores” abrigados na Seção do Ceará da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e na Academia Cearense de Letras, favorecendo a cultura do nosso Estado.

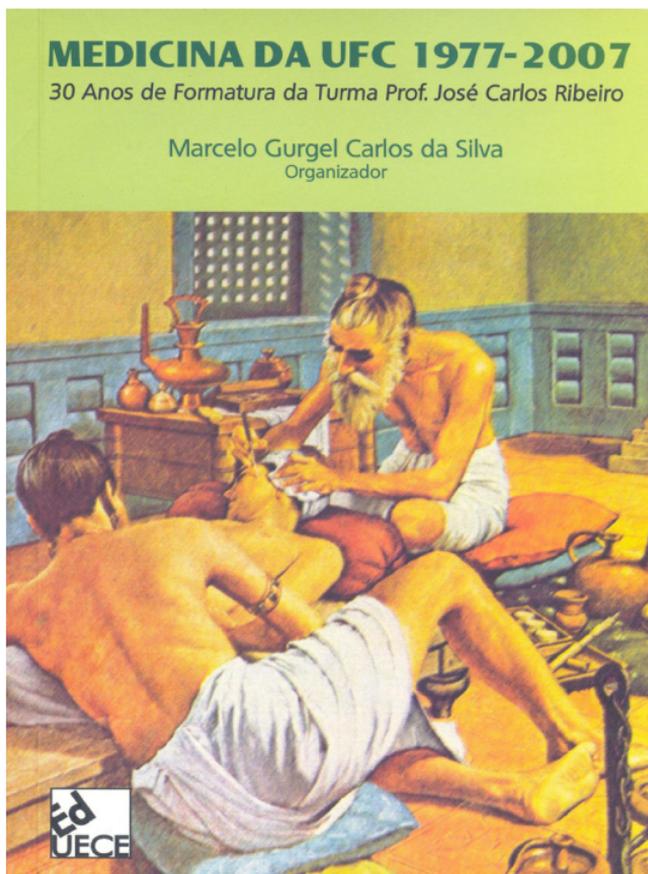
Afianço-lhes que a leitura é atraente e estimulada pela riqueza de informações preciosas que entremeiam a prosa simples em cada tema, o que nos deixa compensados pela oportunidade de tê-las a nosso dispor.

**Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Observatório médico: ensaios e crônicas do cotidiano. Fortaleza: Edições UECE, 2007. 140p.*

9 MEDICINA DA UFC 1977-2007: 30 anos da Turma Prof. José Carlos Ribeiro

Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves

Patrono da Turma de Médicos da UFC-1977



AMIGOS PARA SEMPRE, seria subtítulo apropriado para esse registro cartorial que Marcelo Gurgel Carlos da Silva “organizou”, à maneira das sesquicentenárias “memórias históricas” publicadas a cada ano, pelas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia.

Mas que se enfatize principalmente o carinho emprestado a tudo que ali se contém; como frontispício, desde a filial *Dedicatória*, à poesia *maternal* de nossa querida Maria Roseli Monteiro, que Callado é o esposo, deslumbrado por tão bela e brilhante esposa que Deus lhe deu.

A *Apresentação* de Marcelo faz logo antever o espetáculo de Ciência, Amor e Saudade que tomará cada página lida, ou *olhada* na rica quão comovente iconografia.

Fastigioso seria enumerar todos e a cada assunto que Marcelo houve por bem colocar em perfeita escolha e sequência. Mas seria excessiva modéstia, mesmo injusta, não registrar aqui minha condição de Patrono da Turma, fruto da extrema generosidade de jovens de trinta anos decorridos, que anteviram solidariedade em seu Diretor, que era do Centro de Ciências da Saúde de nossa sempre querida UFC.

Vivíamos turbulenta instalação de reforma universitária que se dizia inovadora, por perpetrar dois grandes pecados: extinguir a Cátedra – e a hierarquia natural e benéfica do *MÉRITO*; outro, também a extinção da tradicional seriação dos cursos, através da matrícula por disciplina, que justamente pretendia, *subrepticamente*, impedir a convivência de *AMIGOS PARA SEMPRE* e a consciência de *TURMAS* e sua força política.

Para mim, firmemente creio, que a *TURMA DE 77* distinguiu o Geraldo Gonçalves naquele momento, *administrador*, não em oposto campo, senão quem estava imbuído em plena certeza, do espírito que a todos congregava – administradores, servidores, professores e alunos – da tarefa una e única, de “educar e ser educado”, não somente de “instruir e ser instruído”.

Não posso pensar doutro modo,

* *Orelhas In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). Medicina da UFC 1977-2007: 30 anos de formatura da Turma Prof. José Carlos Ribeiro. Fortaleza: Edições UECE, 2007. 192p.*

10 DOS CANAVIAIS AOS TRIBUNAIS: a vida de Luiz Carlos da Silva

Márcia Gurgel Carlos Adeodato

Jornalista e assessora de comunicação



DOS CANAVIAIS AOS TRIBUNAIS

A vida de Luiz Carlos da Silva

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Márcia Gurgel Carlos Adeodato

Organizadores



O LEGADO DE LUIZ CARLOS DA SILVA

O legado de Luiz Carlos da Silva, ao longo de oito décadas de existência, não pode ser medido por palavras, números ou mesmo benquerença. Para nós, seus filhos, a esposa, amigos, ex-colegas da turma de 1947 da Faculdade de Direito do Ceará, o mestre não pode ser esquecido enquanto suas obras persistirem. E suas obras são imateriais. Este livro registra a nossa grande admiração por ele.

Da infância entre os canaviais de sua terra natal, Acarape, até os tribunais, como promotor, por alguns anos, mas principalmente como advogado que sempre escolhia o lado dos mais oprimidos, Luiz Carlos da Silva percorreu uma longa estrada. Também como professor, de sua própria escola, o Instituto Padre Anchieta, e depois no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), ele ajudou a formar gerações. Homem culto, apesar da aparente simplicidade, não se negava a “dois dedos de prosa” com os vendedores do Mercado São Sebastião, onde gostava de comprar mantimentos para o lar de onze filhos e a esposa Elda, mas sabia, ao mesmo tempo, nivelar-se em erudição com os doutores da lei.

Esta publicação resgata a história de Luiz Carlos, a quem somos gratos pela maior herança que um pai pode deixar para seus filhos: o conhecimento. Não que tenhamos a pretensão de alcançar a vasta cultura por ele acumulada. Papai também ensinava pelo exemplo de retidão. Jamais compactuou com a injustiça e qual Quixote a enfrentar moinhos de vento, enveredou pela política na esperança de ajudar a melhorar o País. Não logrou êxito

nas urnas, mas nem assim ele se abateu. Era um otimista incorrigível.

Em cada página aqui assinalada fica patente um sentimento comum a todos nós: saudade. Recordar é trazer de volta a memória dos que partiram. Assim, nós o temos ainda menino, no verde canavial do Sítio Pau Branco, vencendo a légua que o separava da escolinha primária, mais adiante, como aluno dedicado do Colégio Cearense, nos bancos da Escola de Comércio Padre Champagnat e no respeitável Curso de Direito, que fez dele o advogado vocacionado que era. Muito mais haveria a dizer do nosso pai, mas, deixamos que os possíveis leitores acompanhem conosco as páginas deste livro despretenso e pleno de carinho.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; ADEODATO, Márcia Gurgel Carlos (org.). Dos canaviais aos tribunais: a vida de Luiz Carlos da Silva. Fortaleza: Edições UECE, 2008. 192p.*

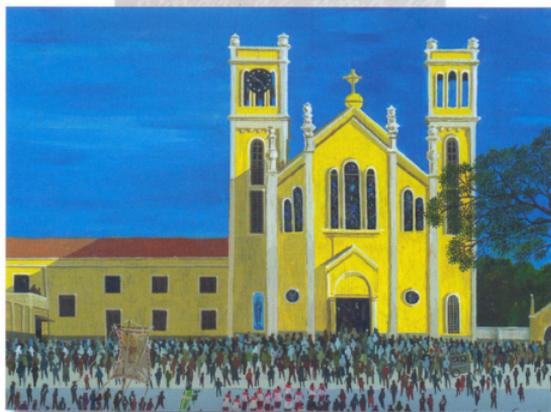
11 OTÁVIO BONFIM, DAS DORES E DOS AMORES: sob o olhar de uma família

Paulo Gurgel Carlos da Silva

Médico e escritor

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

OTÁVIO BONFIM, DAS DORES E DOS AMORES *Sob o olhar de uma família*



Para a entrada em cena da família Gurgel Carlos, podemos considerar o ano de 1946. Quando o jovem Luiz, da família Carlos da Silva, que havia recém-fundado o seu Instituto Padre Anchieta, no bairro Otávio Bonfim, e a sua aluna Elda, uma prendada moça da família Gurgel Coelho, que já morava nesse bairro de Fortaleza, foram ambos atingidos pelas setas de Cupido. Daí advindo que, no ano seguinte, o casal contraísse núpcias e fosse fixar residência na rua Justiniano de Serpa, onde já funcionava o citado instituto educacional.

Dos treze filhos gerados pelo casal, os nove primeiros receberam as boas-vindas neste modesto imóvel de dupla finalidade; os quatro últimos, numa casa (enfim) própria, para onde a família se mudou em 1958, situada na rua Domingos Olímpio, nas proximidades da estação ferroviária do bairro. Só muito adiante, em 1996, com vários de seus integrantes já casados e/ou residindo em outros bairros e em outras cidades, foi que o núcleo da família se transferiu de Otávio Bonfim.

Feitas as contas, conclui-se que o bairro Otávio Bonfim e a família Gurgel Carlos mantiveram um consórcio que durou meio século. Com Dores e Amores de permeio. E de que restaram muitas e muitas reminiscências, aqui reavivadas e transformadas em livro por Marcelo, da família Gurgel Carlos. No qual nossos ascendentes, os vizinhos e amigos, os tipos pitorescos da época e nós mesmos somos os seus personagens reais; no contexto de um bairro chamado (não oficialmente) de Otávio Bonfim com seus logradouros, suas moradias, sua igreja (com os fran-

ciscanos frades de origem alemã) e sua estação ferroviária.

Baseado em fatos vivenciados e levantados (porém, cuidadosamente conferidos) por Marcelo, que escreve em estilo claro e apurado, o livro é um repositório de informações sobre o bairro e sobre a nossa família. A se juntar – com destaque – a outros títulos, como “Anos Dourados em Otávio Bonfim...”, de Vicente Moraes, “Frei Lauro Schwarte...”, de Marcelo Gurgel, “Dos canaviais aos tribunais...”, organizado por Marcelo e Márcia Gurgel (sobre a vida de nosso pai), entre as obras que privilegiam, do ponto de vista historiográfico, o bairro Otávio Bonfim e a família Gurgel Carlos.

* *Orelhas In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Otávio Bonfim, das dores e dos amores: sob o olhar de uma família. Fortaleza: Edições UECE, 2008. 144p.*

12 EM LOUVOR: aos homens e às suas ideias

Lúcio Alcântara

Professor aposentado da UFC. Ex-Governador do Ceará



Marcelo Gurgel Carlos da Silva

... EM LOUVOR
aos homens e às suas ideias



Marcelo Gurgel é uma natureza inquieta e produtiva. Médico pós-graduado em saúde pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, contribuiu de forma valiosa para desenvolver, entre nós, a estatística em saúde, mormente na Secretaria de Saúde do Estado e no Instituto do Câncer do Ceará. Produziu trabalhos científicos no campo de sua especialidade, enveredou pelo magistério médico, tendo colaborado com várias iniciativas no campo da qualificação profissional continuada e da pós-graduação, junto a instituições de saúde do Estado e ao Instituto do Câncer do Ceará.

Não satisfeito com o sucesso profissional, revelou-se infatigável fazedor de livros que extrapolam o campo restrito de sua atuação profissional, para abranger outras áreas de interesse da sociedade. Disciplinado, e sobretudo atento ao que se passa ao seu redor, em jornais ou livros, escreve com frequência sobre temas do cotidiano, memórias, a cidade e suas estórias, história da Medicina e da Igreja Católica no Ceará, reverenciando vultos e personalidades de destaque na comunidade.

É nessa última linha que nos brinda com “Em louvor aos homens e às suas idéias” onde traça o perfil de personalidades, especialmente na medicina, de vivos ou mortos, cuja participação na vida cearense merece o registro de sua pena fiel e minuciosa. Produzidos para publicação pela imprensa, ou a título de discursos enunciados em ocasiões solenes, os textos, agora reunidos em livro, ganham maior visibilidade, contribuindo para a divulgação da nossa história, em relação à qual somos, em geral, la-

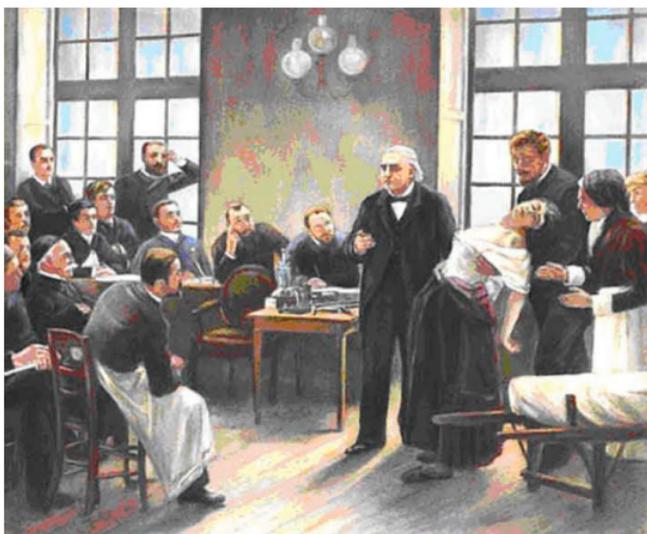
mentavelmente displicentes. É para corrigir essa tendência que Marcelo Gurgel oferece este bem elaborado painel da vida cearense, através do estudo da trajetória dessas eminentes personagens.

* *Quarta capa In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Em louvor: aos homens e às suas idéias. Fortaleza: Edições UECE, 2008. 128p.*

13 CURSO DE MEDICINA DA UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008)

Francisco de Assis Moura Araripe

Reitor da UECE



CURSO DE MEDICINA DA UECE
CONCEPÇÃO, CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO (2002-2008)

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA



Vem à luz, mais um livro do Prof. Marcelo Gurgel Carlos da Silva, com o título: “Curso de Medicina da UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008)”.

A obra, com vários artigos, alguns deles já veiculados na mídia, além de outras contribuições, colocadas como anexos, e mais uma parte reservada aos registros iconográficos, foi construída aos poucos e em paralelo ao tempo em que nascia, crescia e se consolidava o Curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará.

A leitura dessa preciosa coletânea torna-se quase que obrigatória para quantos se interessam em conhecer a vibrante trajetória desse curso médico, aprovado à época em que o Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles na Reitoria da UECE, tendo-me, ao seu lado, como vice-reitor da instituição, o qual contrariando todas as expectativas de dificuldades no seu desdobramento, tomou corpo e se firmou como uma das mais promissoras iniciativas no campo da educação superior do Estado do Ceará, dos tempos atuais.

Usando dos seus pendores intelectuais para escrever, e isso sem se apagar da natural aptidão para atribuir juízo de valor aos mais diversos acontecimentos que permeiam o universo médico, o Prof. Marcelo Gurgel, com raro senso de oportunidade, soube reunir suas melhores produções no trato da matéria, enfeixando-as em um livro que não serve apenas de registro dos fatos ocorridos nesses seus últimos anos, mas que tem a pretensão de homenagear os médicos concludentes de 2008, integrantes da Turma Prima, a primeira a sair da UECE e já às vésperas de se lançar no mercado profissional, com excelentes perspecti-

vas, mercê da formação acadêmica recebida, que não dissocia a Ciências da Tecnologia; e a Ética do Compromisso Social.

Um trabalho dessa natureza, tão simples na sua feição gráfica, guarda uma riqueza que não pode ser medida em número de caracteres, posto servir de fonte inspiradora para muitas gerações que virão a seguir, decididas a fazer essa mesma caminhada, em busca da titulação de médico, a serviço da comunidade.

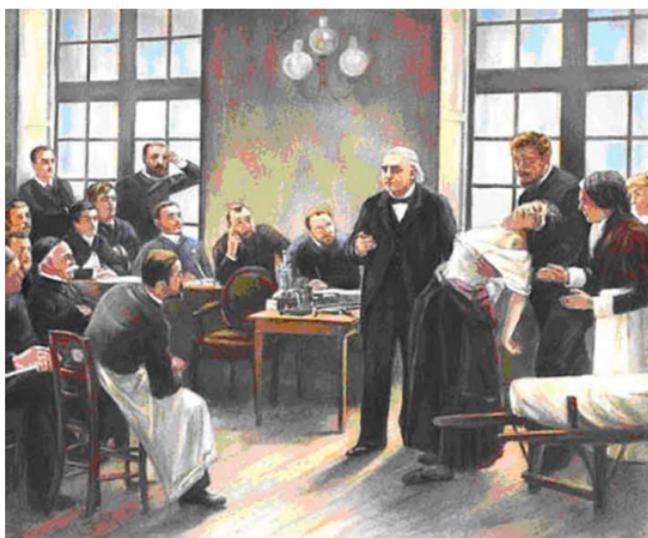
De parabéns estão portanto os leitores desta obra, por mais essa contribuição do Professor Marcelo Gurgel, emprestada à ciência, à educação e às letras deste Ceará livre e vitorioso.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Curso de Medicina da UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008). Fortaleza: Editora da UECE, 2009. 140p.*

14 CURSO DE MEDICINA DA UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008)

José Jackson Coelho Sampaio

Diretor do Centro de Ciências da Saúde



CURSO DE MEDICINA DA UECE
CONCEPÇÃO, CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO (2002-2008)

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA



A prática médica contemporânea, nas condições sócio-sanitárias brasileiras, numa moldura de fortes investimentos em sistema público de cuidados, com saúde entendida como direito, exige a incorporação de tecnologias comunicacionais, relacionais, políticas, preventivas, promocionais, educacionais e terapêuticas de grande diversidade.

Isto significa que a formação volta a ser tutorial, artesanal, refinada e longa, o que, diante dos custos, nos diz que somente o poder público tem condições de realizar, sobretudo se considerarmos que a profissão médica, atuando nos campos da saúde coletiva, deve integrar Carreira de Estado.

A Universidade Estadual do Ceará, com estes princípios estabelecidos, gerou seu Curso de Medicina: pequeno (entrada anual de 40 alunos), com diálogo prático teórico vinculado ao sistema estadual de atenção terciária e ao sistema municipal de atenção básica/secundária, matriz curricular baseada na produção de um especialista em medicina geral comunitária e de família.

A UECE sabe que o conhecimento da última técnica cardíocirúrgica e da última descoberta da neurociência caminham lado a lado com o olhar filosófico, a compreensão das ciências sociais e o comportamento modulado pelos saberes psicológicos.

Vários setores sociais, os governos, as administrações universitárias e as instituições médicas têm discutido a criação de cursos de Medicina, no Ceará, mas sem oxigenar o debate de modo amplo e sem gerar um consenso

mínimo sobre a qualidade dos argumentos e das soluções propostas. Alguns políticos movem-se com a costumeira lógica reativa a emergências e parte da mídia registra só a cumeieira do debate, quando sobra espaço entre escândalos político-financeiros e eventos da vida das celebridades.

O tema é complexo e nele cabem alguns destaques: 1- A expansão do número de profissionais médicos, a par com a sobrevivência digna no mercado de trabalho e sua fixação fora dos grandes centros urbanos. 2- O redimensionamento qualitativo do processo de trabalho no Sistema Único de Saúde. 3- O redimensionamento qualitativo da formação. O paradigma de formação médica mudou e, sem perda da competência de tratar e reparar, urge formar um médico capaz de planejar e administrar, articular-se interdisciplinarmente, dialogar com os saberes populares, respeitar a participação de lideranças leigas nas decisões sanitárias, desenvolver tecnologias educacionais, promover saúde, prevenir transtornos e apoiar-se nas ciências do meio ambiente. Não basta multiplicar o modelo atual de formação, mas de redimensioná-lo radicalmente.

Desde 1997, estimulada por discussões internas e sinais positivos oriundos do governo estadual, a UECE estudou o assunto e acumulou debate. O que temos instalado já atenderia a 60% dos créditos necessários à formação médica. Os Hospitais Estaduais e o Programa de Saúde da Família, facilmente puderam ser articulados em rede pela UECE, uma instituição capilarizada no interior e que já dispõe de quatro mestrados na área da saúde - Saúde Pública, Ciências Fisiológicas, Saúde da Criança

e do Adolescente, Cuidados Clínicos em Saúde – e um Doutorado – Saúde Coletiva. As crises de 1998 nos exigiram prudência e reduzimos o ritmo de elaboração do projeto, retomando-o em 2002. Hoje, temos um curso pujante, integrado ao Centro de Ciências da Saúde, oferecendo 40 vagas anuais, do primeiro ao sétimo processo vestibular já realizado, o que garante o necessário artesanato da formação, e sem qualquer conflito com outras propostas. Nosso projeto é estruturado em uma grade curricular, uma política de formação e uma filosofia generalista, interdisciplinar e sanitária, condizentes com as exigências modernas da saúde coletiva cearense.

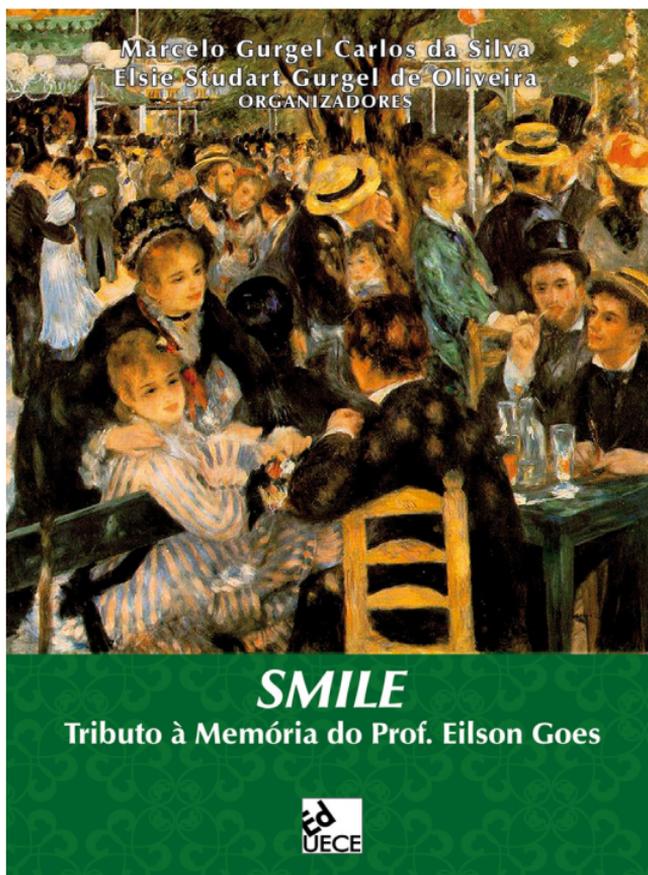
Marcelo Gurgel Carlos da Silva, em seus textos, ao calor da hora, narrou a saga das tentativas de aproximar estas idéias da realidade prática oferecida pelo Estado do Ceará ao ensino médico, nesta empreitada tão nova, tão árdua e tão criativa, de criação e implementação do Curso de Medicina da UECE.

* *Orelha In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Curso de Medicina da UECE: concepção, criação e implantação (2002-2008). Fortaleza: Editora da UECE, 2009. 140p.*

15 “SMILE”, um tributo à memória de Eilson Goes de Oliveira

Dalgimar B. de Menezes

Patologista. Professor do Depto. de Patologia e Medicina Legal-UFC



O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA *VERSUS* VAUTRIN: DUELO DE ALMAS

Um dia, faz tantos, vinha eu dirigindo um esforçoado e operoso fusca branco pela Avenida João Pessoa – então com trânsito livre em duas mãos – e não sei bem mais onde, provavelmente aos entornos do prédio da Reitoria da UFC, reconheci à calçada uma jovem estudante de Medicina, que me pediu carona; freei o diligente e dei-lha. Viemos conversando água de quartinha e miolo de pote, ela muito educada, muito cortês, também eu. Acabamos falando do currículo, das aulas, dos professores. Ela consultou suas anotações, seu cronograma, viu quais aulas eu estava agendado para dar, e largou lá sua verdade nuda e cruda:

– Você não devia dar essas aulas não. Quem sabe dar aulas é o professor Eilson. Ele é que devia dá-las...

Era aí pelo ano de 1971 ou 1972, sobrenome dela era Swan – vai essa chave para quem tencionar identificá-la. A observação foi sobremaneira incisiva, já estávamos debaixo das mangueiras, parei, estacionei o coiso glorioso, ela desceu e eu agradeci pelo extraordinário estímulo que me proporcionara.

Durante meu curso médico, Eilson, jovem mestre, poucas aulas ministrou nas disciplinas de patologia. Fiz cursos de estatística com ele, mais tarde, matemática e fenômenos físicos eram o seu forte. Tinha um fraco por números.

Não cheguei a assistir a nenhuma de suas aulas da saudade. Tive acesso a algumas, não todas, em sua forma escrita, o que me impede de conceber o conjunto da obra.

Quando disse não assisti, queria me referir à emoção de mestre e discípulos, do orador e dos ouvintes, naquele momento especial e específico, que consigo no máximo imaginar. Entra o professor da sala, alunos atentos querem ouvi-lo, uma vez que fizeram a livre escolha de professor que não lhes fora imposto, como os demais no decorrer de um currículo qualquer. O interior dessa escolha tem uma dialética, é como se os que escolhem dissessem: pudera tivessem sido todos como ele, durante o nosso curso, sem que assim procedendo escoimem os demais, pois o que está por detrás da escolha, é também, em grande parte, o afeto dedicado ao escolhido. Ora, muitos têm ciência de sobejo a transmitir, mas não têm o condão de transmiti-la, outros não sabem muito, mas têm o condão de transmitir o que sabem, ao mesmo tempo que o afeto, e nessa conjugação de fatos, dir-se-á, o professor Eilson seria excepcional, tanto pela ciência que transmitia e discutia, como pelo afeto que despertava. Isso me leva a dizer que o professor Eilson, sabia e sentia, dois verbos aqui intransitivos. Levando tudo para a prática médica ou pedagógica, tinha domínio de medicina e ensino, de ciência e arte.

Perfunctoriamente – palavra que ele gostava de usar – ciência visa explicar o mundo, arte, em todas as suas facetas, é forma de senti-lo.

Eis como eu o imagino: vem lá, dar a aula da saudade, sempre circunspecto, com a irresistível tendência de ficar só – posso dizê-lo, pois habitamos a mesma sala da Faculdade de Medicina, por mais de uma dezena de anos, pois vem lá, sem se rir, sem chorar, o ar permanentemente

soturno, triste, e dá o recado. Recado baseado num texto, não sei. Mas sei, recado curto. Digamos não curto, conciso, pois não perdia tempo com palavrório. Recado teorema, axioma e corolário. Concisão e precisão. Assim, nas nossas conversações, no que eu dizia, querendo ser conciso:

– Descartes criou a geometria analítica.

– Sozinho não, Descartes e Fermat – ele ponderava, e dizia tudo.

Enquanto falava não ria, pois se figurava como um dos seus ícones, em todos os discursos, o Cavaleiro da Triste Figura. Recitava, com alguma frequência; *En un lugar de La Mancha de cuyo nombre no quiero acordarme*.

Derivava para outros quixotes, no cotidiano, como o personagem Campos Lara, de *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa. Identificava-se com o Campos Lara, *O Sonho*, mais ou menos perdido nas coisas práticas da vida, a cabeça nos ares sem os pés no chão. Essa janela literária era uma fresta única que se permitia para expor, sem expor, suas dificuldades e problemas.

Mas vai dar sua aula. De modo conciso, fala de si e dos outros através de literatura. Como que se espanta e evita falar do concreto, ou busca falar dele pelo escape literário. Outra sua maneira de falar: os números, pois é um desses seres de mente matemática privilegiada, bastante distante de nós todos outros. Um dom e um privilégio, como o de conviver com as musas.

A tônica das aulas, pelo que posso ler – é pouco o que existe – é o humanismo, com fundamento extraordinário nos seres emblemáticos da espécie, e nos mitos. Não se

empolgava com besteira, tipo “o meu cachorro me sorriu latindo” ou “eu queria ser como os animais”. Nestas aulas o vejo (leio) duas ou mais vezes citar John Donne, o de *por quem os sinos dobram*, o de *nenhum homem é uma ilha*, aliás, duas partes de uma mesma meditação do poeta:

“*No man is an island, entire of itself; every Man is a piece of the continent, a part of the main. If a clod be washed away by the sea, Europe is the less, as well as if a promontory were, as well as if a manor of thy friend's or of thine own were: any man's death diminishes me, because I am involved in mankind, and therefore never send to know for whom the bells tolls; it tolls for thee.*”

Aliás, vai ele distribuindo as idéias desse texto em várias dessas aulas, como a que está aí pelo meio, de que, se estou envolvido com a humanidade, *a morte de qualquer homem me diminui*, porque sou envolvido com a humanidade, e portanto, nunca procure saber por quem os sinos dobram, porque eles dobram para ti (ou para você, ou *vós* como se expressa Eilson). Isso não é matemática, nem física, mas o é, no nascedouro, uma espécie de silogismo aristotélico, em forma poética.

Sinos dobram para *vós*, que é o tratamento que o professor Eilson usa no fluir das aulas da saudade. Ele traz, portanto, uma idéia de humanidade em que se insere um humanismo sem par: pontes entre as ilhas à deriva, pontes, braços de solidariedade, que era disso que o poeta queria falar, que intuía e preconizava.

Estimo que o professor Eilson tenha chegado a John Donne através de uma suas leituras preferidas, Hemingway.

Hemingway de *O velho se chamava Santiago...* gostava de recitar. De *O Velho e o Mar*. Hemingway propriamente da Guerra Civil Espanhola, que leva título sacado a John Donne.

Eu obtemperava:

– O tom de Hemingway me desagrada. É sentimental e romântico.

Sua resposta está numa das aulas:

– Romântico sim, piegas não.

Com respeito à nossa humanidade comum, parece-me que o Corão, não a Bíblia, já traz essa idéia de a morte de um só homem ferir a humanidade como um todo. Esse humanismo a toda prova se ajusta com precisão matemática às idéias de prática médica que ele professava e exarava na suas aulas da saudade.

Deixem-me voltar ao *Velho e o Mar*, de que tanto apreciava. Como dizia Eugénio D’Ors, tudo o que não é tradição, é plágio. *O velho e o mar* nem uma vez é citado nas aulas que li. Mas as fontes de *O Velho e O Mar* — o mito de Sísifo e o de Anteu — são uma espécie de constante nas aulas. A pedra que é levada até o alto, que despenca, precisando de ser levada até o alto, de novo, assim sucessiva e interminavelmente; ou como no mito de Anteu... eis lá a condição humana, Ecco! *No velho e o mar*, o mito se conduz ao mar que separa a ilha de Cuba do Continente, e tem uma solução. Mas é uma solução símile da do mito de Sísifo e não da de Anteu, pois este foi derrotado por Hércules, ao erguê-lo do solo, da terra; ergo, içado da terra, perdia a força, a fortaleza. Retomamos o tema do feijão e

sonho. Ao contrário: do sonho e do feijão. Ah a condição humana. Quixote, no seu leito de morte, torna-se um burguês comum. Não é mais “*feito da mesma substância de que são feitos os sonhos.*”

Insiram os professor na realidade de sua época. Há alguns episódios de que a gente não pode se livrar. Eu não consigo me livrar do 24 de agosto de 1954. Um dos personagens que ele mais apreciava neste mundo era o Gegê. Eilson pouco cantava, trauteava, entretanto, a marchinha carnavalesca de Haroldo Lobo e Marino Pinto:

*Bota o retrato do velho outra vez,
Bota no mesmo lugar,
Bota o retrato do velho outra vez,
Bota no mesmo lugar.
O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar.*

Nos textos que compulsei de suas aulas da saudade, faz comparações entre o Velhinho e o ditador da temporada, Ernesto Geisel, verberando ele, Eilson, contra a ditadura. Parece-me que um e outro são abomináveis, tanto Gegê quanto Geisel. Vargas expatriou Olga Benário, entregou-a aos nazistas para morrer em campo de concentração. Uma leitura rápida das *Memórias de um Cárcere*, de Graciliano Ramos... faz o sorriso do velhinho ganhar foros de sadismo e gozação para com o resto da humanidade, sem que se lhe confira alguns grandes méritos que de fato tinha. É horrível reconhecer que Getúlio Vargas foi o maior estadista brasileiro do século vinte, ou o único, assim como em meio às sombras que se propagaram sobre Portugal brilha a luz solar do Senhor Sebastião José de Carvalho e

Mello, marquês de Pombal. É curioso que no plano geral a gente tenda a se esquecer dos maus feitos do caudilho, e fazer sobressair a visão do todo. Coisa bastante diversa do que diz Marco Antônio quando do assassinato de Júlio César, que fez voltar a turba contra Brutus e seus aliados.

Friends, Romans, countrymen,

Lend me your ears;

I come to bury Caesar, not to praise him;

The evil that men do lives after them,

The good is oft interred with their bones,

“O mal que fazem os homens permanece depois dele, o bem é muitas vezes enterrado com seus ossos.” (O discurso é criação de Shakespeare, não está na fonte antiga mais autorizada, as *Vidas Paralelas*, de Plutarco.) Para a turma JK, Eilson representa o pensamento liberal. Muitos foram eliminados no decorrer da ditadura e Juscelino, que dava nome à turma —JK— teria sido um deles. Uma vida eliminada fere toda a humanidade; nessa mesma época, meu colega de infância, José Montenegro de Lima, da Itapipoca, dentre outros conhecidos e amigos, foi de fato eliminado pela ditadura, o corpo nunca encontrado, etc. Os sinos repicaram vezes sem conta.

E quanto às perspectivas dos recém-formados? Ele as vê melancolicamente. Vê tudo melancolicamente. Não é dos que confrontam o pessimismo da inteligência com o otimismo da vontade. A visão do destino, de que sempre se interessou e sempre se engraçou, e a respeito de que sempre discorreu, é o horizonte impreciso e desconhecido

dos finais dos filmes de Carlitos (Charles Chaplin), a caminhada para o nada, acompanhado ou desacompanhado.

– Até no *M. Verdoux*, dizia ele, até no *M. Verdoux*, no final, condenado barba-azul, M. Verdoux, imprime o mesmo passo, filmado de costas; o modo de se ir (ou retornar) ao não sei quê e ao nada... o mesmo dos filmes cômicos, o mesmo de Carlitos, o mesmíssimo.

M. Verdoux é história de um assassino de mulheres ricas e tolas; é preciso ver que não há Carlitos essencialmente cômico. Nesse filme (1947), M. Verdoux – assassino de velhotas, num patamar diferente de Raskolnikov –, afirma que, como assassino, é apenas um amador, diante daqueles que bombardeiam e despedaçam mulheres, velhos e crianças. Tão atual. Tão atual. E vai à execução no passo de Carlitos, vai ao nada, na marchinha curta de Carlitos.

A lição das aulas da saudade está, contudo, em que devemos viver, enquanto isso, e devemos viver bem e praticar o bem, e obedecer/observar os preceitos éticos da prática médica, desde Hipócrates. Se Chaplin é seu herói, quando se sente menino, adulto, acredito, se sente difusamente impelido à apreciação de Luis Buñuel (ele pronunciava Búñuel). Dizia, ao uso de superlativos, *Tristana* é belíssimo. Se queres que tua mulher fique em casa, quebra-lhe uma perna, dizem, é provérbio espanhol, em que se inspirou Benito Pérez Galdós. Isso não interessa, mas sim que, em *Tristana* há uma eutanásia, de paciente terminal, diferente do que acontece com *Hable con Ella*, de Pedro Almodóvar, sobre quem, aliás, nunca ouvi um comentário

do Eilson. Nas aulas não os cita, mas dois outros magos aparecem, Fellini e Visconti. Dizia de *Le Notte di Cabiria*, uma das suas predileções: *belíssimo*; nas estendidas conversações pontuávamos que em *La Dolce Vita*, que ele graduava de incomparável, o único intelectual e aparentemente único homem sóbrio e maduro, Steiner, mata os filhos e se mata; ah sim, a busca da felicidade, *the pursuit of happiness*, como está na Declaração de Independência americana, inspirada em Aristóteles, a busca da felicidade como um dos direitos humanos. Cortina. E agora eu o procuro ver, no momento de proferir as aulas da saudade, pelas câmaras de Fellini e Visconti. E naturalmente de Chaplin, que se foi, dando-nos as costas, à busca do horizonte/aporia.

Nos anos oitenta trouxe-me a ver as Memórias de Buñuel (*Mi Último Suspiro*). Entabulamos conversação

– Veja só o que ele diz como se está portando nos seus oitenta anos... Você conseguiria adivinhar?...

– Homem sábio, talvez diga o mesmo ou coisa símile do que Sófocles diz, na mesma idade, ao começo da República de Platão, quando interpelado desta maneira: E sobre sexo? Você ainda consegue ter intercurso com mulher? A resposta tem numerosíssimas traduções, todas mais ou menos assim: “*Cala-te, homem. Com muita alegria, deixei de lado essa coisa de que você fala, como se escapasse de um tirano feroz e selvagem...*”

– Não bem assim...

Então declarou sua afinidade com Buñuel pelo que ele prega, coisa que não será dita aqui, deixando a chan-

ce ao leitor curioso de abeberar-se nas próprias fontes buñuelinas.

Última vez em que realmente conversamos foi no lançamento do livro *Marcelo Gurgel; em verso e anverso*. Estava ali como um dos escritores do texto; a propósito, dera a aula da saudade da Turma 1977, a que pertencia Marcelo. Aproximou-se de mim, como sempre melancólico, e sem contemplação, deitou discurso cifrado:

– Acho, Dalgimar que você é um Vautrin.

Não espernei muito, retruquei sorrindo:

– Qual deles? o do Père Gorjot, das *Illusions Perdues* ou de *Splendeurs et misères des courtisanes*?

– Simplesmente Vautrin.

Conversação esotérica me agrada, procurei vãmente alterá-la, torcê-la.

– Não quereria você dizer Rastignac? Sou um matuto, estragado pela convivência citadina... Ou quem sabe Julien Sorel?

– Vautrin – insistiu, axiomático.

– Fortunato, então. Você está tentando me levar à cripta, à busca do *Tonel de Amontillado*.

De passagem, os personagens de alguns escritores eram seres de carne e osso, como os de Balzac, de Eça de Queiroz, de Machado. Tanto para ele, como para mim, que nunca posso esquecer Remédios, a Bella, o Cigano Melquíades, Riobaldo e Diadorim, Adrian Leverkühn. Tantos!

Fiquei tranquilo, pois eu estava, ao me transformar num personagem mau caráter, virando gente humana. Devolvi ainda no mesmo plano, com a frase bimilenar extraída da peça *Heautontimoroumenos* (*O atormentador de si mesmo*), de Terêncio: *Homo sum: Nihil humani a me alienum puto*, recordando ainda que outro homem muito inteligente que eu conheci, Roberto Fontes, sentenciava: Você é protoplasmaticamente normal.

Ainda o ouço dizer, ao entrar na sala e se expressar, no que eu me dizia um matuto da Gangorra:

– “Eu sou apenas um pobre homem da Póvoa do Varzim.”

Algumas mensagens que envia são subliminares. Podem procurar referências, nas aulas da saudade, a Eça de Queiroz que as há. Em contrapartida, nominalmente Machado é citado, do Memorial de Ayres, no que se refere ao tempo. E a Proust, das imagens sutis e da *Madeleine*. O tempo é constante de seu discurso. Uma vez me disse:

– Você já reparou que quando a gente é menino o tempo parece passar muito mais devagar do que agora?

Arrematemos. Quem faz aula da saudade tem, por certo, discípulos. Uns seis dias depois do falecimento do Eilson, ainda no mês de outubro de 2008, estava eu sentado à minha mesa, na minha sala, que era também do Eilson nos seus tempos de professor e que não mais existe, (nem sala, nem mesa, nem Departamento de Patologia), quando a única porta se abriu e adentrou um professor ainda jovem, usando um bonezinho tipo Lênin – era noitinha, talvez fosse sexta-feira; eu me tomei de certo susto, uma vez que há anos não o via.

– Ih, rapaz, o que foi que aconteceu? Você nunca mais tinha vindo aqui.

– Ora, vim lhe visitar.

(Não vinha, não fizera isso antes)

Disse isso, e passou a falar sobre matérias do seu interesse, arriscando sempre um olho à mesa que pertencera ao Eilson, no que habitava a sala.

Sentou-se um pouco à cadeira em que se sentava o Eilson, balbuciou algumas palavras que me pareceram estranhas, tocou de leve na mesa, que era revestida por uma placa de vidro, abriu uma das gavetas da escrivaninha... do Eilson; conversava de dois modos; comigo, sobre os problemas da faculdade, da universidade, da terra...em paralelo, expressava estranho murmúrio, algo cadenciado; percebi, com espanto, que viera visitar seu mestre Eilson, na sua ausência absoluta. Rezava.

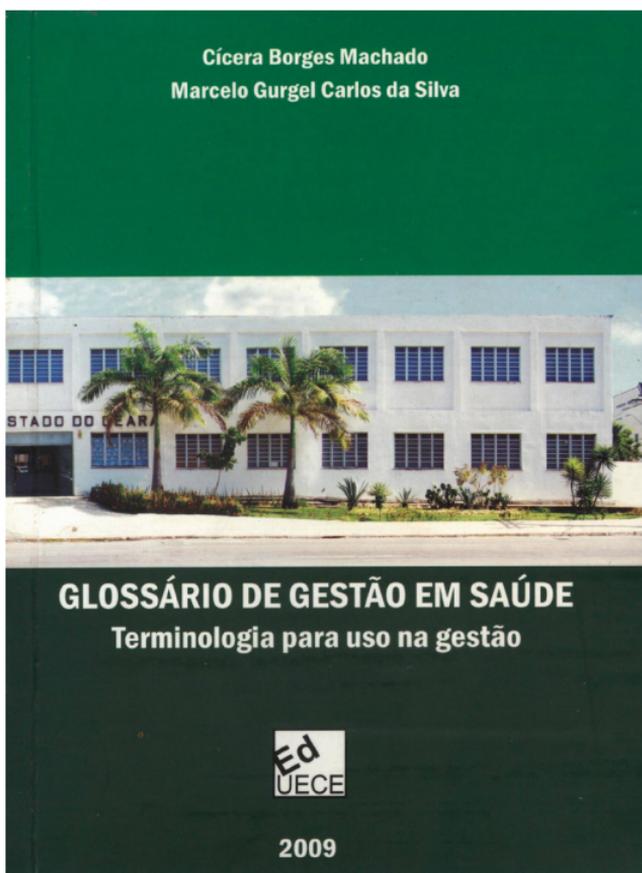
** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; OLIVEIRA, Elsie Studart Gurgel de (org.). Smile: tributo à memória do Prof. Eilson Goes. Fortaleza: Editora da UECE, 2009. 194p.*

16 GLOSSÁRIO DE GESTÃO EM SAÚDE: terminologia para uso na gestão

Manoel Dias da Fonseca Neto

Médico sanitarista e epidemiologista

Coordenador de Promoção e Proteção à Saúde da SESA



A Constituição Cidadã de 1988 estabeleceu pela primeira vez na história do Brasil, que “Saúde é um direito de todos e um dever do Estado.” A partir de então, todos os brasileiros, sem distinção de sexo, cor, credo e situação sócio-econômica, passaram a ter direito de acesso aos serviços de saúde, por meio do Sistema Único de Saúde nacional. A 9ª Conferência Nacional de Saúde definiu que a estratégia para tornar a Lei Constitucional em realidade seria com a “Municipalização da Saúde”, que implicava repasses federais e estaduais fundo a fundo, para os municípios, criação de Secretarias Municipais de Saúde, dos Conselhos Municipais de Saúde e da estruturação progressiva de uma rede municipal de saúde. Esta decisão de criar o SUS caracterizou uma verdadeira revolução de inclusão social e cidadania. Na década de 70 só existia a Secretaria da Saúde do Estado e os serviços de saúde do Estado, do INAMPS, as ações da Fundação SESP e SUCAM em áreas específicas e alguns serviços de urgência apenas no município de Fortaleza, capital do Estado. Hoje a realidade é completamente diferente. Temos Secretarias e redes municipais de saúde em 100% dos municípios cearenses, coberturas elevadas da Estratégia Saúde da Família, interiorizando milhares de profissionais médicos, enfermeiros, odontólogos e outros, com impactos decisivos na melhoria da qualidade de vida e, particularmente, dos indicadores de saúde.

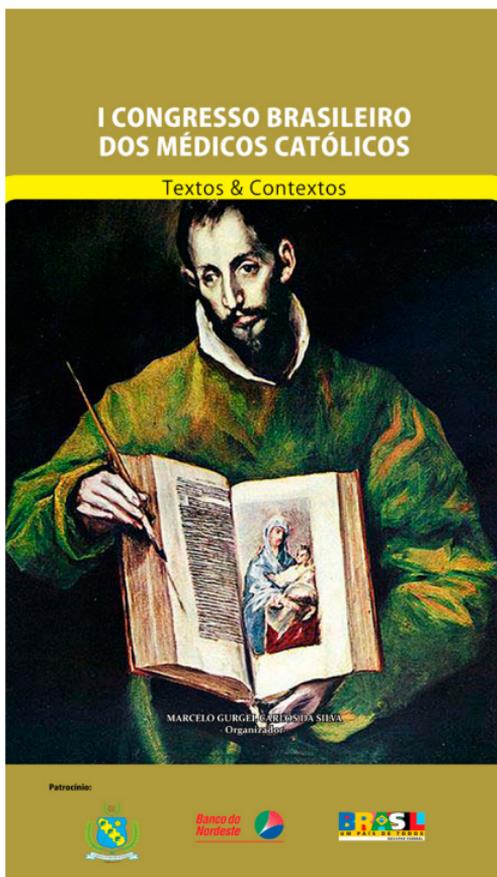
Para que estes avanços fossem possíveis destaca-se como uma das estratégias desenvolvidas pelo Ceará, a formação de gestores, através da Escola de Saúde Pública, principalmente pela oferta de Cursos de Especialização em

Gerenciamento de Sistemas Locais de Saúde e congêneres. A maioria dos ex-alunos destes cursos assumiu a função de Secretários Municipais de Saúde ou outra função de relevo no Sistema Único de Saúde. Neste contexto e com o intuito de qualificação permanente da função gerencial é que se insere o Curso de Especialização em Gestão em Saúde. O livro da Dra. Cícera Borges Machado, médica sanitária, epidemiologista e Supervisora do Núcleo de Informação e Análise em Saúde da SESA, elaborado em parceria com o seu orientador de pós-graduação, Prof. Marcelo Gurgel Carlos da Silva, é parte do longo processo de ensino-aprendizagem desenvolvido durante este curso. Traz uma contribuição significativa para o processo de educação permanente, ao facilitar o acesso rápido e baseado em fontes originais sobre conceitos e definições relacionadas com a linguagem de Saúde Pública Coletiva. Prestará um serviço inestimável na área gerencial do Sistema Único de Saúde.

** Prefácio In: MACHADO, Cícera Borges; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Glossário de gestão em saúde: terminologia para uso na gestão. Fortaleza: Editora da UECE, 2009. 194p.*

17 I CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS CATÓLICOS: textos e contextos

Mons. Manfredo Thomaz Ramos
Diretor da Faculdade Católica de Fortaleza



É com um misto de trepidação e de reverência que, a instâncias do Dr. Marcelo Gurgel, me abalanço a estender as linhas que seguem, como um exórdio à reedição destes “*Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Médicos Católicos*” realizado em Fortaleza, de 1º a 7 de julho de 1946. Temo diante da responsabilidade de fazê-lo como se requer e ao mesmo tempo sinto-me envolvido, desfolhando estes Anais, pela aura quase sagrada que deles emana, por força mesmo dos personagens que lhe estão por trás – os profissionais médicos bem como os pastores da Igreja. Em primeiro plano, as figuras ímpares do Dr. Lauro Vieira Chaves e do Pe. Monteiro da Cruz, SJ, bem lá no início, nos primórdios da fundação da “*Sociedade Médica de São Lucas*”, em 1937, a grande responsável pela realização do Certame, em comemoração ao seu 10º aniversário de existência. Já então, em 1946, encontram-se à frente o incansável Pe. Monteiro da Cruz, que por mais de 50 anos ininterruptos orientará os passos da Sociedade, e uma plêiade dos mais destacados profissionais do corpo médico cearense; entre outros: Jurandir Marães Picanço, Otávio Lobo, Waldemar de Alcântara, J. B. Saraiva Leão, Ocelo Pinheiro, Leite Maranhão, Walter Cantídio e Walter Frota de Magalhães Porto, por sinal os mesmos que fundaram, dois anos mais tarde, a Faculdade de Medicina do Ceará e idealizaram a Academia Cearense de Medicina.

Não caberia certamente aqui, nos estreitos limites de um simples prefácio, o exame detalhado e crítico do conteúdo doutrinal da conferência. – Esta, de fato, seria a tarefa daqueles especialistas que, oxalá, pretendam tomar a peito o louvável e oportuno intento da realização

de um novo Congresso Brasileiro dos Médicos Católicos em Fortaleza - seria o 4º. – Contudo, não me furtei ao desejo de pelo menos deter-me com mais vagar, sem dúvida também com uma ponta de curiosidade, sobre uma das principais contribuições do evento, da autoria do Dr. Severino Cabral Sombra (membro do Instituto Brasileiro da História da Medicina) sob o título: “A medicina e a Fé”. Confesso que admirei-lhe a erudição e a consistência argumentativa do escrito: tanto no plano histórico quanto no filosófico (escolástico-tomista), levando o ouvinte à abertura da razão à transcendência de um absoluto pessoal – Deus – e induzindo-o, pelo testemunho de homens de fé, sejam os primeiros missionários de nosso Brasil, sejam médicos de renome internacional, a se predispor ao dom da graça de confessar o Deus de Jesus Cristo.

Aliás, às primeiras páginas dos Anais é-nos dito qual fosse o fim do Congresso: “... dar uma síntese da deontologia médica no momento confuso em que vivemos. Objetivou ainda a Comissão Executiva traçar [...] as relações entre a medicina e a fé, entre a medicina e a questão social, entre a medicina e a vida familiar, entre a medicina e o indivíduo. O primeiro Congresso [...] queria ser, como realmente foi, uma manifestação inequívoca dos valores da Igreja Católica no mundo da ciência” (Anais, p 13).

É assim que o estudioso cristão de hoje, certamente bem mais interessado pela temática da bioética do que propriamente por uma apologética do médico cristão, se defrontará no texto, com prazer, com temas tais como eutanásia, eugenia, aborto terapêutico, limitação da prole, dignidade da família etc. – Infelizmente não encontramos

a conferência prevista no plano (à pág. 21) sob o título “*o médico e a pessoa humana*” o que, não obstante, não impediu que por todo o texto, *passim*, este valor fundamental estivesse presente. – Partilho esse mesmo interesse. Não por acaso. Desde 1974, de fato, meus estudos, em boa parte, têm se voltado para a ética filosófica e teológica. Tenho tido o privilégio, a partir de 1976, na qualidade de sócio fundador da Sociedade Brasileira de Teólogos da Moral (SBTM) e da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), de participar, duas vezes a cada ano, dos Congressos nacionais dessas entidades. Nestes, com frequência, são também tratados temas de Ética Médica e, em particular, de Bioética, como, por exemplo, no último encontro da SBTM, em setembro de 2009, em São Paulo, - VII Congresso Latino-Americano de Teologia Moral – sobre o tema “Qual Ética Teológica para um mundo em crise?”.

Gostaria, portanto, motivado pelo contato com o presente livro e à luz do que tenho podido escutar e ler, de traçar brevemente, sem nenhuma pretensão, algumas considerações prospectivas que, quem sabe, poderiam ser úteis para o leitor benévolo, membro da colenda *Sociedade Médica São Lucas*. Trata-se, precisamente, da Bioética.

Antes do mais, a própria definição torna-se difícil de ser acordada, diante da amplidão do horizonte investigativo contemporâneo com suas perspectivas múltiplas. Notemos, de passagem, os dizeres de Leo Pessini que a vê “como uma nova área de educação e sensibilidade ética, voltada para preservar e cuidar da vida humana, e mesmo cósmico-ecológica, diante dos extraordinários avanços

tecno-científicos no âmbito das ciências da vida e da saúde” (2007, p. 9).

O campo da problemática vai se ampliando progressivamente. Na área das questões fundamentais: - Epistemologia e Metodologia da Bioética – Relação com as Ciências Humanas – Bioética e Textos Históricos – Bioética e as Religiões; quanto às questões especiais: - o início da vida humana – sua transmissão – a morte e o morrer humano – Bioética e suas relações com a saúde e a Ética Médica – com a sexualidade e a família – com a deontologia das profissões – com a justiça, a ecologia e a economia etc. Ora, a simples consideração deste vasto campo, erichado de problemas morais, de natureza portanto normativa, já nos induz a ponderar o caráter interdisciplinar da Bioética, antes de tudo em sua relação com a ética filosófica dos princípios e a moral teológica (religiosa). Deve ela, ainda, dialogar estreitamente com outras ciências, como a medicina, a psicologia, a biologia, a sociologia, a etnologia, a economia etc. E neste colóquio multivalente, sem dúvida “o único denominador comum” centra-se na “relação que a pessoa humana e a sociedade estabelecem com a vida física, com a esfera biológica da realidade pessoal”, no esforço de melhorar-lhe a qualidade (cf. S. Leone – S. Privitera, 2001 p. 89).

A paciência benigna do meu leitor, mormente do cristão, já convirá comigo que temos aqui a pedra de toque para o enfrentamento de nossa questão: o diálogo! Da parte da Igreja Católica, todo o Concílio Vaticano II e após ele, em particular, a Encíclica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, apontam o diálogo e a diaconia como os

parâmetros para a relação dela com o mundo contemporâneo, multicultural e, em boa parte, secularizado. Aqui se joga o futuro da própria Igreja, na sua tentativa atual de evangelizar as culturas. De sua abertura neste ponto, aquilate-se, por exemplo, a partir destas palavras iluminadas do Decreto conciliar *Optatam totius* sobre a formação sacerdotal: “Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral cuja exposição científica mais alimentada pela Doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade para a vida do mundo” (n. 16). No fórum mundial em que hoje vem se ampliando a discussão da temática da Bioética, na medida mesma em que a humanidade se conscientiza de que seu destino dela depende, a voz do Magistério eclesiástico, embora em geral respeitada, não é mais a do ator principal. Mas não pode ela se calar, tanto mais porquanto a esfera mais alta do debate se centra, necessariamente, no plano ético e moral, que é o que define a dignidade própria da pessoa humana. E aqui, como aliás em todos os domínios das ciências do espírito, a dimensão histórica, sem reducionismos, é de capital importância. Talvez esteja nisso, precisamente, o valor principal da documentação destes Anais. Caberia, repito, aos nossos médicos cearenses – em suas Faculdades, Academias, Centros, Comissões de Ética – a tarefa de manusear estas páginas com atenção e, numa visão diacrônica, confrontando-as com as Atas dos dois outros Congressos Brasileiros congêneres, o de São Paulo (1964) e o do Rio (2002), apontar os rumos para uma ulterior etapa da reflexão bioética em nossa pátria.

Ei-los então, os nossos médicos, ao lado de seus contemporâneos, a braços com o desafio moral, típico de nossa cultura, de adequar os múltiplos recursos que suas conquistas científicas e técnicas lhes põem nas mãos ao fim maior e último que deveriam sempre perseguir, a saber, a realização, a melhor possível, de sua própria natureza humana, feita para conhecer a Verdade e amar o Bem. A sua consciência se não estiver obnubilada pela sede do poder e da dominação – a mais profunda das paixões do homem – não deixará de mostrar-lhes que a ciência e a técnica não são autônomas de maneira absoluta, mas devem submeter-se à ética, ou seja, devem ser humanizadas, isto é, postas ao serviço do homem. Este será o fruto, vez por vez, da meta final da dimensão ética a ser alcançada previamente em toda a ação do homem, ou seja, emitir aquele “juízo prudencial” (S. Tomás) que é o último critério subjetivo para um agir reto e bom. Ora, se dirá, justamente aí se encontra a dificuldade do profissional da saúde, bem como de resto do filósofo e do teólogo, enleados no emaranhado dos problemas concretos da Bioética.

Têm toda a razão! E por isso mesmo concluo com uma última observação que vou buscar junto a autoridades mais altas: sem dúvidas que a “profunda religiosidade cristã católica” ainda é a dominante da grande massa dos povos da América Latina e do Caribe e, portanto, neste início do novo milênio talvez o maior desafio que é posto aos estudiosos da Bioética seja entabular o diálogo da religião e da Bioética Teológica com a “bioética secular, civil, pluralista, autônoma e racional”, pois até agora a bioética religiosa tem caminhado a reboque daquela filosófica (cf. Pessini – Barchifontaine, 2007, p. 376-377).

Volto, assim, - apoiado pelo que, com pertinência, escreve páginas abaixo, o Dr. Janedson Baima Bezerra, em sua introdução à reedição destes Anais, - ao meu apelo inicial feito aos membros da Sociedade de São Lucas – Christiano loquor! (S. Agostinho, Ep. 133) - : sejam fiéis à tradição dos pais fundadores, os de 1937, que tão galhardamente promoveram o I Congresso de Médicos Católicos e foram responsáveis, com outros grandes nomes da medicina cearense, por tantos outros empreendimentos de monta, em nossa terra. Apenas, não esqueçam que os tempos são outros e esses nossos exigem, antes de tudo, diálogo e cooperação com todos os homens de boa vontade, também com os não-crentes. Como diria o doutor de Hipona: “Ame-se a verdade por ser a verdade” (*Veritas ametur quia veritas est – Ep. 118*)!

Fortaleza, 7 de março de 2010.

Referências Bibliográficas

Documentos do Concílio Vaticano II; - Decreto *Optatam totius*. Petrópolis, 1966, (Ed. Bilingue).

LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. da (orgs.) Dicionário de Bioética: “Verbete “Bioética”. Aparecida: Ed. Santuário, 2001.

PESSINI, L. / DE BARCHIFONTAINE, C. P., Bioética na Ibero-América: História e Perspectivas, S. Paulo: Ed. Loyola / C.U.S. Camilo, 2007.

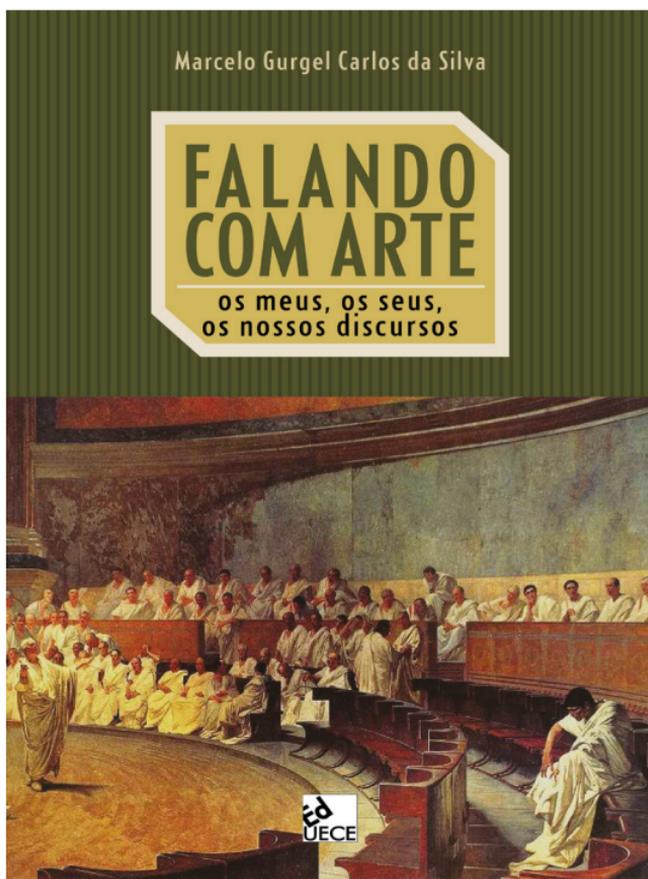
S. AGOSTINO. Opere di Sant’Agostino – Vol. XXII – Le Lettere, Roma: Città Nuova Editrice, 1971.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: textos e contextos. Fortaleza: Expressão, 2010. 460p.*

18 FALANDO COM ARTE: os meus, os seus, os nossos discursos

Mauro Benevides

*Da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e da
Academia de Retórica.*



Como um dos mais brilhantes intelectuais da sua geração, Marcelo Gurgel Carlos da Silva dispôs-se a publicar mais um volume de fôlego, evidenciador de seu comprovado talento e cultura polimorfa.

O médico de *curriculum* alentado encarreirou-se, também, pela simultaneidade de múltiplas atividades intelectuais, granjeando prestígio no seio de entidades tradicionais, bem assim do público leitor, com acesso aos seus livros, editados com breve intermitência, numa contínua ampliação de já extensa bibliografia.

Agora, entendeu de reunir os primorosos discursos que proferiu em eventos de repercussão entre nós, permitindo-nos identificar o orador fluente e culto, expondo idéias e buscando apoiadores para as teses que explana, diante de assistentes predispostos a conviver, com as suas concepções, detalhadas de maneira clara e precisa.

Na outorga, por exemplo, do título de Doutor *Honoris Causa* ao Professor Melquíades Pinto Paiva, componente do tradicional Instituto do Ceará, identificam-se razões bastantes para o galardão que laureia aquele confrade, nascido em Lavras da Mangabeira e alcançando notoriedade nacional, no âmbito da Biologia Marinha, matéria que lhe valeu doutoramento por Universidade bandeirante.

Em relação ao Cardeal Aloísio Lorscheider, tive o privilégio de colaborar mediante artigo sobre o desempenho pastoral do saudoso Metropolita da Província Eclesiástica do nosso Estado, juntamente com outros articulistas, todos enaltecendo o vulto exponencial de um franciscano gaúcho, alçado às culminâncias da púrpura cardinalícia.

Falando, no ensejo da festividade, no Salão nobre do antigo Seminário da Prainha, Marcelo Gurgel teve a sua alocação entrecortada de aplausos, identificando-se, ali, um RETOR exímio, ao discorrer sobre uma das mais expressivas figuras da Igreja no Brasil, com projeção, também, na própria Santa Sé, mercê de seu equilíbrio e do destemor para pregar as lições sapientíssimas do Evangelho.

Aquele jovem que frequentava a Igreja dos Navegantes e, anos depois, o templo de Otávio Bonfim, sob a liderança dos filhos de São Francisco, revelava a sua arraigada crença, que há sabido propagar nas tribunas laicas do magistério superior e nos primorosos textos de obras difundidas ao longo de sua vida de intelectual consagrado.

Em cada oração, alinhada no contexto do presente livro, dimensiona-se a competência de quem nasceu ungido para a defesa das boas causas e como pregador de temas atualizados, embora fundamentados em ensinamentos que lhe foram prelecionados desde a juventude.

Marcelo Gurgel Carlos da Silva, em mais este trabalho, consubstanciando pronunciamentos bem elaborados, destaca-se como cultor das letras, predisposto, por sua inteligência, a ter estimulante acolhida nos meios culturais do Ceará e do próprio País.

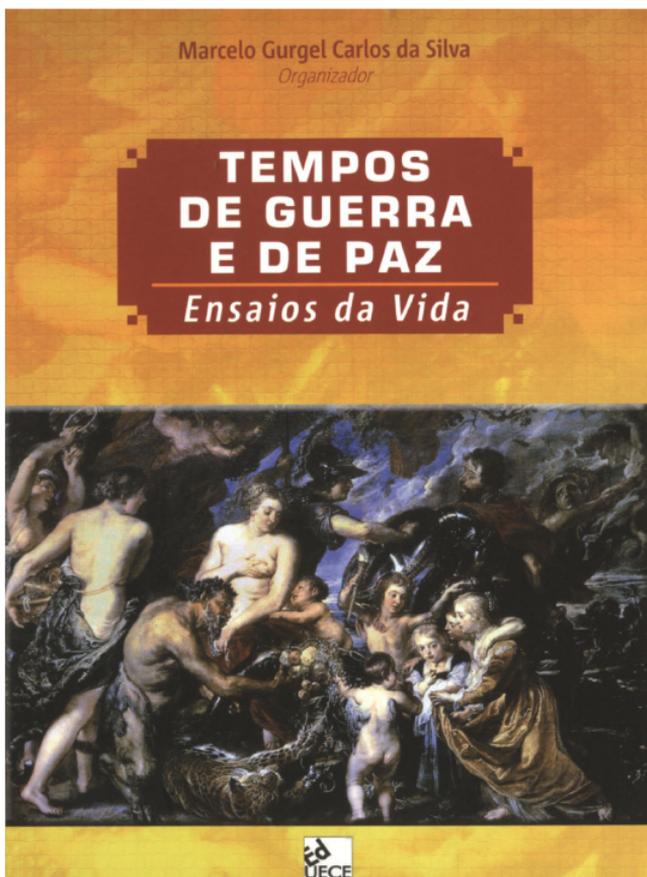
O médico renomeado; o professor competente e o articulista de pena cintilante acham-se espelhados, com fidedignidade, nesta publicação que a crítica aplaudirá entusiasticamente.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Falando com arte: os meus, os seus e os nossos discursos. Fortaleza: Editora da UECE, 2010. 144p.*

19 TEMPOS DE GUERRA E DE PAZ: ensaios da vida

Carlos Augusto Viana

Da Academia Cearense de Letras



A reunião de artigos e de ensaios, de diferentes naturezas e de diversos autores, visando à composição de um livro, é sempre um desafio. A começar pela busca de certa unidade, isto é, uma acomodação de textos que, de certa forma, estabeleçam entre si vasos comunicantes. Em “Tempos de Guerra e de Paz”, o escritor Marcelo Gurgel, ao organizar esse volume, obteve pleno êxito nessa difícil empreitada.

A princípio, dividiu a obra em sete partes, consoante o material de interesse. Em “Museus e museólogos: ensaios sobre a formação”, a especificidade da temática ultrapassa as fronteiras de um conhecimento restrito, constituindo um levantamento de questões a despertar o interesse de leigos, a partir de detalhes configuradores desse campo de saber: as relações entre os museus e a coletividade, os museus e a transmissão do conhecimento, as políticas culturais.

“Resistência nas Termópilas: é melhor, lutaremos na sombra” agrega artigos e ensaios que se concentram nas relações de poder, ora num histórico das guerras do Mundo Antigo, ora a análise de como o cinema aborda o espírito bélico, tendo como fulcro o filme “Os 300 de Esparta”. O leitor terá acesso a informações curiosas e enriquecedoras.

A terceira parte “Bombardeio de Guernica: ensaio para uma grande guerra” reconstrói a Guerra Civil Espanhola”, e o bombardeio sobre a cidade – uma das mais antigas do povo basco – é descrito com uma riqueza de detalhes impressionante, bem como merece realce a leitura de diversas composições pictóricas que dizem respeito à crueldade humana.

“Otávio Bonfim: o bairro das dores e dos amores”, a quarta parte do livro, compreende textos que se enquadram no gênero crônica, uma vez que o olhar sobre a cena cotidiana colhe usos e costumes e estabelece uma ponte entre o passado e o presente; os flagrantes do dia-a-dia, a cor local, coisas e seres, tudo conduz o leitor a reflexões acerca da passagem do tempo, da precariedade do homem e de sua hora.

A tonalidade histórica volta a aparecer no livro, em seu quinto momento, sob o título “A Resistência Francesa: sob a cruz de Lorena”. Os autores partem de um ponto particular com o intento de que o geral seja atingido; isto é, a resistência dos franceses à ocupação alemã, quando da Segunda Guerra, funciona como metonímia da própria resistência dos povos à ocupação de seu território por invasores, tanto que os autores percorrem também vários momentos da História da humanidade em que tal ocorreu.

Em “A França Ocupada: ensaios na clandestinidade”, há um desdobramento do grupo anterior, recaindo o discurso sobre pessoas que, com suas marcas, vivenciaram atos de resistência ou, por outro lado, sofreram os horrores da guerra.

O livro se fecha com artigos e ensaios sobre o escritor Maurice Druon, autor de “O Menino do Dedo Verde”; nesse sentido, além de aspectos biográficos e bibliográficos, o leitor poderá também penetrar na ficção desse escritor francês, pois vários tópicos de sua criação literária são analisados pelos autores.

A leitura de “Tempos de Guerra e de Paz”, obra sob a organização de Marcelo Gurgel, é um caminho aberto a várias possibilidades: se, de um lado, o leitor colhe informações preciosas sobre aspectos da História humana; por outro, é conduzido ao passado, implicando, também, uma forma de conhecimento do presente. Trata-se de um livro que tanto nos conduz à reflexão quanto nos diverte com colheitas singelas de cenas cotidianas.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Tempos de guerra e de paz: ensaios da vida. Fortaleza: Editora da UECE, 2010. 160p.*

20 REVELAÇÕES DE UM MAQUISARD

Gilmar de Carvalho
Jornalista e teatrólogo

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

REVELAÇÕES DE
UM MAQUISARD
RÉVÉLATIONS D'UN MAQUISARD



UN SEUL COMBAT
POUR UNE SEULE PATRIE

 GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

RÉVÉLATIONS
D'UN MAQUISARD
REVELAÇÕES DE UM MAQUISARD



UN SEUL COMBAT
POUR UNE SEULE PATRIE

 GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

Dizem os teóricos que os ritos dionisíacos estão na origem do teatro. Vinhos, libações e luxúria seriam os ingredientes básicos desta forma de expressão que atravessa os tempos.

O coro das tragédias gregas ainda replica vingança, sangue e desespero. Nunca fomos tão humanos.

Assim, o teatro se afirmou como ritual, como cerimônia e como performance. Na Idade Média, saltimbancos e canastrões faziam pantomimas no adro das igrejas, no meio das feiras e tudo isso tinha jeito de festa. Para não deixar de falar nos carnavais, a transgressão maior, com total subversão dos códigos, e com a instauração de uma nova ordem. Tampouco nas cenas com personagens bíblicas representadas nas procissões.

Depois, ganhou o auxílio luxuoso do bardo inglês Shakespeare, que deu as bases de uma forma de representação que estava no meio do povo e partiu da tradição para se tornar um clássico.

O espírito das cortes traz a apartação entre popular e erudito, um fosso entre o que se fazia nas ruas e nos salões dos palácios, e que evoluiu para os palcos italianos da vida.

O espírito folhetinesco entra em cena com órfãos, mulheres abandonadas, incestos, adultérios, todos os ingredientes rocambolescos e com a emoção nivelada ao melodrama.

Durante muito tempo, o teatro brasileiro, aí incluído o cearense, teve forte sotaque luso. Pouca presença indígena, apesar de Anchieta ter usado a cena como catequese. Menos ainda herança africana, apesar dos reis dos

Congos, atualizado no contexto urbano, pela coroação da rainha do Maracatu, constituir, inegavelmente, uma celebração teatral.

A ruptura vem, nos meados do século XX, com o “Vestido de Noiva”, de Néelson Rodrigues, no Rio de Janeiro, e com “O Demônio e a Rosa”, de Eduardo Campos, pelas bandas de cá. Vieram Geraldo Markan, Oswald Barroso, Walden Luís, Zaza Sampaio, Artur Guedes e Ricardo Guilherme, dentre tantos outros, herdeiros ou contestadores das marcas de B. de Paiva e Haroldo Serra.

O teatro logo deixou de ter um cânon. Tornou-se múltiplo, dispar, com uma profusão de tendências, escolas e pressupostos teóricos. E se dessacralizou, à medida que se tornou espetáculo, e entrou na lógica da Indústria Cultural.

Esse arraçoado dos teóricos alemães (da Escola de Frankfurt) buscava apoio na reprodutibilidade técnica, onde o teatro ficaria de fora, pelo caráter único das encenações. Não foi bem o que aconteceu. O teatro oscilou entre a política e o distanciamento do conterrâneo Brecht e encontrou ressonância, no Brasil, no CPC da União Nacional dos Estudantes, no Arena, no Oficina, e no “Teatro do Oprimido”, do Augusto Boal.

A ruptura mais densa passa por Artaud, enquanto a política do corpo encontra guarida no Living Theatre (Beck / Malina), no Dança-Teatro de Pina Bausch e nas performances de Bob Wilson.

Um teatro digestivo recorre, sem pruridos, a celebridades egressas da televisão e do cinema (para não esquecer os que vêm do esporte, do *show-bizz* e da política),

para lotar salas em *shoppings centers* e em locais menos “nobres”, como pizzarias, churrascarias e cervejarias.

Pode-se perguntar, por exemplo, se o humor cearense é teatro. Pretende ser, na medida em que tem repertório, busca um público e persegue objetivos.

Toda essa discussão emana da leitura de “Revelações de um *Maquisard*”, de Marcelo Gurgel, e do convite para a escrita desse prefácio.

A peça, premiada por um edital da Secult, tem como pressuposto básico a memória. Um pai envelhecido resiste a um interrogatório longo e mostra, ao filho médico, a lucidez e a forma como fixou acontecimentos importantes de sua vida, trancafiados em um cofre, metáfora de uma lembrança ameaçada pelo mal de Alzheimer.

O texto fala do passado e dilui a tensão, talvez porque não pretenda uma emoção mais contundente ou visceral.

O que Marcelo Gurgel faz é dar pistas para uma montagem que vai depender da opção do diretor. Pode ser algo mais *vintage*, como uma releitura paródica do “teatrão”. Pode recorrer, intimista, às sutilezas do trabalho de interpretação dos atores. E, por que não, propor algo que se sustente nas tecnologias. Tudo isso, sem perda da magia, este elemento que desencadeia e sustenta o fazer teatral.

O roteiro de uma peça pode ser adaptado para a televisão e se tornar um caso especial. Pode ser o roteiro de um vídeo e trabalhar a memória com *flash-backs*, e aquele tom sépia que nos seduz. Pode-se, enfim, desconstruir o que Marcelo Gurgel propõe e é aí que reside a força e a energia do teatro.

Estamos diante de um texto, na verdade um pretexto, para tratar da condição humana, do desencontro, do envelhecimento, da proximidade da morte, do casamento sem paixão, dos pequenos prazeres de uma xícara de chá, e fazer daí o que queiram o diretor e/ou o grupo envolvido.

Bom que se diga que texto é texto e teatro é outra dimensão. Tanto pode se amarrar à palavra, como pode prescindir dela. Marcelo Gurgel acredita no texto (mais que isso, no impresso). Reforça o grupo que conta com Rafael Martins, Fernando Lira, Marcos Barbosa, José Mapurunga, Caio Quinderé, Carri Costa e Gero Camilo, dentre outros.

Não acredito que seja capaz de recusar uma montagem que trabalhe as tensões e sutilezas, sugeridas por ele, debaixo de uma capa, aparentemente deslocada, de lugar e de tempo, e da ausência do que se chama de conflito, tão cobrado por uma certa concepção de teatro.

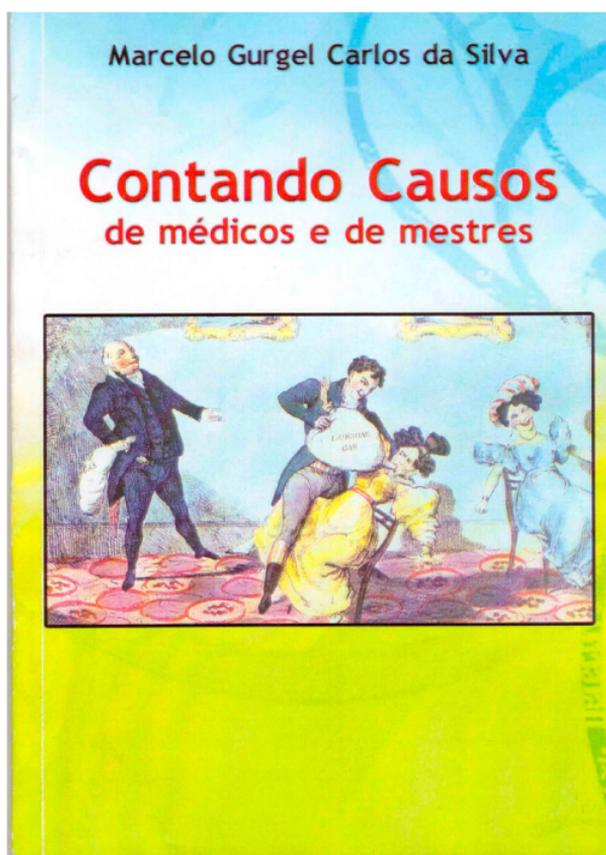
Entre guardados, cantos heróicos, e memórias de uma guerra que nunca vai acabar, vida longa (ia dizer MERDA, como no jargão teatral, mas me políciei) para o texto e para a proposta de Marcelo Gurgel, que espero ver, em breve, na cena ocupada pelo Balaio, pelo Brincante, pela Bagaceira e pelas performances do Balbucio, dentre tantos outros grupos cearenses.

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Revelações de um maquisard – Révélations d'un maquisard. Fortaleza: Expressão, 2011. 216p.*

21 CONTANDO CAUSOS: de médicos e de mestres

Pedro Henrique Saraiva Leão

*Da Academia Cearense de Letras
e da Academia Cearense de Medicina*



Solicitou-me o colega Professor Marcelo Gurgel tecer algumas considerações acerca desse seu novo livro: “Contando Causos: de médicos e de mestres”.

O honroso convite lembra-me uma “há! há! há! Apresentação” minha do livro “Diga 33: histórias do cotidiano médico”, há alguns anos do colega Paulo Ferreira. Lendo-o casquei bastante, o mesmo acontecendo com a leitura deste.

Naquele citei o livro “Anatomy of an Illness”, vista pelo paciente, o jornalista/médico americano Norman Cousins (Bantam Books, 1981). Ali o autor confessou atribuir ao riso sua quase-remissão de Espondilite Anquilosante, no Memorial Hospital de Nova York. Para ele “dez minutos achando muita graça sedavam-lhe a dor pelo menos por duas horas”. Na Bíblia lê-se que um coração alegre trabalha como um médico. Outrossim, há mais de quatro séculos Robert Burton, em “Anatomy of Melancholy” observou as características fisiológicas da alegria, do riso, pois “purgam o sangue e rejuvenescem o corpo”.

O famoso Sir William Osler entendia a risada como “A música da vida” e os cientistas já constataram as manifestações bioquímicas do riso, inclusive na redução da Hemossedimentação, talvez por estimulação de endorfinas.

Comprova-se assim, a eficácia terapêutica do bom humor, como até Freud acreditava. Aliás, uma das sessões da revista “Seleções” intitula-se “Rir é o melhor remédio”.

Nos vários “causos” hilariantes aqui coligidos com literariedade pelo Professor Marcelo Gurgel deduz-se

prescreverem os médicos, não apenas pílulas, mas doses abundantes (!) de risadas também!

Do acervo de centenas de “causos” inéditos, conservados pelo autor, foram pinçados 63, com dez diferentes médicos e mestres protagonizando as historietas, contadas de graça e com graça, sem nenhum favorecimento.

As especialidades podem ser diversificadas, mas cada uma é capaz de produzir “causos”, que trazem dentro de si, boas doses de humor. A Colo-proctologia, por exemplo, tem um anedotário inesgotável pelas referências jocosas aos órgãos de que se ocupa. Nesta data já sabemos incontáveis situações risíveis nessa especialidade.

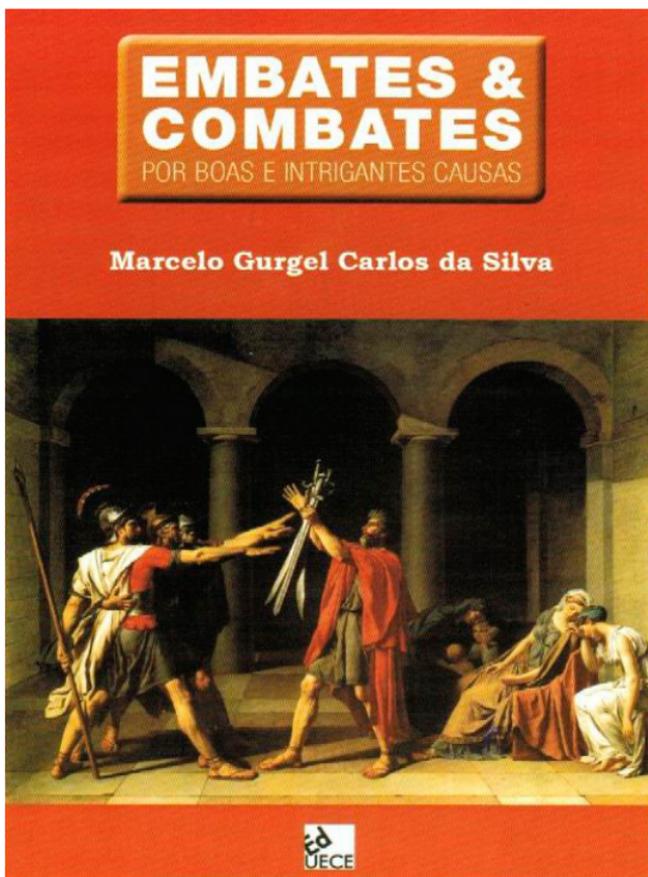
Mas, deixemo-las para a próxima edição deste livro, pois seguramente haverá, rá! rá!

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Contando causos: de médicos e de mestres. Fortaleza: Expressão, 2011. 112p.*

22 EMBATES & COMBATES: por boas e intrigantes causas

José Maria Barros Pinho

Da Academia Cearense de Letras



MESTRE DA SABEDORIA DO COTIDIANO

Desde muito jovem, trabalhando no batente da notícia nos jornais, em Teresina, aprendi a conviver com profissionais médicos afiados na faina da literatura e do jornalismo político. Era um tempo fascinante para o aprendiz da juventude atingindo, em cheio, o idealismo puro de quem já ensaiava os primeiros discursos poéticos no caderno de uma proposta literária.

Embora essa convivência não fosse tão frequente, indicava-me certa perplexidade, por não compreender bem o desembaraço dos mestres no “ético exercício da arte e da ciência hipocráticas”, em braçadas de editoriais de cunho nitidamente apaixonados por determinada facção partidária.

Com o passar dos dias, o que a primeira vista poderia parecer um despropósito de imaginação, não ajustada à nobreza da Medicina, tornou-se uma rotina cristalizada na sabedoria do cotidiano, a par de uma inquestionável vocação para o contorno primoroso do encantamento literário. Até hoje, os médicos se firmam, elegantemente, como bons combatentes na lavratura de textos sensíveis e inteligentes no cipoal mais denso do jornalismo e da literatura brasileira, revelando-se primorosos homens de letras, como é o caso do professor e médico Marcelo Gurgel Carlos da Silva.

Assegura-me a postura literária desses profissionais da saúde, a convicção de que escrever é um exercício vocacional a seguir roteiro de muita leitura diversificada e de intensa experiência humana.

O livro da vida está sempre ao alcance da lavoura fecunda da palavra submetida à língua (comunicação) e a linguagem definidora do escritor no venturoso processo da criação. Assim, é que a postulação da arte da palavra vincula-se, de pronto, ao homem na transgressão ou na transfiguração da realidade, onde vive a essência do ser como força preponderante da existência natural e histórica. Portanto, escrever é a arte de fazer e refazer dialeticamente a vida na invenção e reinvenção da História. E os médicos têm o corpo na ciência e na alma trazem a medida simétrica da arte da palavra. Talvez, para eles, escrever signifique rezar, como os poetas místicos, um salmo missionário na catedral do tempo. É o que faz com esmero de artesão da escrita e com absoluta convicção forrada no domínio conceitual das informações, o médico, o professor e o economista Marcelo Gurgel Carlos da Silva, na pontuação limpa no seu livro “Embates & Combates”. O conteúdo desta obra (não há necessidade de indicar este ou aquele assunto tratado criteriosamente pelo autor) tem o poder de resgatar a indignação da cidadania na sociedade brasileira. O autor privilegia pontualmente o universo social, econômico, político e cultural de Fortaleza, em sintonia perfeita com a realidade institucional do País. Felizmente, não estou diante de mais um tratado apologético do faz-de-conta, onde o real se transmuta em simbólico na desfaçatez hipócrita dos mitificadores que são medíocres mediadores no processo de afirmação democrática do Brasil. Basta de embusteiros!

A obra do Professor Marcelo Gurgel Carlos da Silva foi escrita no apogeu do amadurecimento intelectual e nos

limites da consciência da liberdade do cidadão. Ergue-se do chão do simples para o patamar mais proeminente do aprimoramento do Estado Democrático de Direito.

Espero que o despojamento lúcido e corajoso deste “Embates & Combates” antecipe o sol na aurora do novo tempo da cearensidade.

Aplausos para o Mestre da Sabedoria do Cotidiano.

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Embates & combates: por boas e intrigantes causas. Fortaleza: Editora da UECE, 2011. 144p.*

23 PORTAL DE MEMÓRIAS: Paulo Gurgel, um médico de letras

Ana Margarida Furtado Arruda Rosenberg
Médica pneumologista. Historiadora.



Prefaciando uma obra escrita remete, por necessário, conhecê-la, em sua inteireza, inclusive quanto às credenciais do autor e à montagem das peças que formam o seu conteúdo. Isso foi o que me propus a fazer, após ter recebido o honroso, partido do meu amigo, Marcelo Gurgel, para tecer algumas linhas do livro sobre o pneumologista literato Paulo Gurgel, meu colega de especialidade e seu dileto irmão.

Jamais poderia me furtar de atender a uma incumbência como essa, até por conta das afinidades do tríduo: Marcelo, Paulo e eu: mesma profissão, mesmo gosto pela literatura. E assim, encontro-me a postos, para dizer o que penso, à guisa de prefácio desta obra que tem a cara de quem a escreveu.

No meio médico, é hábito consagrado pela tradição que se rememore os nomes e o valor científico dos companheiros, que a mão soturna da morte de nós distanciou, para sempre; eles são, portanto, impedidos de saber do reconhecimento de seus pares. Como este não é o caso de nosso caro colega Paulo Gurgel, desincumbo-me desta missão com alegria redobrada.

A 6 de junho de 1948, ele viu a luz na encantadora cidade de Fortaleza, tendo por progenitores Luiz Carlos da Silva e Elda Gurgel e Silva. Como primogênito de uma numerosa prole, teve o mérito de desbravar o caminho do saber aos seus 12 irmãos. Sempre muito aplicado nos estudos, colou grau em medicina pela UFC, com 23 anos, em 1971, sendo o mais moço de sua turma.

Foi em Manguinhos, velha colmeia efervescente de pesquisadores e estudiosos, criado pelo grande sanitarista Oswaldo Cruz, insigne saneador do Brasil, que Paulo fez o curso de especialização em Tisiologia Clínica e Sanitária da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Abraçando a pneumologia, transitou com desenvoltura por todos os meandros desta especialidade. Com golpes de talento e de trabalho, à custa de esforços e de uma atividade excepcional, contribuiu para o engrandecimento da medicina cearense. Foi no Hospital de Messejana (HM) que, durante 30 anos, exerceu com esmero e dedicação suas atribuições de: plantonista da emergência, médico da Seção de Pacientes Externos, e chefe da Seção de Documentação Científica, do Serviço de Pneumologia, da Divisão Médica e do Centro de Estudos.

O Serviço de Pneumologia do HM, de 1995 a 1999, deu um grande salto qualitativo graças à sua gestão solícita e dedicada. Coube-lhe, indiscutivelmente, o mérito de ter sido um dos artífices da primeira UTI Respiratória do Norte e Nordeste. A mesma foi inaugurada no dia 5 de junho de 1996, com o nome de “UTI Respiratória Prof. Mário Rigato”, homenageando um dos grandes vultos da medicina brasileira, baluarte da luta contra o fumo no Brasil, que teve relevante atividade em nosso meio acadêmico.

Na chefia do Centro de Estudos Manuel de Abreu, de 2003 a 2007, coordenou as festividades comemorativas dos 70 anos de existência do Hospital de Messejana, participou da criação do *website* do HM, integrou o grupo-tarefa que adequou o HM para a Certificação como Hospital de Ensino pelos Ministérios da Saúde e da Educação. Entre

estas e outras realizações, foi responsável pelo cadastro do HM no Diretório das Instituições de Pesquisa do CNPq, pela reforma dos auditórios, pela construção de uma nova biblioteca acoplada a uma sala de biblioteca virtual e pela reforma do *hall* com a galeria de fotos dos Ex-Presidentes do Centro de Estudos.

Teve, também, atuação larga e vigorosa nos vastos campos da medicina preventiva. De 1989 a 1990, coordenou o Programa de Controle da Tuberculose da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (SESA); de 1999 a 2006, atuou como Assessor Especial da SESA em Pneumopatias Ocupacionais.

Observador criterioso, espírito ponderado estudou a extensão da silicose relacionada com o trabalho em pedreiras, no município de Caridade-CE. Entre 1993 e 2001, identificou, no Hospital de Messejana, 14 casos de silicose em pacientes trabalhadores em pedreiras. Suas pesquisas foram determinantes para o encerramento das atividades em duas pedreiras no distrito de Inhuporanga, município de Caridade-CE. No período de 1993 a 2006, diagnosticou 190 casos de silicose de diferentes regiões do nosso estado e de diversas profissões como: cavadores de poços, trabalhadores de pedreiras, mineiros, jateadores, trabalhadores com cerâmicas etc.

Sua veia literária, desabrochada aos sete anos de idade através de poesias, fez com que ele, em 1982, fosse um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Seção Ceará (SOBRAMES-CE). Integrou sua primeira diretoria, assumiu a presidência da segunda, de 1985 a 1987, organizou várias coletâneas e participou

de suas inúmeras antologias. Suas crônicas e seus contos foram veiculados, quinzenalmente, no jornal Diário do Nordeste, por mais de dois anos.

Criador de cinco *blogs*, é através deles que, atualmente, dá vazão a sua produção intelectual. No “Acta Pulmonale”, o *blog* destinado a temas de pneumologia, divulga a especialidade com informações e curiosidades ligadas à saúde pulmonar.

Conheci o Dr. Paulo Gurgel nas sessões clínicas do Hospital de Messejana e, imediatamente, por ele senti grande afinidade, por eu ter estudado, no Ginásio Santa Maria Goretti, com a Marta, uma de suas irmãs. Nele apreciei a maneira gentil e fidalga no trato com os colegas, a fala mansa, os gestos comedidos, a retidão de caráter, além da inteligência invulgar. Nossos contatos foram sempre nos eventos científicos da especialidade. Coube-me a prazerosa honra de, com ele, dividir uma mesa, no Outubro Médico de 1993. Tratava-se de uma Conferência Magistral do Dr. Mário Rigato, intitulada “Anti-tabagismo e Ética Médica”, quando ele presidiu e eu secretariei a referida mesa. Guardo doces recordações daqueles momentos mágicos em que o Prof. Rigatto, com o dom da oratória de que era possuidor, nos encantou, mantendo-nos hipnotizados como em um transe de prazer intelectual.

Hoje, vejo-me na posição de prefaciadora desse livro temporão, chegado depois de o Paulo ter produzido muito, literalmente falando, mas sem tomar a iniciativa de juntar textos de sua autoria, em um ou mais balaios intelectuais, para deleite do público. Daí eu me sentir convencida de que é preciso pulmão dos bons para oxigenar as ideias.

Paulo Gurgel é um exemplo disso. Basta ver o sumário da obra, com dez ensaios e depoimentos; uma dezena também dos casos do Paulo; seis entrevistas assinadas por Marcelo Gurgel, não por acaso enfileiradas no capítulo “Entre Médicos Irmãos”; três apreciações sobre a atividade literária de Paulo Gurgel, mais três, a título de mensagens curtas e outras três referenciando as homenagens e distinções que já recebeu. Não faltaram os verbetes, tampouco os anexos/apêndices, com sinopse do seu *Curriculum Vitae*, os Principais Marcos da Vida, a Lista de Textos Publicados em Antologias e Coletâneas, a Lista de Colegas da Turma Carlos Chagas e o Posfácio.

Como se diz no jargão popular, o livro sobre o Paulo Gurgel é “um prato cheio”. Quem se der ao prazer de saboreá-lo, vai entender que ele não apenas parece ser bom. Ele é bom, de verdade.

Digo e assino embaixo: Paulo Gurgel Carlos da Silva é um daqueles eleitos por Deus para reinventar a vida, através da sua prodigiosa inteligência.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Portal de memórias: Paulo Gurgel, um médico de letras. Fortaleza: Edição do autor, 2011. 200p.*

24 TEMAS DE ECONOMIA DA SAÚDE III

Fernando José Pires de Sousa

Prof. Associado III - UFC



A economia da saúde desponta como importante disciplina a partir da ingerência dos governos visando equilibrar as finanças públicas nacionais, assentados em forte base ideológica inspirada no que foi disseminado como “Crise Fiscal do Estado”. Isto se verificou notadamente nos países desenvolvidos que haviam edificado os sistemas nacionais de proteção social durante a fase keynesiana que combinou construção dos direitos sociais com progresso econômico depois da Segunda Guerra mundial. A disseminação dos pressupostos norteadores deste campo do saber teórico e principalmente empírico no contexto global se deu rapidamente, envolvendo as nações em desenvolvimento, e mesmo as mais pobres, as quais nem sequer haviam ainda se iniciado na construção de um estado socialmente “protetor”, ostentando, portanto, significativas e injustas dívidas sociais. As recomendações preconizadas pelos organismos internacionais – correias de transmissão ideológica e programática das nações ricas – como bem constam nas políticas reunidas no conhecido Consenso de Washington, negavam aos Estados a prerrogativa legítima de procurar combater a pobreza e a exclusão social de forma estrutural e assim fazer frente às referidas dívidas. O imperativo do enfraquecimento do Estado e do fortalecimento do Mercado compreendeu praticamente todos os domínios, sendo os da previdência e da saúde os certamente mais visados pela importância que assumiam enquanto despesas públicas e “geradores” de desequilíbrios fiscais.

O campo da economia da saúde passou então a ser funcionalmente e disciplinarmente importante como fundamento cognitivo para justificar a racionalização dos or-

çamentos governamentais, o que só poderia ter consistência a partir do desmonte do próprio estado que, por sua vez, necessitava travar uma luta visando desestruturar o arcabouço legal de garantia dos direitos sociais, com foco importante no segmento da saúde pública.

Todavia, tudo indica que vários fatores contribuíram e vêm assumindo cada vez mais relevância para uma correção dos rumos e para a compreensão desta importante disciplina agora muito mais como indutora de uma proteção social fundada em direitos garantidos pelo estado. A construção do Sistema Único de Saúde -SUS é um exemplo histórico concreto de resistência ao dismantelamento do nosso “Estado de Bem-Estar Social”. Esta resistênciase constitui, certamente, num dentre tais fatores, graças à luta do movimento sanitário e de outros segmentos da sociedade, travada ainda na fase em que imperava a Ditadura Militar, a qual abriu espaço significativo para a expansão dos interesses da iniciativa privada na saúde. Pode-se enumerar ainda o próprio fracasso e descrédito da injunção neoliberal que culminou com a grave crise econômica atual com tendência a assumir dimensão sistêmica – mas que flagela notadamente as sociedades das Nações ricas,ironicamente as que legitimaram e deram sustentação ao respectivo ideário –, e a conseqüente retomada do Estado, em particular na América Latina, como protagonista do progresso econômico e social.

Imbuídos então por tais compreensão e compromisso, os profissionais, pesquisadores, professores e alunos envolvidos com a promoção da saúde pública e especial-

mente com a economia da saúde no Ceará, colocam à disposição do leitor especializado e do público em geral este terceiro número da coletânea “Temas de Economia da Saúde”, bom proveito!

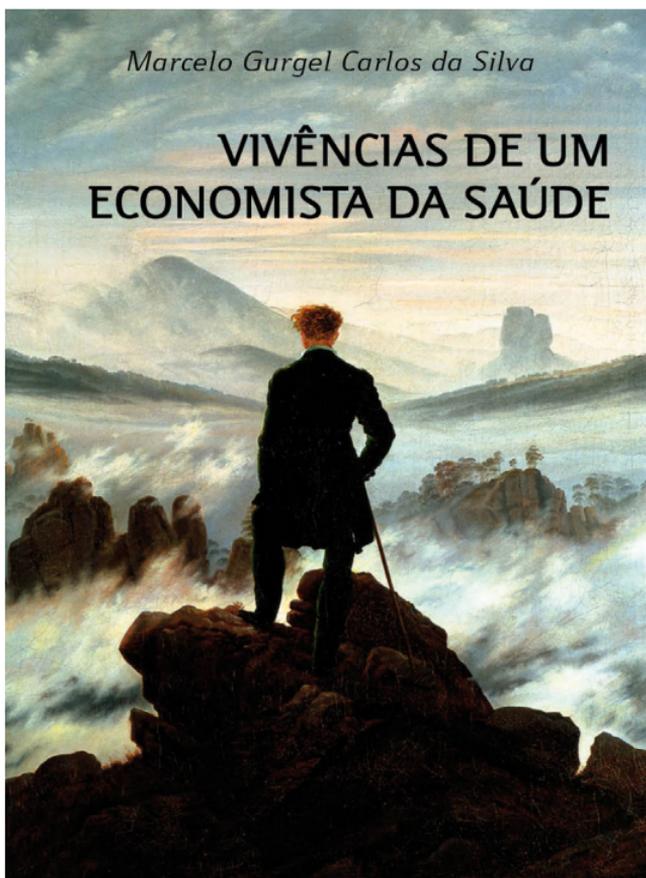
* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; SOUSA, M.H.L. (org.). Temas de economia da saúde III: contribuições para a gestão do SUS. Fortaleza: Editora da UECE, 2011. 196p.*

25 VIVÊNCIAS DE UM ECONOMISTA DA SAÚDE

Pedro Sisnando Leite

Vice-presidente do Instituto do Ceará

Professor Titular de Economia (aposentado) do CAEN/UFC



Com muita simplicidade e talento, o Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva consegue narrar neste livro a trajetória profissional do médico e economista que ele se tornou. Foram longos anos dedicados aos estudos e trabalho perseverante de formação profissional. A alma desta obra é sua intenção de deixar para a posteridade as memórias e histórias de vida de um escritor preocupado com a saúde do corpo e da economia.

Não é exagero afirmar que a experiência de vida do professor Marcelo Gurgel da Silva é singular pela sua riqueza, que poucas pessoas tiveram a oportunidade de imitá-la. Basta percorrer o seu currículo que vai desde os estudos das primeiras letras até o pós-doutorado, sempre com desempenho excelente, pelo que se pode deduzir dos dados comprobatórios relatados a seguir. Para ter uma ideia mais objetiva do que estou tratando, é bastante fazer a leitura deste agradável livro.

Na verdade, o objetivo do livro “Vivências de um Economista da Saúde” vai além de uma autobiografia, podendo ser classificado mais como a historiografia de fatos relevantes da sociedade cearense no campo da economia da saúde das últimas três décadas. Como seu ex-professor de economia do desenvolvimento, na Universidade Federal do Ceará, tenho grande satisfação em assinar o presente Prefácio, mesmo havendo manifestado ao autor que eu não seria a pessoa mais credenciada para essa finalidade.

Muitos fatos sobre a vida do Dr. Marcelo Gurgel chamam a nossa atenção em seu livro. A sua produção científica o coloca dentre os mais destacados escritores

cearenses em sua área de trabalho de economia da saúde. Como prova disso, pode ser mencionado que ele publicou sessenta e dois livros, dos quais 18 são sobre esse assunto. Afora dezenas de artigos editados em periódicos científicos locais, nacionais e internacionais. Ele foi responsável pela organização de cursos de especialização em planejamento e economia da saúde na Universidade Estadual do Ceará (UECE). O autor é coordenador do Grupo de Pesquisa em Economia da Saúde da UECE e deu orientação a vários alunos de pós-graduação, assim como trabalhou em atividades de consultoria técnica e científica nesses assuntos.

A atuação do autor como docente é outra faceta fascinante de uma vida profissional ativa e de notório progresso. A sua carreira acadêmica desenvolveu-se principalmente na Universidade Estadual do Ceará, onde é muito admirado por seus colegas e alunos. Essa história começou em janeiro de 1982, quando foi admitido como Professor Auxiliar dessa Universidade. Em seguida tornou-se Professor Assistente por mérito e mais adiante ascendeu ao grau de Professor Adjunto (abril de 1984) em face dos direitos que obteve com a acumulação de títulos de formação universitária de pós-graduação. Finalmente, concorrendo em concurso público de provas e titulação, tornou-se professor Titular de Saúde Pública, em 1998. Vale destacar que o Dr. Marcelo Gurgel obteve nota dez com essa finalidade.

O livro desse economista da saúde, entretanto, não trata apenas da história de uma vida dedicada plenamente à medicina ou à economia, mas também representa uma

contribuição aos assuntos de economia do nosso Estado e a temas gerais pertinentes à profissão do economista e à sociedade, de modo geral. São capítulos deste livro matérias tais como resumos de livros, resenhas, prefácios de obras que assinou e tantas outras matérias. Como exemplos da abrangência da abordagem do autor podem ser mencionados: “A mão invisível do mercado e a fome”, “O que houve com a função de economistas do Ceará?”, “Epigrafas em economia da saúde”, e “O mercado de trabalho e a formação de economistas no Ceará”.

Enfim, o autor está de parabéns por mais uma obra em sua numerosa bibliografia e pelo agradável texto que proporciona aos leitores que tiverem a oportunidade de ter acesso a esta nova obra do Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Vivências de um economista da saúde. Fortaleza: Editora do autor, 2011. 144p.*

26 HAROLDO JUAÇABA: tempo, espaço, ação

Ivan de Castro Alves
Empresário e sócio do ICC



Haroldo Juaçaba
tempo, espaço, ação

Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Elsie Studart Gurgel de Oliveira

Li, com gosto e atenção, a minuciosa redação desta obra sobre a vida do Dr. Haroldo Juaçaba. Confesso que me senti muito honrado por ter sido escolhido para escrever o prefácio, mas entendo que talvez a principal razão tenha sido o antigo relacionamento entre nossas famílias. Houve uma amizade a partir de meu pai, Paschoal de Castro Alves, com o pai dele, Carlos Garcia Juaçaba.

Conheci o Dr. Haroldo ainda solteiro e convivi com o casal, ela, Dona Heloisa, fiel companheira durante 60 anos, a qual cuidou dele com extrema dedicação até o momento que ele nos deixou.

Dr. Haroldo foi meu companheiro e amigo na Diretoria do Instituto Brasil Estados Unidos – IBEU, também na nova fase da Instituição marcada pelo texto de sua autoria “O IBEU do meu tempo”, escrito em 1983 e inserido na publicação “IBEU 40 anos”.

Lembro que ele, há 23 anos, preocupado com os pacientes de câncer mais carentes, vindos do interior, sem condições de serem atendidos por falta de abrigo, sugeriu-me que buscasse uma solução; resolvi fazer a ampliação da pequena Enfermaria Carmem Prudente, a qual perdurou por vários anos, atendendo aos necessitados, e vindo a tornar-se a atual Casa Vida. Essa atitude me valeu uma honrosa placa de bronze no *hall* de entrada do Instituto do Câncer do Ceará - ICC.

É preciso ler, neste livro, a coletânea de vivências profissionais e constatar o caráter e o sacerdócio de um médico que chegava a atender até 100 pacientes por dia.

Durante seis décadas, atuou como médico, professor, conferencista, dedicando a maior parte do seu tempo ao ICC. Entre outros fatos notórios de sua atuação, em 1944, Dr. Haroldo internou-se na Amazônia, a fim de tratar os Soldados da Borracha, a maioria deles saídos do Ceará.

Considero de suma importância ter preparado seu filho Sérgio para dar continuidade ao trabalho do ICC, hoje com quase 1.000 funcionários diretos, inclusive 120 médicos dando atendimento mensal a 20.000 pessoas, aproximadamente. Em 2009, atingiu o 2º lugar no Brasil, com 280.000 atendimentos.

Finalmente, parabênzo Marcelo Gurgel Carlos da Silva e Elsie Studart Gurgel de Oliveira, que, com relevante trabalho de pesquisa colhido em diversas fontes, coordenaram este livro sobre a trajetória de uma vida plena de realizações do admirável e abnegado médico Dr. Haroldo Juaçaba.

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; OLIVEIRA, Elsie Studart Gurgel de. Haroldo Juaçaba: tempo, espaço, ação. Fortaleza: Tipoprogresso, 2011. 248p.*

27 “REFAZENDO O CAMINHO: passado e presente de uma família”

Epifânio Menezes de Oliveira

*Professor da Uece. Presidente da Academia Cearense de
Medicina Veterinária*

Marcelo Gurgel Carlos da Silva



Refazendo o Caminho
Passado e presente de uma família

Chegam às minhas mãos os originais de mais uma obra literária, em forma de livro, do consagrado escritor e médico, Marcelo Gurgel, com uma surpreendente solicitação para produzir o seu prefácio. Conheço o autor desde os pretéritos tempos de sua adolescência, quando caminhava, carregando seus sonhos mais sonhados, pelas românticas e mal cuidadas ruas do bairro de Otávio Bonfim. O tempo passou, e como passou. Ele tornou-se conceituado médico, Doutor em Saúde Pública e meu colega como professor da UECE.

O autor inicia sua obra de maneira bastante criativa quando seu imaginário reedita a verve do patriarca da família, Luiz Carlos da Silva, de saudosa memória. Marcelo herdou dele não só o fenótipo - tipo físico e semelhança facial. Mas também aspectos do genótipo, principalmente o de escrever de maneira escorreita. Eu e Aldênia travamos nossos primeiros contatos com o clã “Gurgel Carlos da Silva”, no início da década de 1970 quando, recém-casados, fomos morar em domicílio vizinho, no último quarteirão da rua Domingos Olímpio. Acompanhamos muito de perto, o desenvolvimento físico, intelectual e profissional da maior parte da numerosa prole. Quando nasceu nosso primogênito, a orientação firme, dedicada e competente de Dona Elda foi de fundamental importância para aquela mãe de “primeira viagem”.

A primeira parte da obra é composta por seis crônicas, ao longo das quais, o autor faz seu genitor reviver episódios marcantes de sua vida, tais como apresentando os ascendentes familiares; a catastrófica irregularidade cli-

mática vivenciada em 1932; a alegria com o nascimento do primeiro filho, hoje conceituado médico Paulo Gurgel Carlos da Silva; o início de seus estudos em Fortaleza, tendo como palco o Colégio Cearense, dirigido por Irmãos Maristas; o patrimônio familiar conseguido com uma luta diuturna para prover o sustento e educação de uma prole de onze filhos que os deixam aptos a vencer na vida, com os próprios recursos intelectuais. Esta parte é encerrada com a lembrança dos familiares que já foram estudar a geologia dos campos santos.

Nos capítulos seguintes, o autor dá um magistral passeio na intimidade do clã, trazendo ao domínio público, com muita fidelidade e riqueza de detalhes, os feitos heróicos e as consequentes vitórias de cada um, discorrendo acerca dos predicados individuais, os dons e talentos espoados, produção literária e a árvore genealógica construída a partir do casal Luiz Carlos e Elda.

Das lembranças familiares quero me ater ao patriarca, Luiz Carlos da Silva. Homem de grande saber jurídico e notável cultura humanística. Austero no exercício de sua profissão. Amigo de seus amigos e dotado de uma característica muito pessoal: quando fazia uma pergunta, preparava-se para ouvir a resposta.

Na alma do homem Luiz Carlos da Silva sempre estive presente a alma de Redenção, dos amigos sinceros, do silêncio e da sabedoria.

Infelizmente toda história de vida tem começo, meio e fim, não seria diferente com o meu estimado compadre. Por mais brilhante, rica e exemplar que tenha sido sua pas-

sagem pela terra, eis que chegou o momento dos sinos do céu badalarem às alvíssaras da convocação, por Deus, de um brilhante operador do Direito.

Morria não seria o termo adequado. Tombava. Desta maneira se vão os monumentos e os heróis: tombar de corpo enfraquecido, mas erguido, como as árvores frondosas. Como as águias ganhando os céus. Luiz Carlos foi a dimensão transcendental. Imensurável. É tão presente entre nós, que deixou sua sombra avultar em nossas vidas. Luz que nunca se vai. Na fé de seus amigos, familiares, correligionários e admiradores a biografia de Luiz Carlos da Silva não termina em 20/11/2000, quando convocado por Deus Pai, o Criador, foi sentar-se à sua direita para a vida eterna.

Em falando dele meus olhos brilham à lembrança.

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Refazendo o caminho: passado e presente de uma família. Fortaleza: Edição do autor, 2012. 144p.*

28 MEDICINA, MEU HUMOR!

José Murilo Martins

*Da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de
Medicina e do Instituto do Ceará.*

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Medicina, Meu Humor!

Contando Causos Médicos



A FASCINANTE MEDICINA!

O médico, no exercício de sua profissão, mantém uma luta contínua contra a doença, a qual, no dizer de Ralph Major, “é tão antiga quanto a própria vida”. E nessa luta sem tréguas contra as enfermidades e a própria morte, ele pode encontrar momentos de grande alegria ao salvar uma vida, curar uma doença ou amenizar uma dor. Esses momentos de satisfação fazem da medicina uma carreira fascinante, principalmente quando exercida por aqueles que a amam!

O poeta cearense Martins d’Alvarez, ao criticar minha primeira obra sobre temas médicos, tece o seguinte comentário: “Ao virar a última página de seu livro Medicina meu amor, pela primeira vez na vida deixo comovido e saudoso o Hospital, depois de um curso intensivo de Pronto Socorro pelas trágicas e pitorescas favelas cariocas.” É que ele “achava ser difícil, quase impossível” se extrair algo de proveito do duro exercício da medicina.

Mas, os escritores médicos sabem que a medicina não é só dor e muitos são capazes de mostrar aos seus leitores interessantes episódios ocorridos na prática médica e no período de formação profissional. É o que propõe fazer o professor Marcelo Gurgel Carlos da Silva nesse seu novo livro Medicina, meu humor! Contando causos médicos.

O autor, com estilo simples e sem se valer de termos difíceis da ciência médica, narra uma série de casos inusitados atendidos nos serviços de saúde de grandes cidades e os momentos inesquecíveis da vida estudantil. Enfim, mostra com precisão o cotidiano de um filho de Hipócrates.

Medicina, meu humor! contém mais de sessenta histórias e está dividido em quatro capítulos:

- I: Historietas infantis
- II: Da medicina da UFC
- III: Do ensino médico
- IV: Dos serviços médicos.

Em historietas infantis são descritas as atividades de enfermagem e de ambulatório de um grande hospital infantil de Fortaleza, mantido pelo governo, que atende pacientes de alta complexidade do nosso estado e até de estados vizinhos. Por se tratar de um hospital público para onde se dirige uma clientela de baixa renda foi possível detectar curiosas facetas dos casos para ele encaminhados. Assim, são apresentados vários episódios do dia a dia que vão desde o relacionamento, às vezes ríspidos, de algumas mães dos doentinhos com os médicos e auxiliares de enfermagem até uma relação de nomes exóticos de muitas crianças atendidas. Neste último aspecto merece destaque o nome de uma recém-nascida de Avecê. Criticada sobre o estranho nome dado à filha, a genitora explicou que conhecia uma mãe rica que tinha uma filha com o nome de A-I-D (Haidê), por que não podia ela ter uma filha com o belo nome de A-V-C (a enfermidade de sua sogra)?

Tão importante quanto relembrar os episódios felizes do tempo de estudante na Faculdade é o de registrá-los em um livro onde ficarão gravados esses momentos históricos da instituição. Marcelo Gurgel conta o começo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, suas dificuldades no período de implantação, rivalidades entre professores e o relacionamento dos professores com

os alunos. Dentre as histórias estudantis apresentadas, ressalta a intitulada Afrontando com Galileu Galilei, que aconteceu em pleno período da ditadura militar. Ela revela a irreverência estudantil vigente na época.

O conhecimento de outras línguas é fundamental na carreira universitária. A bela língua de Cervantes serviu de exemplo. Vejam os casos da reação química que conduziria a um precipitado “rojo” e o da aventura de uma intrusa “cucaracha” no gabinete de trabalho de uma professora.

Ao concluir, o autor apresenta uma série de causos dos serviços médicos, tais como o tique nervoso, as histórias dos japoneses e a do barbeiro, o eterno mal-entendido transmissor da doença de Chagas.

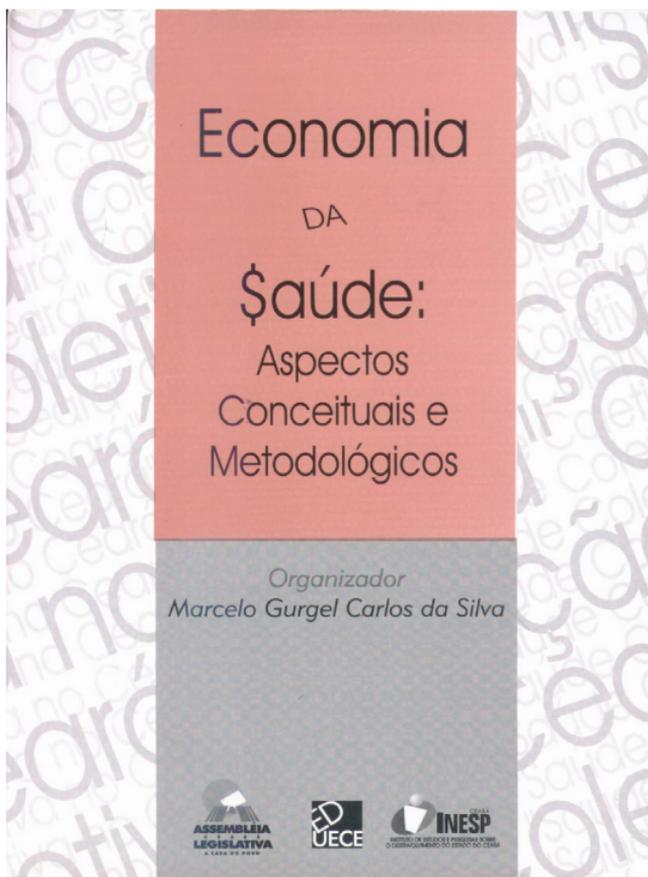
Estamos todos de parabéns: o professor Marcelo Gurgel Carlos da Silva, pelo seu novo livro Medicina, meu humor! Contando causos médicos; a medicina cearense que fica enriquecida com o registro de inúmeros instantâneos curiosos de nossa época; e o mundo das letras de nosso estado ao ver lançado mais uma obra na vasta área do conhecimento humano!

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Medicina meu humor!: contando causos médicos. Fortaleza: Edição do autor, 2012. 120p.*

29 MEDICINA DA UFC 1977-2012: jubileu de coral da Turma Prof. José Carlos Ribeiro

Elsie Studart Gurgel de Oliveira

Professora e Técnica em Assuntos Educacionais



... E por falar no tempo, “passaram-se 35 anos e agora é tarde demais para ser reprovado”. O gaúcho Mário Quintana sabia bem disso, tanto que ousou dizer ainda que “a vida é o dever que trouxemos para fazer em casa”.

De fato, há três décadas e meia, 107 jovens saíam da Faculdade de Medicina com a cabeça cheia de sonhos, levando debaixo do braço o diploma de “doutor”. Sim, a partir dali, eram eles médicos, para o que desse e viesse. Haveriam de cumprir o Juramento de Hipócrates, não importando a especialidade escolhida. Tinham todos, pela frente, grandes desafios, e o ideal era um só: vencer. Realmente, foram, viram e venceram. Daquela centena e um pouco mais de concludentes da Turma Prof. José Carlos Ribeiro, 11 já cumpriram sua jornada terrena e, agora, encontram-se clinicando no céu. Os demais estão aqui para contar as peripécias de um grupo de moças e rapazes, mais rapazes do que moças, ávidos, à época, para transformar o mundo, usando como ferramentas os conhecimentos aprisionados na “cachola”, durante os seis anos da faculdade, intensamente vividos em meio às salas de aula, laboratórios, ambulatórios, dissecando cadáveres e explorando, em todos os sentidos, a geografia do corpo humano.

Não poucos optaram por estender o tempo de estudo, buscando lá fora a complementação dos seus saberes, com especialização, mestrado e doutorado. Eram, na verdade, que nem bicicletas, em movimento: se parassem, cairiam. Quantos, dessa turma de medicina do ano de 1977, não ousaram seguir as pegadas dos seus grandes mestres da

UFC, e, ainda hoje, passados 35 anos, continuam transferindo às novas gerações de alunos, tudo o que aprenderam nos dias e noites vivendo a experiência de se fazerem médicos, do corpo e da alma.

São esses os professores que, embora amargando salários pequenos, pouco condizentes com a garantia de uma aposentadoria financeiramente tranquila, persistem na luta, combatendo o bom combate, sem pressa de chegar ao fim. Ensinar é um vício que se entranha no organismo de todo aquele que sabe não existir um antídoto para frear a gana de formar talentos, de descobrir e estimular novas vocações.

Têm, todos aqueles egressos da Turma Prof. José Carlos Ribeiro, o senso comum de não deixar que o tempo corra suas emoções. Se a isso se der o nome de saudade, ou nostalgia, pouco importa. O certo é que nenhum deles se permite agir com a leviandade, relegando a um plano menor momentos que, de tão bons, fizeram-se eternos. Daí a preocupação constante do grupo de se reunir, dentro dos limites do possível, para rememorar anos de convivência, sem deixar de passar a limpo fatos acontecidos, alguns não muito esclarecidos, mas todos, sem isenção, trazendo o cheiro da juventude que se foi, e que, paradoxalmente, deve ter ficado guardada e protegida contra o bolor do esquecimento.

A reunião programada para 2012, desse valoroso des-tacamento da saúde, na *terra brasilis*, confirma tudo o que já foi dito sobre o poder de fogo dos combatentes – os que já caíram no campo de batalha, e os que seguem empunhando a velha bandeira de guerra, onde se vê incrustada

a figura da serpente enroscada no bastão de Asclépio, com o dístico imaginativo similar ao encontrado no estandarte da Santa Helena: *in hoc signo vinces*.

O calendário de 2012 marca, pois, o encontro dos 96 sobreviventes dessa gloriosa epopeia, sob os auspícios da nova era, a começar pelo local escolhido - um hotel na Praia do Presídio. E por que não aproveitaram eles a simbologia do nome, se na verdade, são eternos prisioneiros da sua memória, jamais permitindo que uma carta de alforria venha podar suas lembranças?

Esta comemoração deixaria de estar completa, se um bloco de participantes da turma não houvesse tido a pretensão de repetir a mesma dose que marcou a celebração do Jubileu de Pérolas, em 2007: a edição de um livro, organizado por Marcelo Gurgel, nos moldes um memorial da saudade, trazendo de volta um passado teimoso em não parecer passado, tal o seu vigor, ao cabo de 30 anos.

Agora, é a vez do Jubileu de Coral. São 35 anos de formatura da Turma Prof. José Carlos Ribeiro, com um novo livro editado: Medicina da UFC, 1977-2012, reunindo ensaios, perfis e crônicas, em que predominam textos escritos pelos que partilharam dos mesmos bancos acadêmicos, concludentes que foram daquele ano da graça de 1977.

Os termos tratados, como é possível inferir da prazerosa leitura, estão fundamentalmente relacionados às ações que se passaram, desde dezembro de 35 anos atrás, com a participação de atores formados nas fileiras da Turma que recebeu o nome do grande mestre José Carlos Ribeiro.

A coletânea, ao que se sabe, tem o propósito de fazer uma atualização da publicação anterior – “Medicina na UFC, 1977-2007”, na medida em que resgata fatos históricos da Medicina cearense, cobrindo um período, iniciado em 1972, com a introdução do Ciclo Básico, de malfadada lembrança.

A obra atual inclui textos assinados por alguns beneficiários do estatuto dos idosos e de outros que se avizinham, pela própria ultrapassagem da marca dos 60, ou quase isso, trazendo experiências relatadas com redobrado prazer. O tempo é camarada: encarrega-se de valorizar coisas, atribuindo-lhes maior dimensão, principalmente quando envolvidas as razões do coração.

Tem-se, pois, para deleite de um grupo que ainda milita na resistência e de um público assaz específico, formado por professores, familiares e amigos, uma publicação cuidadosamente elaborada, e que deverá se fazer instrumento regulador da memória, com propriedades terapêuticas para reativar sentimentos e emoções.

Finalizando esta elucubração mental, faz-se oportuno trazer de volta o pensamento de Drummond, exposto em 2007, quando dita turma completou 30 anos de formatura em medicina. Àquela época, cinco anos atrás, como bem disse Marcelo Gurgel, a maioria já estava meio “troncho”, mais até do que antes, curvada para o lado esquerdo do coração, justo por vir carregando, há um bocado de tempo, o peso do bem-querer a tantos amigos.

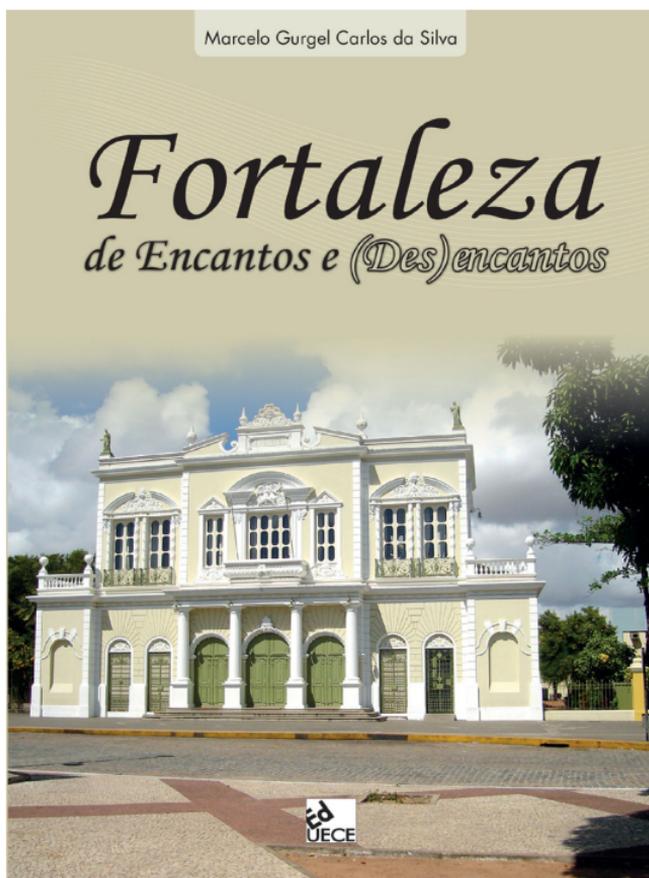
Sim, tem-se a certeza de que o “dever de casa” foi cumprido à risca, daí a satisfação de testemunhar que es-

ses atores, preparam-se, desde agora, para o “grande final” que se anuncia, premonitoriamente, para 2017, quando, se Deus assim permitir, todos estarão velhos, mas não tão velhos, nem privados de sua capacidade intelectual ao ponto de impedir-lhes de agradecer ao Pai, por terem um dia escrito a sua própria história na Turma Prof. José Carlos Ribeiro.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). Medicina da UFC 1977-2012: jubileu de coral da Turma Prof. José Carlos Ribeiro. Fortaleza: Expressão, 2012. 136p.*

30 FORTALEZA: de encantos e (des)encantos

Cid Sabóia de Carvalho
Da Academia Cearense de Letras



PREFAÇÃO

No Brasil, ontem e hoje os cronistas são muito respeitados, lidos e amados. Escritores como Paulo Barreto, Humberto de Campos, Coelho Netto, Olavo Bilac e mais alguns menos idolatrados marcaram luminosamente o século XX, principalmente no seu primeiro quartel. Surgiram sucessores como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade que mantiveram, juntamente com outros, o brilho desse gênero literário, sensibilizando o país em todos os seus quadrantes.

No Ceará, a Terra da Luz, nunca ficamos do lado de fora na história da inteligência nacional. Grandes cronistas sempre estiveram presentes nos jornais, nas revistas e nos livros. Há de se ressaltar a doce figura que às vezes variava para a amargura... Estou falando de Caio Cid, aquele que chegou a me escrever cartas datilografadas, nas quais expressava o seu talento de poeta e prosador, nos momentos de explosão de sua alma, naquele tempo em que perdeu a voz. Como posso esquecer, falando dessas coisas, de minha própria mãe, a sábia professora Margarida Sabóia de Carvalho, cronista do DIÁRIO DO POVO, no qual publicava suas deliciosas peças literárias que tanto repercutiam. Como estudiosos da literatura cearense pudemos esquecer de Francisca Clotilde, J. C. Alencar Araripe, Adísia Sá e tantos outros jornalistas que percorreram caminhos que marcaram a nossa cultura jornalística e literária?

Assim com essas breves lembranças chega-me a oportunidade de prefaciar a presente obra de Marcelo

Gurgel Carlos da Silva, autor de dezenas e dezenas de livros, nos quais trata de assuntos tão diversificados que nos levam a louvar-lhe a universalidade de seu talento, no momento em que, como cronista escreve sobre a nossa querida Fortaleza, diante da qual se posta como cuidadoso observador, marcado pela eficiência de seu olhar carinhoso e ao mesmo tempo crítico, redigindo registros de lembranças que redescobrem uma província cheia de certos encantos e saudades.

Eis um livro de crônicas elaboradas por um médico criterioso e inteligente, fértil e hábil que se transforma igualmente em um repórter observador capaz de reter nas páginas deste volume uma Fortaleza provinciana e que teima em se transformar em uma violenta metrópole.

Marcelo Gurgel Carlos da Silva é, sem dúvida, aqui e agora um poderoso intelectual que se destaca pela diversificação de seu talento, capaz de produzir peças leves e delicadas e pronto, ao mesmo instante a produzir romances e trabalhos científicos de maior fôlego.

O livro que prefacio é composto por crônicas peculiares, nas quais surge o memorialista que não se contém em suas dimensões e ressurge no redator moderno e atento. É um livro que pode ser lido do começo ao fim. Porém, como há tanto tipo de leitor pode-se fazer a leitura do jeito que se preferir: através da escolha de títulos mais sugestivos; de temas que nos toquem mais forte; obedecendo a uma necessidade psicológica; ir e voltar como quem viaja por uma estrada agradável...

Resta o prazer da leitura como quem tem a satisfação de cuidadosamente preparar o aplauso.

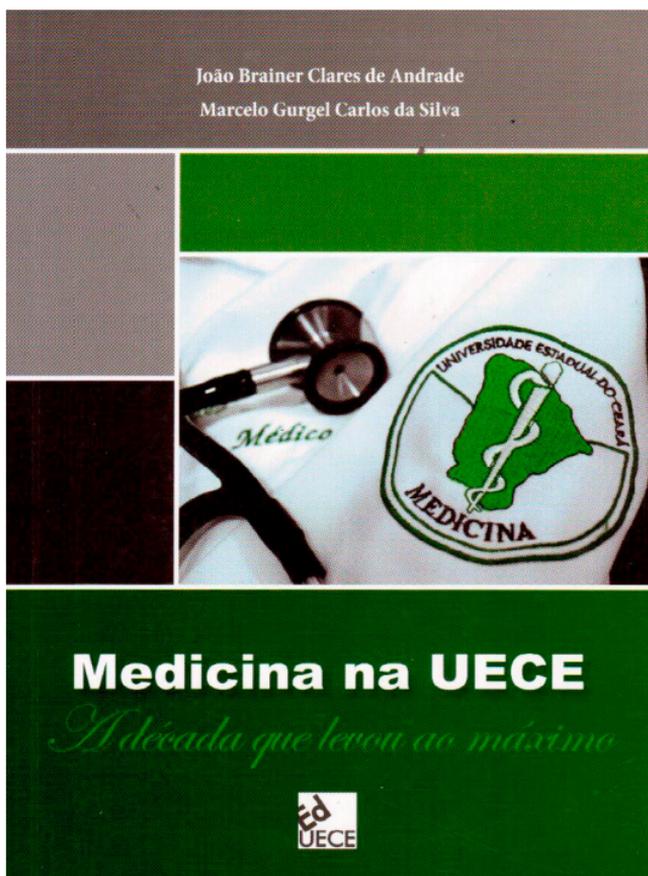
Basta, agora abraçar o Marcelo e saber que ele se apresta na construção de novas obras.

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Fortaleza: de encantos e (des)encantos. Fortaleza: EdUECE, 2012. 128p.*

31 MEDICINA NA UECE: a década que levou ao máximo

Adib Domingos Jatene

Cirurgião Cardiovascular. Ex-ministro da Saúde



Em 2003 tive a oportunidade de ministrar a aula inaugural do recém-criado curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará.

Era reitor da universidade o Prof. Manassés, que me transmitiu não apenas o seu entusiasmo, mas a certeza de um curso de qualidade e que buscasse formar um médico de que o País precisava.

Neste livro está relatada a trajetória desses primeiros dez anos: as lutas enfrentadas, as dificuldades vencidas, com a participação de docentes e alunos, que construíram juntos, um curso capaz de tirar nota máxima na avaliação do ENADE feita pelo MEC.

Uma das frases que habitualmente utilizo, e que está citada nesse livro, parece-me adequada para esse curso. Nunca aceitei a ideia frequentemente ouvida para justificar as deficiências, de que, não lhes dão condições adequadas. Digo sempre que os líderes não reclamam, lutam, inventam ,mobilizam, criam condições.

A história desse curso confirma a minha ideia, e me deixa confortável por ter participado, ainda que por uma única vez, dessa história de sucesso que desejo seja cada vez mais aprimorada para honra de todos os que participam dela e para o engrandecimento da própria medicina, que precisa e aplaude exemplos e esforços como os deste curso.

* *Prefácio In: ANDRADE, João Brainer Clares de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Medicina na UECE: a década que levou ao máximo. Fortaleza: Editora da UECE, 2013. 160p.*

32 MEDICINA NA UECE: a década que levou ao máximo

Manassés Claudino Fonteles

*Professor titular e ex-Reitor da Uece.
Fundador do Curso de Medicina da UECE*

João Brainer Clares de Andrade
Marcelo Gurgel Carlos da Silva



Medicina na UECE

A década que levou ao máximo



A HISTÓRIA DO PROJETO-MEDICINA DA UECE

A história de um projeto para o primeiro curso de Medicina do Ceará é obra do Dr. Francisco Sá Roriz, formado em Odontologia em 1912, no Rio Grande do Sul.

Amigo que era do Interventor Federal do Ceará, o General Setembrino de Carvalho, que o chamou para comandar a polícia militar do Estado, isso no ano de 1914. Naquele ano a única Faculdade existente no Ceará era o Curso de Direito. Ele reuniu lideranças médicas e odontológicas e propôs um plano ambicioso para se criar os cursos de Medicina, Odontologia e Farmácia. Na época, o Dr. Eduardo Salgado, grande liderança médica afirmou que o estado não tinha condições econômicas para um intento tão arrojado quanto aquele.

Sá Roriz não desistiu, mudou os seus planos, constituindo um grupo de apoio de dentistas e farmacêuticos locais e cria a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará em 1916, curso esse, depois amparado pela Lei Estadual nº 1.418, de 22 de outubro de 1917. Seguiu-se o curso de Agronomia em 30/3/1918. Já naquele tempo um médico participa da neo-faculdade, ensinando microbiologia e imunologia. Tratava-se do Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Filho. A criação do primeiro Curso de Medicina, ainda demoraria muito, cerca de 32 anos, dando-se sua fundação em 12 de maio de 1948. Quando ingressei na UFC, a Medicina tinha apenas 14 anos, e, portanto, apenas 4 anos a mais que sua congênere da UECE, que completa um marco de 10 anos, tendo a sua primeira turma graduada em 2008.

Assim, como a nossa Faculdade tinha pouco tempo de federalizada e ainda assim fiz toda a carreira, com aquela instituição apresentando suas dificuldades e contribuí de modo eficaz para o seu crescimento e afirmação acadêmica, juntamente com outros colegas pioneiros do ciclo básico. Desde o meu ingresso até os dias de hoje já são mais de 50 anos. Logo no 2º ano, comecei a fazer estágios na Universidade Federal de Pernambuco e depois na UFRJ (Medicina da Praia Vermelha), na USP (em Pinheiros) e na Escola Paulista de Medicina (Vila Clementino). Foi nesta caminhada difícil, mas fascinante em que aprendi os percalços de um novo curso médico.

Portanto, vivenciei realidades diferentes que me permitiram ganhar experiência, durante meu Doutorado na Escola Médica de Geórgia, concluído em 1974, e trabalhando com grandes nomes da Medicina dos Estados Unidos. Após criar o primeiro Curso de Doutorado da área médica na Região, em Farmacologia, aposentei-me daquela Instituição, embora continue colaborando com o Departamento de Fisiologia e Farmacologia. Ao ingressar na UECE por Concurso em 1992, vendo potencial naquela jovem IES (Instituição de Ensino Superior) de ampliar sua grade de cursos a serem oferecidos à juventude do Ceará, já que só dispúnhamos do curso de Medicina da UFC, e a demanda por novas vagas era enorme. Mas eu era apenas um professor de Farmacologia e Terapêutica, desde 1965, e pesquisador do CNPq, desde 1976; vislumbrei o potencial devido aos excelentes cursos de Veterinária, Enfermagem (o mais antigo do Estado), Nutrição e Ciências Biológicas. Em 1976, fui escolhido na lista sêxtupla para reitor pelo

Governador Tasso Jereissati. Ao ser nomeado, tive uma excelente conversa com ele, que demonstrou o desejo de apoiar o crescimento e qualificações da jovem UECE, como de fato o fez. Na ocasião, a Instituição contava com apenas 38 doutores.

Solicitei-lhe um crédito de confiança, já que devíamos dar um choque de competência e conseguimos abrir concurso para 101 vagas para doutores (capital) e mestres (interior). Ao lado disso, no ano seguinte fizemos pela primeira vez concurso para Professor Titular. O Ceará estava à época com uma luta muito grande para conter a mortalidade infantil e o Programa Saúde da Família já era uma realidade, sendo nosso estado um dos pioneiros.

Era preciso formar mais médicos e mais voltados para a nossa realidade, generalistas com boa formação básica. Criamos um núcleo forte de Ciências Fisiológicas e o Instituto Superior de Ciências Biomédicas, estrutura que é inaugurada com a presença do Dr. Beni Veras, então Vice-Governador, que associado ao excelente grupo de Medicina Preventiva, marcou o início do projeto. Em 1997, nomeamos um Grupo de Trabalho para definir as linhas mestras que norteariam o Curso. Esse grupo de notáveis entregou-me o relatório final no início de 2000.

Este grupo acolheria pessoas de grande reconhecimento, como Antero Coelho Neto, com sua experiência na preparação de vários projetos na OMS, onde trabalhou, por vários anos, com várias escolas médicas, na América do Sul e Caribe; Viliberto Porto trabalhou vários anos na UFC, dedicando-se não só como Professor de Anatomia,

mas em inovações curriculares junto à Associação Brasileira do Ensino Médico; Carlile Holanda Lavor, o criador do Programa Saúde da Família, que também passou pela Universidade de Brasília, nos anos iniciais de sua Escola Médica; José Henrique Leal Cardoso, que cursou pós-graduação na Biofísica do Rio de Janeiro, se doutorara em Medicina nos Estados Unidos, onde também cursara pós-doutorado em Maryland; juntou-se à Comissão o próprio Reitor que fizera muitas peregrinações em vários estabelecimentos de Ensino Médico e que era então assessor da CAPES, da FINEP e do CNPq.

Pela Portaria 1.571, de 02/10/2000 foram designados os professores que elaborariam as normas acadêmicas para o Curso, constituídas pelos professores Alcides da Silva Miranda, José Jackson Coelho Sampaio, Marcelo Gurgel Carlos da Silva, Krishnamurti de Moraes Carvalho, Valberto Barbosa Porto, Luís Luciano Arruda e Viliberto Cavalcante Porto. Assim o projeto pedagógico demorou cerca de dois anos, com várias reuniões no Gabinete do Reitor. A Comissão foi muito eficiente e elaborou um projeto digno de muitos encômios, sendo levado para apreciação do CEPE, em 12 de agosto de 2002 e no CONSU, em 23 de setembro do mesmo ano, tendo havido grande divulgação pela Imprensa falada e escrita.

Neste interregno, o Reitor, juntamente com o Dr. Krishnamurti de Moraes Carvalho, fizeram uma apresentação sumária do projeto ao Governador Beni Veras que nos recebeu com muita lhanza e apreciou o projeto. Antes de levá-lo ao Conselho Estadual de Saúde (CESAU),

cinquenta autoridades médicas, representando várias especialidades da medicina, foram recebidas na Reitoria e o projeto apresentado pelo Prof. Jackson Sampaio, com a presença de toda a Comissão que elaborara o PDI.

Ao mesmo tempo, o Reitor procurou contatar autoridades hospitalares da cidade para exposição de detalhes maiores do funcionamento do Curso. Em Reunião Plenária de dezembro de 2002, apresentando o projeto do Curso, o CESAU aprovou por unanimidade dos seus membros conselheiros, sem nenhuma objeção.

O edital do primeiro vestibular foi antecipado de uma longa carta escrita, de cerca de 15 folhas, endereçada pelo Reitor, ao Governador. Este foi um momento difícil porque havia uma oposição muito forte de certos meios políticos, no sentido da retirada do Edital. Prevaleceu o bom senso e a firmeza de propósitos em defesa da autonomia universitária. Foram espalhados vários boatos de que não havia professores para o Curso, mas nada nos fez mudar a trajetória inicial.

Ao início do primeiro ano contávamos com 40 médicos. Tivemos um forte incentivo de algumas pessoas, como Walter de Moura Cantídio, que me ligou mais de uma vez e do Dr. Antônio Martins Filho que nos fizera uma visita à Reitoria meses antes, me encorajando a não desistência do intento e que ele mesmo quando fora Reitor da UECE, pensara nesta probabilidade futura.

O vestibular foi um sucesso, com uma média de 63,5 candidatos por vaga. E esse número vem sempre crescendo. O Instituto Biomédico da UECE foi crucial neste

processo, com seu quadro de excelência de professores/pesquisadores, já com um Curso de Mestrado reconhecido pela CAPES.

No Centro de Ciências da Saúde, contamos com um grande reforço de mais dois cursos de pós-graduação, em nível de Mestrado e Doutorado, tanto na Enfermagem quando na Saúde Pública, uma qualificação que deu ao Curso da UECE, o único dos novos a ser ancorado em três pós-graduações.

Atualmente temos muito mais. Nossos alunos têm sido modelares, tanto em residências médicas, quanto na práxis como generalistas, onde têm se destacado no Programa Saúde da Família. Uma figura importante nesse projeto foi a do nosso Vice-Reitor, Francisco de Assis Moura Araripe, que trabalhou conosco, lado a lado, neste processo não toscanjando um só momento durante os momentos mais difíceis. Também foi notável o apoio do Reitor Jäder Moraes, sobretudo depois da minha mudança para São Paulo, onde assumi a Reitoria da Universidade Mackenzie, quando ele teve que dar apoio administrativo nas negociações para acalmar os espíritos contrários.

A união dos alunos e dos docentes constituiu-se no maior cabedal na construção do curso. A vinda do professor Jackson Sampaio para a direção do CCS, depois substituído pela Professora Gláucia Posso, foram colunas fortificadoras desta corajosa e sábia empreitada. A Professora Salete Bessa foi igualmente importante nesta etapa de implantação do Curso. Não podemos esquecer a seminal criação dos Professores de Práticas Médicas, que trouxe-

ram brilhante solução para o engajamento dos médicos que, em serviço nos diversos Hospitais do nosso Sistema de Saúde do Ceará, puderam ter um estímulo para a sua preciosa colaboração formativa.

Os resultados deste conjunto de virtuosidades tiveram sua compleição com o brilhante desempenho de nossos alunos no ENADE do ano passado, quando tiraram a melhor nota de nosso Estado e ficaram no 13º lugar em todo o País.

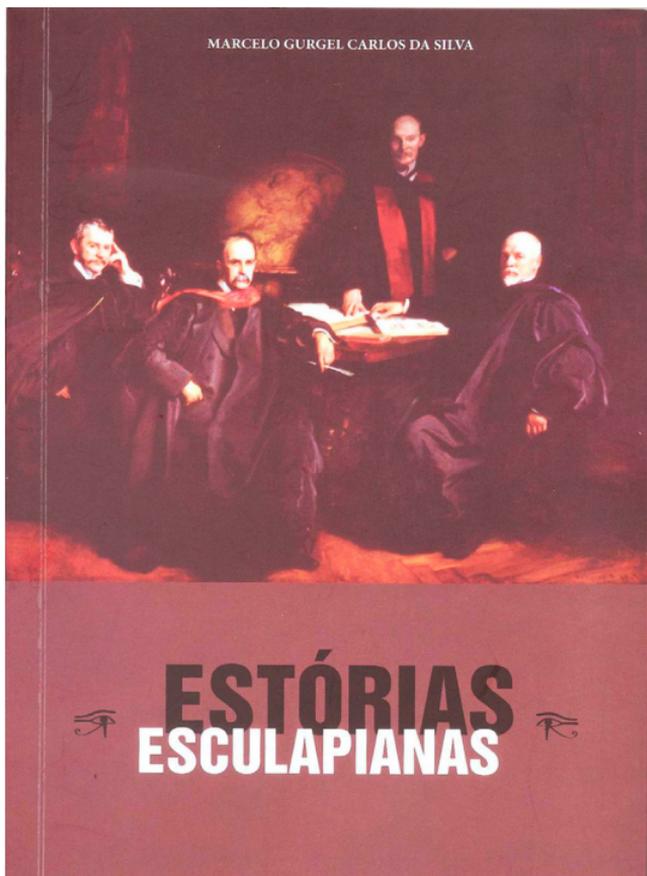
Durante mais de 7 anos como Reitor em São Paulo vim quase todos os anos, no mês de dezembro, ministrar aulas de Farmacologia Clínica aos nossos acadêmicos. Fui sempre com muito orgulho de ter ajudado a criar uma instituição que se afirma pela sua competência. Como dizia o presidente Jimmy Carter: *Keep Faith!* Mantenha a FÉ.

* *Posfácio In: ANDRADE, João Brainer Clares de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Medicina na UECE: a década que levou ao máximo. Fortaleza: Editora da UECE, 2013. 160p.*

33 ESTÓRIAS ESCULAPIANAS

Giselda Medeiros

Da Academia Cearense de Letras



ESTÓRIAS HILÁRIAS DE ESCULÁPIOS

Médico, economista, professor universitário, polígrafo, doutor em Saúde Pública e pós-doutor em Economia da Saúde, Marcelo Gurgel ainda encontra tempo e razões para se dedicar ao exercício da literatura. Aliás, Medicina e Arte se complementam e interagem na busca da beleza e da perfeição, desde os primórdios dos tempos. Ambas se imbricam no interesse pela vida e na inquietação do ser humano. Hipócrates já defendia essa verdade, asseverando que a medicina, assim como a literatura, constitui-se uma arte, por envolver sempre três atores: o médico, o paciente e a doença.

É fato: ambas lidam com a palavra. Vejamos: na medicina, a palavra é um instrumento terapêutico; na literatura, um instrumento de criação estética. Essa inter-relação constitui, hoje, um dos pontos-chave das chamadas Humanidades Médicas, que vêm sendo introduzidas nos currículos de várias escolas médicas, como afirma o grande médico e escritor Moacyr Scliar, que dedicou uma vida inteira à saúde pública, não deixando de ser também um dos mais prolíficos escritores brasileiros, contabilizando, entre romances, contos, ensaios, crônicas, ficção infanto-juvenil, além da produção relacionada à medicina, a marca de 80 livros, muitos deles premiados.

Marcelo Gurgel faz parte desse privilegiado grupo, em que se misturam, harmoniosamente, o homem médico – o que convive com esse tipo de real inerente à natureza humana: as doenças que põem em risco a vida; a morte, sempre a “indesejada das gentes”, em seus letais,

inesperados, lentos momentos, inexoravelmente a nos sugar; a loucura, o sofrimento, a angústia; o milagre do nascimento, tudo isso suscitando sentimentos, – e o homem artista, reinventando a vida, recriando um mundo em que podem conviver o bem e o mal, o louco e o sábio, o amor e o ódio, cada qual desempenhando o seu papel no teatro da própria vida, e, através da “arte verbal, passa a comunicar experiências inefáveis”.

Sempre seguindo a trilha da medicina e da literatura, Marcelo Gurgel, vem produzindo vastíssima obra, de inegável valor (artístico e científico), o que lhe vale a coleção de inúmeros prêmios e distinções que ostenta.

Nas lides acadêmicas, é sócio titular da Academia Cearense de Medicina e da Academia Brasileira de Médicos Escritores. É membro da SOBRAMES-CE (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) e da Sociedade Médica São Lucas, afora outras instituições culturais.

Mas, demos ênfase, agora, a esse novo título, com que Marcelo Gurgel vem engrossar as fileiras do conto cearense. *Estórias Esculapianas*, livro agraciado com o “Prêmio Literário” do VIII Edital de Incentivo às Artes, realizado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, enfeixa contos, recriados no dia-a-dia médico. São estórias, ora envolvendo o esculápio, ora o próprio paciente, em situações engraçadas, narradas com leveza, correção, personalidade e, sobretudo, com o conhecimento técnico, bem como sabedor das normas da narrativa.

Walter Benjamin nos alerta: “... a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas

que sabem narrar devidamente”. E conclui: “faltam-lhes a faculdade de intercambiar experiências”.

Notadamente, não é o que acontece com as narrativas de Marcelo Gurgel. Homem de mente privilegiada, dono de vastos conhecimentos, tanto no plano científico, como no literário, já tendo publicações nos gêneros: crônica, conto, ensaio literário, memorialismo, discurso, romance e teatro, cuja escritura mostra rico conteúdo, buscando interpretar a trajetória do homem em sua real condição humana, com suas dores, angústias, medos, sem deixar de ver o lado cômico da vida, intercambiando experiências.

Nesse seu mais recente livro, o médico e professor Marcelo Gurgel corrobora que escreve como uma forma de libertação e de superação desses elementos existencialistas adversos, imprimindo no leitor uma procura de paz e harmonia. E, para modelar esta existência sofrida, introduz nessas suas narrativas uma receita espetacular: o hilário, o cômico que transmutam e transfiguram nosso humor. O Autor sabe manejar, tão bem, a linguagem, os diálogos de suas personagens que pensamos ter em mão uma fotografia, a nos mostrar o poder que se manifesta no Autor de dar a essas personagens de papel o sopro de vida.

Desse modo, em sua vivência, o médico busca aproximar medicina e literatura, porque esta o leva a imergir a águas mais profundas, de onde vem à tona mais humano, mais livre e mais revigorado.

E, para concluir, fiquemos com esses versos de Walt Whitman (In: *Song of myself*, 1975):

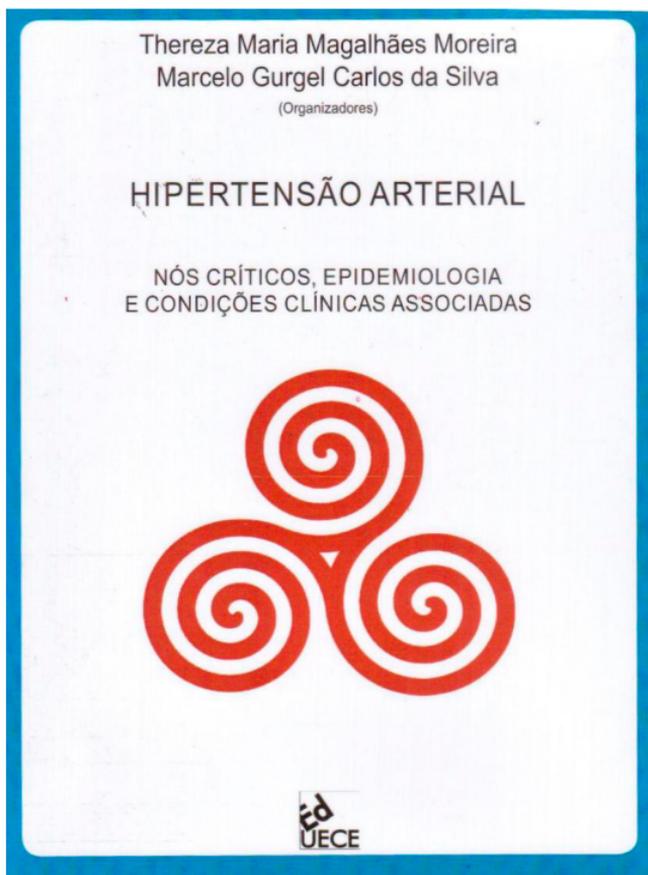
“Camarada, isto não é um livro
Quem toca nisto, toca em um homem.
(É noite? Estamos sozinhos?)
Sou eu que segura, e que te segura,
Eu salto das páginas para teus braços.”

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Estórias esculapianas. Fortaleza: Edição do autor, 2013. 144p.*

34 HIPERTENSÃO ARTERIAL: nós críticos epidemiologia e cuidados clínicos

Paula Frassinetti Castelo Branco Camurça Fernandes

Professora Adjunto do Curso de Medicina da UECE



Enfocando vários aspectos da hipertensão arterial, o presente livro está apresentado em três unidades, que abordam a complexidade do acompanhamento, a epidemiologia e das condições clínicas associadas e do tratamento.

O livro apresenta vários estudos que falam sobre a adesão aos anti-hipertensivos e do questionamento sobre a realidade sócio econômica do brasileiro, o que dificulta a realização das medidas não farmacológicas no tratamento da hipertensão arterial. Aborda as comorbidades, relacionadas a hipertensão, que é um dos principais fatores de risco para o aparecimento das doenças cardiovasculares, tais como acidente vascular cerebral e infarto agudo do miocárdio. A identificação dos fatores de risco da hipertensão arterial sistêmica (HAS) é crucial, a fim de planejar estratégias de intervenção e prevenir óbitos prematuros e anos de vidas perdidos.

Trata-se de uma fonte importante, porque trás dados da nossa população, cearense e brasileira. Demonstra como os dados do Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (SISAB) e do Sistema de Cadastro e Acompanhamento de Hipertensos e Diabéticos (SISHIPERDIA) são importantes para a epidemiologia da hipertensão e do diabetes. No entanto, as pesquisas demonstram, que esses dados são subnotificados.

A HAS é uma doença crônica, com longo curso assintomático, dessa forma, os pacientes devem ser educados em relação à doença durante as consultas médicas e, sempre que possível, em uma abordagem multidisciplinar.

Os autores demonstram que medir a adesão ao tratamento da HAS é um desafio! Enfatizam a necessidade de realizar pesquisas para criar instrumentos com validade e confiabilidade comprovadas de mensuração de adesão ao tratamento da HAS, de forma que possam identificar precocemente os usuários não-aderentes e monitorar a adesão ao longo do tratamento, a fim de reduzir a morbimortalidade decorrente da não-adesão ao tratamento da HAS.

No que diz respeito aos fatores de risco para a HAS, afirmam que o excesso de peso aumenta de duas a seis vezes o risco de HAS, enquanto a diminuição de peso em normotensos reduz a pressão e a incidência de HAS.

O exercício físico tem importante papel no controle da HAS, é um adjuvante no tratamento farmacológico e pode levar a redução da pressão arterial. Estima-se que a prevalência do sedentarismo seja de até 56% nas mulheres e 37% nos homens, na população urbana brasileira. Os exercícios físicos programados podem reduzir significativamente o risco de doença arterial coronariana, acidente vascular cerebral. As modalidades de exercícios físicos mais aconselháveis são as aeróbicas dinâmicas, como caminhadas rápidas, corridas leves, natação e ciclismo. A prescrição de exercícios físicos deve ser precedida de avaliação clínica, inclusive ecodopplercardiograma e teste ergométrico. É recomendável programa de exercícios físicos de intensidade moderada, com sessões de 30 a 60 minutos, três a seis vezes por semana.

A restrição de consumo de sal é importante na prevenção e no controle da hipertensão arterial, e associa-se a menor incidência de complicações cardiovasculares. Uma

dieta hipossódica satisfatória pode ser conseguida com redução de sal no preparo dos alimentos, do saleiro da mesa e exclusão de alimentos industrializados com elevado teor de sal, como embutidos, conservas, enlatados, defumados, sopas em pós, molhos e outros.

A hipertensão está associada a 40% dos casos de infarto agudo miocárdio (IAM) e estes dois agravos se constituem a principal causa de mortalidade entre 30 e 69 anos (65%), atingindo a população adulta em plena fase produtiva. Com frequência acarretam a invalidez parcial ou total, com graves repercussões para o usuário, a família e sociedade.

O acidente vascular cerebral (AVC) constitui-se uma das complicações mais incidentes da HAS e está relacionado com o baixo controle da PA. Representa uma das doenças com grandes repercussões à saúde pública, por ser na atualidade a primeira causa de mortalidade e de incapacidades em adultos no Brasil. É importante destacar que, em 2001, cerca de 7,6 milhões de mortes mundiais foram atribuídas à elevação da PA (54% por AVC e 47% por doença isquêmica cardíaca). Com relação à doença renal crônica, estima-se que existam 100.000 pacientes em tratamento dialítico. Existe uma relação direta e estreita entre grau de disfunção renal e risco cardiovascular.

Os fatores de risco cardiovascular modificáveis mais frequentes são o sedentarismo e o sobrepeso/obesidade, o que mostra que estratégias para redução do peso corporal por meio do incentivo à educação popular em saúde devem ser postas em destaque na atenção primária.

Observa-se nos relatos que, apesar de cerca de metade dos adultos estarem conseguindo controlar sua PA, o elevado percentual de comorbidades sugere diagnóstico tardio e tratamento insuficiente da HAS. Nesse sentido, novas pesquisas devem ser realizadas, a fim de identificar as causas do insucesso no tratamento anti-hipertensivo, devendo ser considerados além da adesão, a dificuldade de acesso à medicação e aos serviços de saúde, a efetividade dos esquemas terapêuticos utilizados, a conduta dos profissionais de saúde frente aos hipertensos, a influência dos efeitos colaterais dos medicamentos e dos aspectos culturais na abordagem e controle da doença.

No Brasil, em 2005, as doenças do aparelho circulatório foram responsáveis por 283.927 óbitos, isto é, 31,5% do total de mortes; a mortalidade cardiovascular alcançou 46,9% deste grupo. O acidente vascular cerebral e o infarto agudo do miocárdio foram as principais causas dos óbitos.

A HAS responde por, aproximadamente, metade das ocorrências por doenças isquêmicas cardíacas (47%) e acidente vascular encefálico (54%), está associada a altos custos socioeconômicos para a sociedade, família e para o indivíduo, além de gerar 40% das aposentadorias precoces no Brasil.

Ademais, estudos obtidos por inquéritos populacionais em cidades brasileiras nos últimos vinte anos apontam aumento da prevalência da HAS, atualmente acima de 30%.

Diante da sua elevada prevalência e baixas taxas de controle, a hipertensão é reconhecida como um grave problema de saúde no país. Isto se deve à grande parcela

de indivíduos hipertensos não diagnosticados ou não tratados adequadamente. Em face da situação, reforça-se a importância da verificação da pressão arterial (PA) como prática a ser adotada pelos profissionais de saúde em toda avaliação clínica. Deve ser feita de forma adequada com o preparo do usuário e adoção da técnica padronizada de equipamento calibrado.

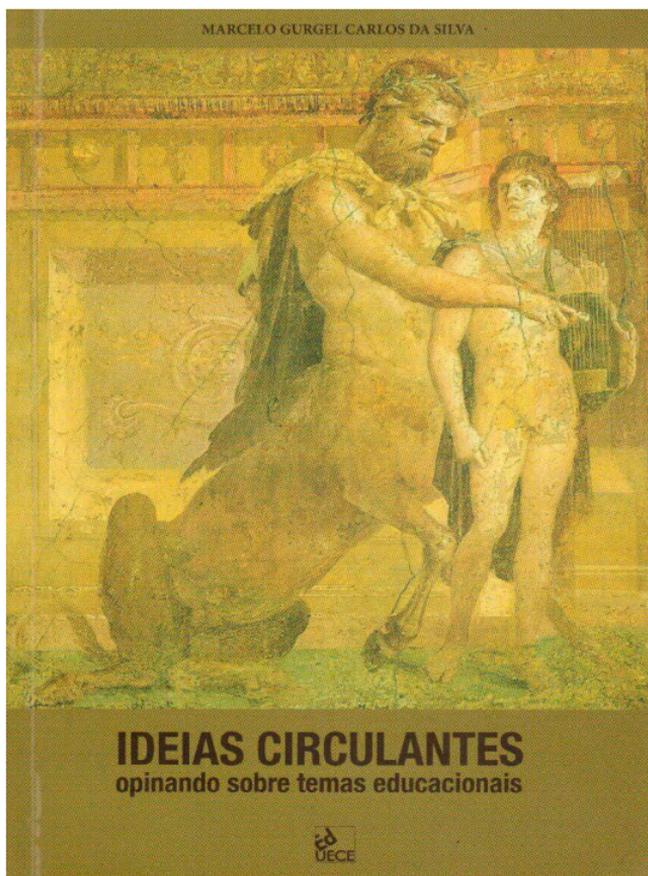
Finalmente, podemos dizer que este livro vem contribuir significativamente com a construção do conhecimento na área da hipertensão arterial. Lança problemas que devem ser debatidos dentro das Escolas Médicas e também pelos gestores de saúde com relação ao diagnóstico, tratamento e adesão aos medicamentos anti-hipertensivos e as medidas chamadas de *mudanças de hábitos de vida* (tratamento não medicamentoso). Intervenções simples podem ser instituídas para o melhor controle da pressão arterial, tais como a restrição na ingestão de sal, e os exercícios físicos, que permanecem sendo as intervenções mais importantes para prevenir aparecimento de alterações cardiovasculares. Outra estratégia importante que deve ser instituída é a capacitação dos profissionais responsáveis pela notificação dos dados do SISAB e do SISHIPERDIA, a fim de melhorar a qualidade da informação, pois estes dados contribuíram para estudos epidemiológicos na área da hipertensão e das comorbidades associadas.

* *Prefácio In: MOREIRA, Thereza Maria Magalhães; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Hipertensão arterial: nós críticos epidemiologia e cuidados clínicos. Fortaleza: EdUECE, 2013. 276p.*

35 IDEIAS CIRCULANTES

Thereza Maria Magalhães Moreira

Enfermeira e Advogada, Professora da UECE e Pesquisadora do CNPq



A presente obra é o 75º livro do renomado escritor cearense e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Marcelo Gurgel. Traz em seu bojo comentários sobre temas educacionais circulantes no cenário do estado do Ceará e do Brasil. São escritos, alguns deles presentes em jornais e em publicações de órgãos de educação e de saúde, revisitados pelo autor na atualidade, além de inéditos.

A obra se divide em cinco partes, a saber: ensino superior, Direito, Enfermagem, Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Na primeira parte, o autor tece comentários sobre o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e o Instituto Militar de Engenharia (IME), destacando a aprovação significativa dos cearenses nos exames para tais institutos. Refere a antiga proposta de financiamento do ensino superior público por meio da cobrança direta de egressos das instituições universitárias e o Exame Nacional de Cursos (Provão). Destaca também a “invasão” dos cursos de pós-graduação no Ceará por instituições de ensino de outros estados e a criação do curso de Belas Artes na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Além disso, o autor propõe o credenciamento do Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura (IDMAC) perante o Conselho Estadual de Educação do Ceará como centro de formação de promotores da cultura. Questiona a inserção de egressos de escolas estaduais na UFC, comentando riscos e falhas na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Refere também os equívocos da Lei 12.772/2012, que re-

baixou para graduado o requisito mínimo para inserção na carreira docente federal e cita o atual restabelecimento da exigência de pós-graduação.

Na segunda parte do livro, o autor comenta o aumento do número de médicos em busca do curso de Direito, discute a existência do Exame de Ordem como regulador do acesso de advogados ao mercado do trabalho, criticando a intensa criação de novas escolas e vagas, analisando seu crescimento no Ceará e a falta de um curso de Direito na UECE. Tece críticas a alguns mecanismos que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) utiliza nacionalmente para avaliar o rendimento dos cursos de Direito, contrapõe as cargas horárias dos cursos de Direito e Medicina, questionando a formação nesses cursos. Ao final, comenta a sequência do procedimento para escolha do Quinto Constitucional e sugere mudanças.

Na terceira parte, Gurgel faz um relato histórico sobre a primeira escola de Enfermagem no Ceará e suas primeiras turmas, sugerindo a criação da Academia Cearense de Enfermagem, em forma de patronato, visando resguardar a História da Enfermagem no Estado. Trata também da extensão do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Barbalha e da expansão exacerbada do ensino de Enfermagem no Estado, criticando a apatia e até colaboração de profissionais da área junto a este cenário. Relata historicamente a criação de academias de ciências no Ceará, reiterando a incitação para a Enfermagem. Sugere, ainda, que o Enfermaio, evento desenvolvido pela Enfermagem ueceana durante as come-

morações da Semana Brasileira de Enfermagem, torne-se um fórum de discussão para abordar os desafios profissionais atuais, como a criação dos cursos noturnos.

Na quarta parte do livro, o autor contesta a hegemonia e exclusividade da UFC na construção da produção científica cearense, reiterando a contribuição das demais Universidades nesta produção, questiona a discrepância na distribuição das Universidades Federais no país, sugerindo a criação da Universidade Federal do Cariri e sonhando com a Universidade Federal de Sobral. Trata também da aprovação do Projeto do Bacharelado em Oceanografia na UFC, destacando serem poucos os cursos existentes no Brasil nesta área e critica a criação da graduação em Finanças em Sobral. Além disso, louva a interiorização da UFC, requerendo maior inserção dos discentes da rede pública em suas vagas e faz reflexões sobre a inserção do ENEM na UFC.

Na quinta e última parte do livro, o autor aborda o crescimento da Universidade Estadual do Ceará e sugere que este crescimento poderia ser maior ao maximizar o aproveitamento de recursos e a diversificação da oferta com a criação de novos cursos de graduação, destacando mais de uma vez a necessidade de um curso de Direito na UECE e relatando a criação do curso de Psicologia. Trata também da consolidação da UECE como desenvolvedora de ciência, da transição docente UECE-UFC, do plano de cargos e carreiras conquistado na UECE a duras penas durante a última greve e de resgate salarial.

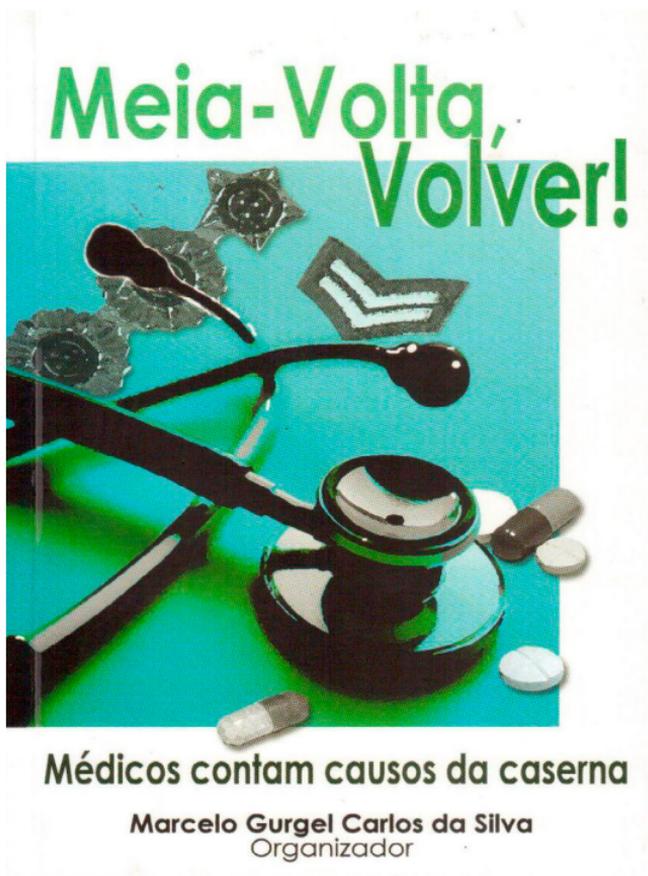
Por tudo isso, tona-se um livro instigante, com material muitas vezes premonitório, ao se antecipar aos acontecimentos, outras, analítico, frutos do pensamento de um escritor atencioso e perspicaz acerca dos conteúdos que delineiam a educação superior brasileira.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Ideias circulantes: opinando sobre temas educacionais. Fortaleza: EdUECE, 2013. 120p.*

36 MEIA-VOLTA, VOLVER! médicos contam casos da caserna

Francisco Einstein do Nascimento (*)

Tenente Coronel Farmacêutico do Exército Brasileiro



Meia-volta, Volver é um dos comandos de ordem unida dado às tropas durante formaturas e solenidades militares.

Marcelo Gurgel, com toda a sua inteligência, foi muito feliz ao escolher esse título para seu livro de causos da caserna, contados por médicos que, notadamente, presenciaram ou ouviram os fatos durante suas estadas nas forças armadas.

Por trás dos muros altos, das guaritas com sentinelas, do corpo da guarda das unidades militares, onde os pilares da hierarquia, disciplina e rigidez dos horários são levados ao fiel cumprimento de servir à Pátria pelos cidadãos fardados, Marcelo Gurgel mostra o lado engraçado do dia-a-dia de hospitais e quartéis, através de fatos narrados por médicos que, em sua ampla maioria, serviram ao Exército e à Aeronáutica.

Recebi com surpresa o convite de prefaciar o livro “**Meia-Volta, Volver!**” do Dr. Marcelo Gurgel, como uma deferência ao meu nome, por indicação do meu amigo Cel. Sidney, e posso dizer que os causos narrados nesse livro aconteceram e não foram criados, até porque, um deles, ocorreu comigo no Hospital Geral de Fortaleza, e no fato narrado pelo Cel. Sidney, eu era o primeiro lugar da turma do Curso de Formação de Oficiais Farmacêuticos da Escola de Saúde do Exército, e me vi ameaçado de não ser promovido ao posto de Major, por ter levado um conceito errado feito por um diretor do hospital geral, que não queria justificar conceitos excelentes de seus comandados, para não se expor perante os generais responsáveis pelas promoções de oficiais do Exército Brasileiro. Eu era o capitão Nascimento do fato citado.

O livro “**Meia-Volta, Volver!**” ilustra causos hilariantes e engraçados e prende a atenção do leitor, sendo o tipo do livro que nos faz lê-lo de “**uma sentada só**”, ou seja, você começa a ler e não quer parar e fica querendo mais ao seu final.

Parabenizo ao amigo Marcelo Gurgel pela iniciativa de mostrar o lado ameno das unidades militares, nelas incluídas as da Polícia Militar, através dos fatos que dariam roteiro para comédias cinematográficas.

No momento quero externar meu carinho e gratidão às Forças Armadas do Brasil, em particular, ao Exército Brasileiro, pelos ensinamentos de vida durante meus trinta anos de atividade militar, o que facilitou minha empregabilidade na vida civil com tranquilidade.

Aos leitores de **Meia-Volta, Volver!**, a certeza de que terão momentos de leitura prazerosas de acontecimentos de uma instituição de credibilidade secular, inabalável, que é o grupo formado pelas Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica).

Boa leitura!!!

** Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). Meia-volta, volver!: médicos contam causos da caserna. Fortaleza: Expressão, 2014. 120p.*

37 RELIGIO

Pe. Dr. Brendan Coleman Mc Donald
Redentorista

RELIGIO



Marcelo Gurgel Carlos da Silva
José Jarbas Studart Gurgel
Elsie Studart Gurgel de Oliveira (*in memoriam*)

Tenho a grata satisfação de apresentar à comunidade religiosa e pessoas de boa vontade este opúsculo intitulado “RELIGIO”, um substantivo em latim significando “religião”. Os componentes da família Gurgel se sobressaem pela sua lealdade à fé católica. O presente opúsculo é dividido em três partes.

A primeira parte é da autoria de José Jarbas Studart Gurgel que nos brindou com uma linda síntese biográfica em cordel do mais novo santo brasileiro São José de Anchieta. Interessante também da caneta do mesmo autor outra síntese histórica do Grupo Santo Antônio que recordou o envolvimento do grupo com “O Encontro de Casais com Cristo (ECC)” e o “Movimento de Cursilhos de Cristandade (MCC)”.

A segunda parte do livro é da autoria da Elsie Studart Gurgel de Oliveira, que partiu deste mundo no ano passado e que agora está gozando de seu bem merecido eterno descanso na Cidade Santa, a Celestial Jerusalém. Elsie nos brindou com “um quadro de sua história de vida” mostrando conhecimento incomum dos “santinhos de antigamente”. Sua iconografia dos Anais do 1º. Congresso Brasileiro de Médicos Católicos é algo que os médicos católicos e capelães de hospitais podem ler na certeza de sairão enriquecidos.

A terceira e última parte do livro é da autoria do médico Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva, que abordou com brilhantismo a vida de Dom Aloísio Lorscheider, de saudosa memória, no dia em que recebeu o título de “Doutor *honoris causa* da UECE”. Fiquei sensibilizado com a in-

clusão nesta obra de uma nota de pesar referente ao meu amigo, confrade redentorista e irmão no sacerdócio, nosso querido Pe. Leonardo Martin (*Requiescat in pace*).

RELIGIO é um livro de leitura leve e agradável e nos mostra a cultura invejável e os conhecimentos profundos dos três autores sobre sua fé católica.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da; GURGEL, José Jarbas; OLIVEIRA, Elsie Studart Gurgel de. Religio. Fortaleza: Expressão, 2014. 104p.*

38 SAÚDE PÚBLICA: 500 questões comentadas para provas e concursos

Mauricio Gomes Pereira

Professor Emérito, Universidade de Brasília



Há alguns anos, escrevi um livro sobre a teoria e a prática da epidemiologia. Ao fim de cada capítulo, apresentei alguns exercícios. Por limitações de espaço, somente poucos exercícios puderam ser inseridos. Recebi muitos comentários sobre eles. Afirmaram tratar-se de grande ajuda para consolidar conceitos e apreender detalhes de sua aplicação.

O presente livro do Professor Marcelo Gurgel reúne um número bem maior de exercícios, somente possível em livro dedicado exclusivamente a eles. Exercícios apresentados e comentados permitem ao aprendiz, isoladamente, resolvê-los e logo verificar se as respostas estão corretas. As tentativas de acerto e erro são didáticas e estimulantes, pois quem acerta, sente que domina o assunto. Fica instado a ir adiante. Quem erra e verifica onde e como isso ocorreu tende a reter esse conhecimento. Aprende a lição e fica igualmente estimulado a ir adiante.

O livro Saúde Pública: Questões Comentadas serve tanto para estudo isolado quanto para complementar outros livros de saúde pública. O iniciante, que o utiliza como complemento para estudo de conceitos e métodos, verá os mesmos assuntos em diferentes perspectivas. Isso auxilia o estudante a compreender as aplicações da teoria. Mesmo os profissionais experientes aproveitam o conteúdo de livros de exercícios. Por mais experientes que sejam jamais podem ter vivenciado toda a gama de situações descritas no livro.

O Professor Marcelo Gurgel, com a publicação do seu livro, do qual é autor único, dá prosseguimento à sua car-

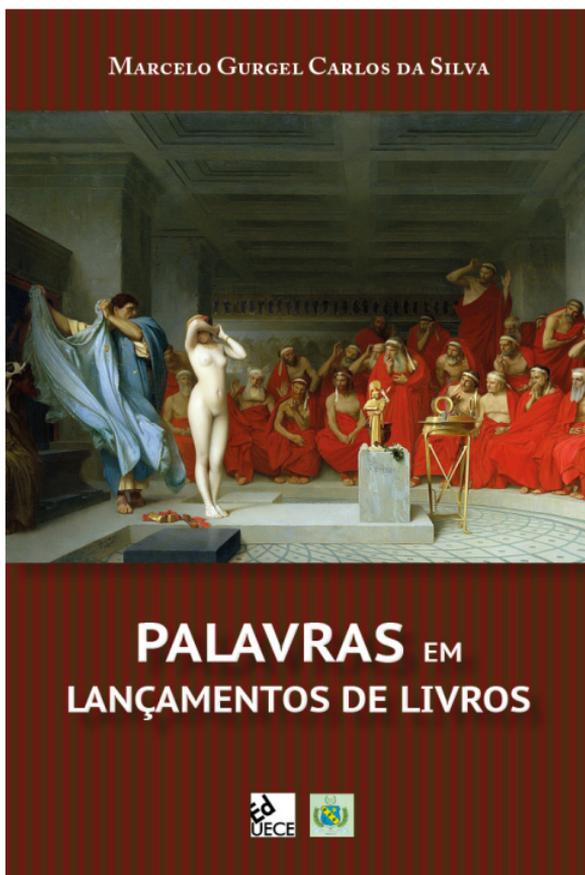
reira vitoriosa de escritor com incursão em vários campos. Como autor de livros didáticos de saúde pública ele se destaca por suas contribuições de enorme valor, dedicadas à formação de profissionais de saúde.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saúde pública: 500 questões comentadas para concursos e exames. Salvador: Sanar, 2014. 341p.*

39 PALAVRAS EM LANÇAMENTOS DE LIVROS

Paulo Cesar Alves Carneiro

*Membro da ACAMERJ e ABRAMES e professor da Faculdade
de Medicina da UFRJ*



Sinto-me lisonjeado com o convite para prefaciar um livro digital do escritor cearense Marcelo Gurgel Carlos da Silva (professor titular da UECE e meu confrade na Academia Brasileira de Médicos Escritores - ABRAMES), sendo ele possuidor de uma vasta obra científica e literária.

Apenas dados evidentes contemplam tal convite, quais sejam a amizade e o respeito mútuo reinante, desde os bancos escolares no Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC).

O autor possui uma energia intelectual implacável, contrastando com uma aparente debilidade física ou corporal. Vive para a saúde pública, a medicina, a literatura e a família. Um sexagenário que escreve para manter-se mais ativo e vivo, e, desse modo, continuar delatando um pensamento funesto: a proximidade da morte, que é inexorável aos homens.

Marcelo Gurgel, desde os nossos tempos estudantis, já era um cultor da Retórica, tendo sido escolhido, em 1977, orador discente da solenidade comemorativa dos 29 anos de fundação da Faculdade de Medicina da UFC, pela direção do Centro de Ciências da Saúde da UFC, então conduzida pelo estimado Prof. Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves, meu dileto confrade da Academia Brasileira de Medicina Militar, sendo ele membro honorário.

A presente obra é uma seleção de 25 discursos pronunciados por Marcelo Gurgel em lançamentos literários, englobando publicações de sua autoria e de outros escritores, merecendo salientar as antologias anuais da Sobrames-CE, em que ele atuou na organização.

Desejo que este livro eletrônico do confrade Marcelo Gurgel tenha sucesso entre os escritores nacionais, que fazem lançamentos festivos de suas obras, além dos múltiplos “orgasmos”, com os autógrafos e dedicatórias individualizadas, de conformidade com a personalidade e a sensibilidade de cada um.

Por derradeiro, afirmo que se trata de um prefácio curto e para justificá-lo evoco a sentença emprestada de Quevedo, que diz “Que Deus te livre, leitor de longos prólogos e de epítetos ruins.”

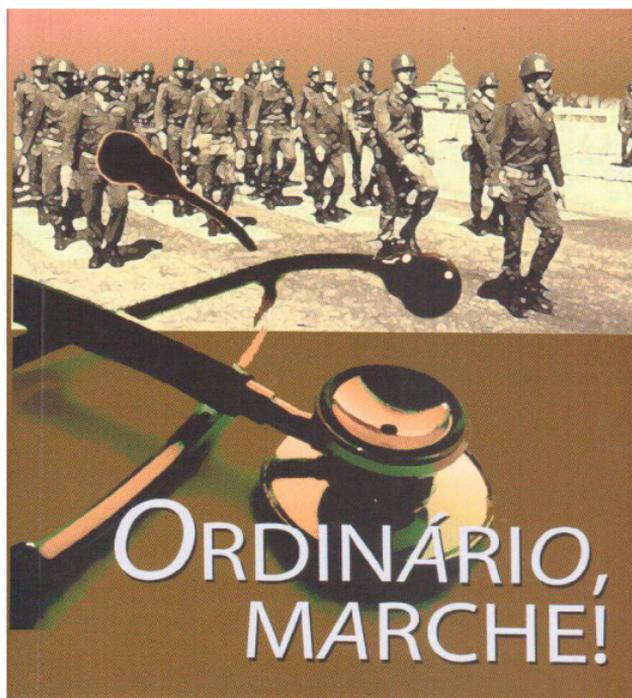
Parabéns! Parabéns! Ao Prof. Dr. Marcelo Gurgel e aos seus leitores.

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Palavras em lançamentos de livros.: Fortaleza: EdUECE, 2014. 146p. (Doc. N° 5.2.1.76).*

40 ORDINÁRIO, MARCHE! médicos contam casos da caserna

Celina Côrte Pinheiro

Médica ortopedista e traumatologista



Médicos contam casos da caserna

Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Organizador

Nasci e teci a trama de minha vida em meio a fadas, gnomos, palácios, bruxas, sacis-pererês e música. Muita música! Na cozinha, minha mãe driblava as panelas, enquanto entoava canções tradicionais e até mesmo óperas da velha Itália. Ao piano ou ao acordeão, meu pai e minha irmã sonorizavam o ambiente, emprestando-lhe cor e graça. À noite, as cadeiras na calçada eram o prenúncio de muita conversa e muitos causos. Que medo eu sentia daquela fantasia travestida de realidade. Eu não saberia diferenciar uma da outra. Meus olhos espantados e o coração acelerado pelo imaginário davam-me a sensação de plenitude diante de uma vida que mal se iniciara. E assim cresci envolvida pela ternura do convívio com familiares e amigos, bem como pela criatividade, eivada de sonhos encantados ou pesadelos fantasmagóricos reinantes no misterioso mundo infantil.

Em minhas mãos agora, mais um volume dos causos da caserna, organizado pelo competente médico de tantos pendores e sobramista, Marcelo Gurgel. O primeiro, lançado em dezembro de 2013, traz o pertinente título, *Meia-volta, volver!* Em 2014, uma nova fornada de *Causos da Caserna*, o II, com o título *Ordinário, marche!*, uma usual expressão militar de ordem para se caminhar em fila disciplinada, sem atropelar o soldado da frente. No livro, a fila obedece apenas à ordem alfabética. O restante corre por conta do estilo de cada autor.

Se meu pai vivo fosse, com certeza eu teria causos para contribuir na composição do livro, pois ele, em sua juventude, vivenciou a caserna por alguns anos, saído de um lugarejo quase descrente do mapa para a imensidão

da cidade de São Paulo. Mas o tempo se encarrega de apagar certas memórias... Daí o valor de preservá-las através de livros como este. Vários colegas médicos enfrentaram a disciplina militar, nem sempre aceita ou compreendida por profissionais que trazem em seu íntimo os clamores da liberdade. Ali, com certeza, passaram momentos difíceis, quando o estresse tomou conta e quase os fez desistir, mas, por outro lado, vivenciaram também momentos da mais pura jocosidade que agora, transferidos para o papel, dão-nos o prazer da leitura leve e descompromissada. Vivi meus sonhos, pesadelos, temores e alegrias através de vivências infantis deixadas para trás, quando o disciplinamento se dava através de aforismos e histórias. Igualmente, os colegas participantes deste agrupamento de causos da caserna passaram por momentos difíceis, ponteados, contudo, pelo inusitado que deu um sabor mais agradável a suas vidas. Eis porque, para concluir, utilizar-me do pensamento de William Bolitho quando afirma: *A coisa mais importante não é capitalizar vossos ganhos. Isto, qualquer tolo pode fazê-lo. A coisa realmente importante é tirar proveito de vossas perdas. Isto requer inteligência e faz a diferença entre um homem superior e um homem comum.* Rememorar fatos vividos sem ressentimentos, mas com alegria e senso de humor, faz bem à saúde. Espraiar o riso é também uma forma de compartilhar a boa saúde e o bem-estar com os demais. Almejo, pois, uma boa leitura a todos!

* *Prefácio In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (org.). Ordinário, marche! Médicos contam causos da caserna. Fortaleza: Expressão, 2015. 112p.*

